

Luiz Fernando Amaral dos Santos

A Identidade Malufista: bases da proposta política de Maluf nas eleições de 2000 em São Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Ciência Política do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Profa.
Dra. Rachel Meneguello.

Este exemplar corresponde à versão
final da Dissertação defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora em
20/02/2006.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rachel Meneguello DCP/IFCH

Profa. Dra. Vera Lúcia Michalany Chaia PUC-SP

Prof. Dr. Valeriano Mendes Ferreira da Costa DCP/IFCH

Suplente:

Prof. Dr. Fernando Azevedo UFSCar

Prof. Dr. Bruno Wilhelm Speck DCP/IFCH

Fevereiro/2006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP
Bibliotecário: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

Santos, Luiz Fernando Amaral dos.

Sa59m A identidade malufista : bases da proposta política de
Maluf na eleição de 2000 em São Paulo / Luiz Fernando Amaral dos
Santos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador: Rachel Meneguello.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Maluf, Paulo Salim, 1931. 2. Partidos políticos.
3. Análise do discurso. 4. Eleições. 5. Conservantismo.
I. Meneguello, Rachel. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Título em inglês: The Malufist identity.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Parties, Political, Discourse analysis,
Elections, Conservatism.

Área de concentração: Ciência Política, Comportamento Político, Estudos
Eleitorais

Titulação: Mestre em Ciência Política.

Banca examinadora: Rachel Meneguello, Valeriano Mendes Ferreira Costa,
Vera Lúcia Michalany Chaia.

Data da defesa: 20-02-2006.

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

LUIZ FERNANDO AMARAL DOS SANTOS

**A IDENTIDADE MALUFISTA: BASES DA PROPOSTA POLÍTICA DE MALUF
NA ELEIÇÃO DE 2000 EM SÃO PAULO.**

Dissertação de Mestrado em Ciência Política
apresentada ao Departamento de Ciência Política
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob
orientação da Profa. Dra. Rachel Meneguello.

Este exemplar corresponde a versão final
da dissertação defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em20.02.06.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rachel Meneguello

Prof. Dr. Valeriano Mendes Ferreira Costa

Profa. Dra. Vera Lúcia Michalany Chaia

Suplentes:

Prof. Dr. Fernando Azevedo

Prof. Dr. Bruno Speck

Fevereiro/2006

400645411

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. Às vezes com um simples ‘Bom dia!’, outras, com considerações de ordem acadêmica mesmo. Muita gente com as quais me relacionei nesses anos de Unicamp me proporcionaram uma vivência construtiva e agradável. Dou o mesmo valor a todas elas.

Apesar de achar muito arriscado cometer injustiças ao citar nomes, algumas pessoas tiveram uma participação destacada na realização desta Dissertação. São elas: Danilo ‘Paiteta’, João Fábio ‘Espanhol’, André ‘Bodinho’, Ingrid Ribeiro, Fabiana Barbi, Rodrigo Vasquez, Carol Bagnolo, Fabiano ‘Hardy’, Rodripop, B-1, Adriano ‘Chapolim’, Andrés Zarankin, Andriei, Carla Janzen, Danilo Zanatta e Nilsão.

Aos professores: Profa. Dra. Ângela Araújo, Prof. Dr. Fernando Lourenço, Prof. Dr. Carlos Vogt, Profa. Dra. Vera Chaia, Prof. Dr. Valeriano Mendes, Profa. Dra. Amnéris Maroni, muito obrigado.

Aos funcionários do IFCH, com destaque ao Seu Luís, Seu Zé, Maria e Muchacho.

À toda a equipe do CESOP também sou muito grato.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), agradeço pela bolsa concedida.

Um agradecimento especial para a minha orientadora Profa. Dra. Rachel Meneguello com quem tive o privilégio de trabalhar durante esses últimos anos. Foi com ela que descobri a paixão pelo estudo dos partidos políticos, e é nela que me espelho profissionalmente.

Ao meu pai José Roberto, agradeço por ter me ensinado a viver pelos meus próprios meios. À minha mãe Beth, e às minhas queridas irmãs, Renata, Regina e Mariana, agradeço pelo companheirismo e apoio. Por mais difíceis que tenham sido os obstáculos nestes últimos anos, nós sempre conseguimos superá-los, de mãos dadas. Não há distância que nos separe.

Ao meu querido Avô Ayrton, um agradecimento especial pelos seus conselhos e amizade. Sou fã da sua juventude e da sagacidade do seu humor. Ter o seu afeto, faço questão de frisar, sempre foi um privilégio pra mim.

À minha Florzinha Maria Teresa, tenho muito a agradecer. Seu companheirismo, sua compreensão e sua paciência durante as minhas freqüentes alternâncias de humor foram muito importantes. Nunca esquecerei o apoio que você me deu nos momentos de dificuldade e também na revisão do meu português. Espero um dia poder devolver tanto carinho.

SUMÁRIO

Glossário de Partidos e Siglas.....	vi
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução.....	9
I-O Conservadorismo e a Direita Contemporânea.....	11
I-1- Nova Direita nos EUA.....	19
I-2- Nova Direita na Europa.....	22
II-A Nova Direita no Brasil.....	27
III- O Contexto Partidário e Eleitoral Conservador Paulista.....	37
III-1-As forças políticas paulistas no período 46-64.....	37
III-2-As bases do cenário político partidário.....	41
III-3-As lideranças políticas em São Paulo: Palco de Adhemar e Jânio.....	46
III-4-As bases da política durante a experiência militar de 64.....	52
III-5-A trajetória política de Paulo Maluf.....	55
IV- A Dinâmica Política na Capital Paulista no Período Pós-85.....	59
IV-1-As eleições de 2000.....	65
V-Mídia e Discurso Político: Pressupostos Metodológicos.....	71
V-1-As referências da análise do discurso.....	72
V-2-Procedimentos da análise do material.....	77
VI-O discurso malufista em 2000.....	83
VII-Conclusões:“O ‘Malufcentrismo’ da disputa na capital”.....	99
Bibliografia Utilizada.....	111
ANEXOS.....	117

GLOSSÁRIO DE PARTIDOS E SIGLAS

MDB-Movimento Democrático Brasileiro.

PT- Partido dos Trabalhadores.

PMDB- Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

PTB- Partido Trabalhista Brasileiro.

PDC-Partido Democrata Cristão.

PP-Partido Progressista¹

PPB-Partido Progressista Brasileiro²

PDS- Partido Democrático Social.

PFL- Partido da Frente Liberal.

PL- Partido Liberal.

PST- Partido Social Trabalhista.

PTR- Partido Trabalhista Renovador.

PPR- Partido Progressista Renovador.

PRN- Partido da Reconstrução Nacional.

Prona- Partido da Reedificação da Ordem Nacional.

PSDB- Partido da Social Democracia Brasileira.

PSB- Partido Socialista Brasileiro.

UDN- União Democrática Nacional

ARENA- Aliança Renovadora Nacional.

RPR- Rassemblement pour la Republique

UDF-Union Democratique Française

GRECE - Groupment de Recherche et D'Estudes sur la Civilisation Européene

MTR- Movimento Trabalhista Renovador

¹ Criado em 1993 através da fusão entre o PST e o PTR. EM 1995 fundiu-se com o PPR para formar o PPB.

² Depois de 2003 Mudou seu nome para PP, Partido Progressista.

RESUMO

Mesmo considerando que a proposta política de Paulo Maluf (PPB) está sustentada em um programa mais amplo dentro do campo político conservador, seu enraizamento no cenário político do Estado de São Paulo, e especialmente na capital paulista, destaca-o como importante liderança local e regional, e justifica a abordagem aqui apresentada.

Em 2000, Paulo Maluf apresenta-se na campanha eleitoral paulistana constituindo o contraponto à proposta política claramente identificada à esquerda, representada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Apesar do candidato do PPB não oferecer em seu programa uma matriz conservadora forte e bem definida, apresenta-se no cenário político da capital paulistana como o mais votado representante do conjunto de propostas conservadoras.

A partir da análise do discurso de Paulo Maluf (PPB) em 2000 no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral veiculado na TV, mostramos como o discurso malufista é construído através do levantamento de temas ligados à problemática e aos valores sociais gerais levantados pela Nova Direita Brasileira, constituindo assim a associação do discurso malufista a essa corrente política.

ABSTRACT

Considering that Paulo Maluf's (PPB) political proposal is based on a wider program within the conservative political realm, its roots within the political scenario in the State of Sao Paulo, especially in São Paulo city, detaches him as an important local and regional leadership, and justifies the presented approach.

In 2000, Paulo Maluf is presented in the paulistana electoral campaigns constituting the counterpoint to the political proposal clearly identified to left wing, represented by Workers Party. Despite not presenting a well-defined and strong conservative matrix, the PPB candidate is the most voted representative of a set of conservative proposals, in the political scenario of the paulistana capital.

From Paulo Maluf's speech analysis in 2000 in the Gratuitous Time of Electoral Propaganda on TV, we show how the malufista speech is built through a set of issues related to the problems and to the general social values raised by New Brazilian Right Wing, associating malufista speech to this political mainstream.

I-INTRODUÇÃO

A singularidade das lideranças políticas de São Paulo é um tema ao qual os cientistas sociais têm se debruçado frequentemente. Desde o aparecimento do PSP de Ademar de Barros, passando por Jânio Quadros e finalmente, o nosso objeto de estudo, Paulo Maluf, o eleitorado de São Paulo—principalmente na sua capital—apresenta uma clara tendência à votação em lideranças conservadoras.

Este Projeto de Mestrado tem como seu tema o estudo da liderança política de Paulo Maluf nas eleições de 2000 na cidade de São Paulo, com base na análise do discurso veiculado na propaganda política do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) de 2000.

A hipótese que permeia este estudo está baseada na idéia de que Paulo Maluf está associado a um conservadorismo moderno, que reserva certas características próprias não só em relação aos referenciais internacionais do conservadorismo contemporâneo, mas também em relação aos referenciais presentes nos partidos brasileiros.

Mesmo considerando que a proposta política de Paulo Maluf está inserida em um campo político conservador mais amplo, seu embasamento dentro do cenário político do Estado de São Paulo, e especialmente na capital paulista, destaca-o como importante liderança local e regional, e justifica a abordagem aqui apresentada.

Em 2000, Paulo Maluf apresentou-se na campanha eleitoral paulistana constituindo o contraponto à proposta política claramente identificada à esquerda, representada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Apesar do candidato do PPB não oferecer em seu programa uma matriz conservadora forte e bem definida—Maluf apresenta juntamente ao discurso moralista e autoritário, elementos discursivos apropriados da esquerda—figurou

no cenário político da capital paulistana como o mais votado representante do conjunto de propostas conservadoras.

Esta pesquisa de mestrado utilizou o material relativo às gravações dos programas eleitorais nas eleições municipais em 2000 na cidade de São Paulo, realizadas no âmbito do Projeto Temático "Mídia, Campanha Eleitoral e Comportamento Político em São Paulo", coordenado pela Prof: Vera Chaia (PUC-SP) e com as subcoordenações de Fernando Azevedo (UFSCAR), Rogério Schmitt (ESP) e Rachel Meneguello (UNICAMP); (processo Fapesp n° 2000/02990-8).

O trabalho está organizado da seguinte forma: a primeira parte estabelece os referenciais teóricos que orientam o conhecimento das bases do pensamento conservador, e está composta do Capítulo 1: **O Conservadorismo e a Direita Contemporânea**, que expõe o que a literatura nacional e internacional tem a dizer sobre o desenvolvimento do pensamento conservador e a dinâmica de sua atuação na sociedade contemporânea.

No Capítulo 2 apresentamos as bases programáticas e como se desenvolveu no **Brasil a Nova Direita**. No Capítulo 3, **O Contexto Partidário Eleitoral Conservador Paulista**, fazemos uma reconstituição de alguns dos fatores que podem ter sido a causa do desenvolvimento político diferenciado do Estado de São Paulo. No Capítulo 4, **A Dinâmica Política na Capital Paulista no Período Pós-85**, apresentamos um resgate dos acontecimentos eleitorais da cidade de São Paulo para estabelecermos as bases da competição de 2000. O Capítulo 5, **Mídia e Discurso Político: Pressupostos Metodológicos**, estabelece os referenciais teóricos que embasam o nosso enfoque na Análise do Discurso malufista, para chegarmos então às conclusões apresentadas no último capítulo: **O Discurso Malufista em 2000**.

I-O CONSERVADORISMO E A DIREITA CONTEMPORÂNEA

Para a compreensão dos aspectos da direita no contexto brasileiro, faz-se necessária uma apresentação das mais significativas correntes dessa vertente política e filosófica em um cenário mais amplo. Nesta seção do texto apresentamos algumas vertentes do pensamento conservador e seus principais referenciais, como as noções de identidade, críticas ao papel do Estado no mercado e na sua relação com a vida privada. Esses referenciais constituem parâmetros para analisar as características da direita brasileira no período pós-85.

Em primeiro lugar, é necessária uma distinção entre o que vem a ser *conservadorismo* e *direita*. Se por um lado, literalmente ser conservador significa querer preservar, nas atuais circunstâncias, aqueles que se autodenominam conservadores não desejam (na maioria das vezes) fazê-lo. Nas recentes disputas políticas na Europa, os socialistas mostram, em geral, como meta a preservação das instituições existentes, ou seja, o *welfare-state*; o sentido de preservação está agora com quem antes pregava a mudança (Giddens, 1995). Dentro dessa tendência, os partidos conservadores atuais têm como meta, na maioria dos casos, mais aspectos que visam mudanças institucionais do que os programas apresentados pela esquerda. Como as vertentes de conservadorismo são muitas nos diferentes países em que se apresentam, procuramos oferecer as questões que mais colaboram com a constituição da base teórica considerada para o desenvolvimento dessa pesquisa.

De acordo com Anthony Giddens, em seu trabalho "Para além da Esquerda e da Direita", o Velho Conservadorismo consistiria na defesa do *Ancien Régime*, ou seja, a contraposição às idéias Iluministas, rejeitando o novo em favor do velho, opondo-se às

formas de progressivismo com teorizações sobre a importância da tradição, da história e da comunidade moral (Giddens, 1995).

Segundo o autor, para o período que remota ao século XVIII, a sociedade determinada por uma ordem democrática seria um desastre, pois levar em conta os valores individuais como valores fundamentais seria, para o autor, um absurdo; ou seja, rompendo com a ordem vigente, estaríamos rompendo com a tradição e as vantagens que as várias gerações construíram como a verdade social, contrariando assim a sua tese da organicidade da sociedade determinada pelas várias gerações passadas (Hampsher-Monk, 1984, apud Guiddens, 1995).

Os velhos conservadores criticavam a expansão do comércio, da indústria e elaboraram uma crítica severa à sociedade burguesa. Era a defesa dos interesses da aristocracia *versus* a burguesia emergente após as revoluções burguesas. Essa vertente fundadora do conservadorismo baseava-se no radicalismo de restabelecimento do passado, contra o avanço da democracia burguesa e do capitalismo. Portanto, o Velho Conservadorismo defendia a aristocracia, a hierarquia, a primazia da coletividade, ou do Estado³ sobre o indivíduo, e a importância proeminente do sagrado (Guiddens, 1995).

Robert Nisbet defende que uma perspectiva mais útil para o entendimento das três ideologias modernas (Socialismo, Liberalismo e o Conservadorismo) exige o acréscimo de um terceiro fator na relação Indivíduo-Estado. Este seria a estrutura de grupos e associações intermédias que estabelecem relações tanto com um como com outro. (Nisbet, 1987).

De maneira muito mais aplicada que o liberalismo e o socialismo, a maioria dos filósofos do conservadorismo tomaram partido dos direitos da Igreja, das classes sociais, da

³ Lembrando que essa defesa do Estado, significava na época a manutenção dos privilégios da aristocracia.

família e da propriedade contra as reivindicações da teoria dos direitos naturais e do nascente utilitarismo por um lado, e também contra o crescente Estado Nacional Democrático. A crença conservadora tem como premissa constante o direito à sobrevivência de toda a estrutura intermédia da nação contra as marés do individualismo e do nacionalismo (Nisbet, 1987).

Esse debate, que foi muito presente na jurisprudência do século XIX *"(...) toma como ponto de partida os direitos dos velhos e novos grupos contra o Estado, por um lado, e os indivíduos por outro"* (Nisbet, 1987 p. 46). Neste confronto podemos identificar como principal característica do conservadorismo filosófico a contraposição dos chamados grupos intermediários em relação aos extremos da relação triangular que tem assim o individualismo e o nacionalismo—conseqüentemente com as ideologias próprias em que tais referenciais desembocam, ou seja, socialismo e liberalismo. (Nisbet, 1987)

Podemos, então, indicar que das três ideologias, a menos interessada na manutenção dos direitos tradicionais dos grupos médios é o socialismo, inclinando seu ponto de vista sobre a família, a comunidade local e; acima de tudo, na classe social, colocando-se assim ideologicamente no extremo oposto ao conservadorismo. O liberalismo, por sua vez, não se distancia tanto deste por apresentar em setores de sua prática, indulgências para com agrupamentos como as associações voluntárias que favoreceriam o pluralismo liberal. É também importante lembrar a influência do utilitarismo de Bentham expresso pela simpatia do liberalismo pelo indivíduo e seus direitos, contra o Estado e os grupos sociais. (Nisbet, 1987).

Seguindo as divisões que Giddens propõe⁴, com a morte do Velho Conservadorismo em virtude da vitória do Iluminismo e das revoluções burguesas, surgem os grupos que defendem filosoficamente o conservadorismo, os Neoconservadores e a Nova Direita⁵.

O conservadorismo filosófico tem como principal representante na Inglaterra Michael Oakeshot (1962). Segundo Roger Scruton (1980), Oakeshot define que os três principais pontos que embasam os conservadorismos são a tradição, a autoridade e a lealdade. (Guiddens, 1995).

A tradição representa a fé em acordos baseados no conhecimento daquilo que já foi tentado, e é nesta fé que se sustenta o segundo ponto, a autoridade, necessária para definir um domínio público objetivo e aceitável, opondo-se a quaisquer acordos ou contratos sociais baseados na "escolha consciente". A lealdade, para Oakeshot é definida como o dever de um membro da coletividade a essa autoridade. É dessa forma que, de acordo com Guiddens, Oakeshot define sua teoria sobre a tradição, considerando a lealdade não como uma decisão individual, mas surgida do que seria social e moralmente transcendente, dando-lhe assim, a importância e expressão que vem da tradição (Guiddens, 1995).

A novidade desse tipo de conservadorismo reside na concepção da democracia exercendo seu papel na sociedade através do Estado, através da tríade *tradição, lealdade e autoridade*, porém com algumas ressalvas. Como a democracia pressupõe decisões independentes e a existência de algum elemento contratual, Oakeshot estabelece uma

⁴ No debate sobre as vertentes históricas do conservadorismo, os autores que tratam do assunto apresentam algumas divergências nomenclaturais. Como por exemplo, os cortes temporais que Giddens aplica para explicar o conservadorismo que não estão presentes em Nisbet. Porém, as diferenças metodológicas entre os autores não serão contempladas nesse trabalho onde propomos refletir sobre a realidade da direita contemporânea em São Paulo.

⁵ Guiddens considera a Nova Direita como o arauto do neoliberalismo.

relação de certa forma dialógica entre o racionalismo e a tradição (sempre dando a importância maior a essa última).

Com uma argumentação mais sofisticada que a de Edmund Burke, Oakeshot determina que as tradições de comportamento não são fixas, são mutáveis. Este autor estabelece assim uma distinção e interação entre dois tipos de conhecimento, o "*conhecimento da técnica*", e o "*conhecimento prático*". O primeiro refere-se geral às prescrições e generalizações, ou seja, o que pode ser adquirido através da inteligência, através dos livros ou das aulas e habilidades de raciocínio; enquanto que o segundo tipo de conhecimento está limitado estritamente à experiência, "*(...) ao fazer alguma coisa, e à execução do que se sabe ser parte inalienável do espírito e personalidade de cada um*". Portanto para Oakeshot⁶, estas seriam categorias que se sobrepondo organizariam uma "*conversação, e não uma discussão*" (Nisbet, 1987, p. 61-62).

"A civilização (especialmente a nossa) pode ser considerada uma conversação realizada entre uma diversidade de atividades humanas, cada uma delas falando com uma voz ou língua próprias... E eu chamo de conversação a essa multiplicidade composta de maneiras diferentes de pensar e falar, porque as relações entre elas não são de afirmação e negação, mas sim relações recíprocas de reconhecimento e acomodação. (Oakeshot, 1962, apud Nisbet, 1987, p. 61).

O Neoconservadorismo, segundo Giddens, tem duas vertentes, a alemã e a dos EUA. Em ambas, o fator delimitador de seu conceito é mais empírico e sociológico do que filosófico, e o elemento "*moral*" é o eixo de sustentação de suas determinações. Para os neoconservadores a inevitável influência do capitalismo e do liberalismo é aceita, porém a nocividade da sociedade burguesa, como sendo destruidora dos símbolos e práticas

⁶ Oakeshot em "Rationalism in Politics" (1962), argumenta que o que se designa como racionalismo político no pensamento moderno ocidental seria a glorificação do conhecimento técnico em detrimento do conhecimento prático.

tradicionais, é posta em cheque como um problema para "*a existência social significativa*" (Giddens, 1995, p. 40).

Para os seguidores alemães, a tarefa do conservadorismo é preservar as instituições fora das esferas política e econômica (família e Igreja) onde o significado moral tradicional é latente.

"(...) a modernidade tende a dissolver as instituições de continuidade histórica que fornecem uma estrutura moral para a vida. Em comparação ao Velho Conservadorismo, Freyer e Gehlen não acreditam que os efeitos "desmoralizadores" da sociedade capitalista⁷ possam ser superados por meio do Estado ou da ação coletiva em larga escala." (Giddens, 1995, p. 41)

Nos EUA, diferentemente da Europa, o neoconservadorismo constitui-se uma herança do velho esquerdismo, ao passo que na vertente alemã, este movimento tem raízes direitistas. Menos críticos às mazelas do liberalismo e do capitalismo, os neoconservadores dos EUA opõem-se à maioria das formas de socialismo, somado a um descontentamento ao *liberalismo*⁸. A sua fonte de comparação não vem do *Ancien Régime*, mas dos tempos clássicos. Esta corrente prevê que para a formação de uma "*boa sociedade*" é necessária a economia predominantemente de mercado como condição, porém com "*moderação de entusiasmo*"; ou seja, não como um fim em si mesma. "*Eles se opõem ao liberalismo não só porque os liberais querem--aos olhos dos neoconservadores--a intromissão maciça do governo no mercado, mas porque os liberais combinam esses programas de intervenção*

⁷ O *Welfare State* também é levado como elemento descaracterizador, desestabilizador da sociedade, e que também necessita dos significados morais de "resistência" e "forças de suporte" para a sua estabilização. (Giddens, 1995)

⁸ O termo "liberal" nos Estados Unidos remete àqueles que durante o *New Deal*, e posteriormente, mostraram-se favoráveis à expansão do *welfare state*.

com uma postura de laissez-faire em relação aos costumes e à moral” (Giddens, 1995, p. 42).

Eles também são patrióticos e nacionalistas, têm apego ao passado do país, mas principalmente acreditam na esperança do seu futuro, tendo na família e na religião “*os pilares indispensáveis de uma sociedade decente*” (Kristol, apud Giddens, 1995, p. 43). Essas diretrizes transcendentais seriam condição *sine qua non* para o desenvolvimento ideal da sociedade. A cultura não poderia desligar-se da economia e do Estado.⁹

Diferentemente dos neoconservadores que defendiam a sociedade de mercado, com certas restrições, a grande força conservadora mais recente é a denominada Nova Direita.

A Nova Direita baseia seu discurso no empreendimento capitalista, que seria o núcleo de todos os benefícios da sociedade. Este seria o provedor da liberdade individual e da solidariedade social. Os defensores da Nova Direita são favoráveis ao neoliberalismo de Hayek, que prega o individualismo econômico como provedor da democracia dentro de um esquema de Estado mínimo. Para os autores neoliberais, dentro da sociedade existe uma qualidade orgânica que só é colocada em prática quando estimulada pela coordenação espontânea e involuntária de muitos indivíduos que atuam por motivações próprias, onde o Estado assume a função única de cuidar para que os mecanismos de regulação de produção de mercadorias e serviços funcionem de maneira satisfatória. De acordo com os defensores do neoliberalismo, o *welfare state* fez com que os governos se sobrecarregassem e se ampliassem demais, gerando uma tendência ao fracasso nos negócios. Esses teóricos acreditam que a intervenção estatal anula a força disciplinadora dos mercados que elimina os menos eficientes, e regula a sociedade (Hayek, 1973).

⁹ É importante observar como a discussão política estadunidense está sempre ligada a pontos como o puritanismo e a moralidade familiar.

Apesar de a Nova Direita tentar apresentar-se como defensora de conceitos ligados à modernidade e ao progresso, com suas determinações baseadas no mercado e na competição igualitária, pode-se identificar muitos elementos que classificam a direita contemporânea como sendo uma ideologia diretamente vinculada à evolução do pensamento conservador. Se, por um lado, ela prega uma modernidade econômica e uma permissividade de ascensão social e de empreendimento livre, é nas questões morais e de tradição que podemos identificar a sua relação com o(s) pensamento(s) conservador(es).

O Velho Conservadorismo pensava na propriedade e na hierarquia como meios de resistência à objetivação e, portanto, ao avanço do comércio. Por sua vez, a Nova Direita acredita que a posse de propriedades e ações deve ser encorajadas por ser a forma de se construir e garantir a participação no sistema de mercado e, por consequência, na sociedade. É importante notar a diferença do conteúdo do conceito de hierarquia: para os Velhos Conservadores, ela era a fonte de transmissão de privilégios herdados ao longo de gerações, ao passo que para a Nova Direita Neoliberal, a mobilidade social em uma sociedade de mercado está aberta para todos que tenham vontade de vencer e determinação para competir, incluindo aqui a aquisição de propriedade.

Da mesma forma que para os neoconservadores norte-americanos, para a Nova Direita, o Estado, apesar de ser mínimo, deve ser forte para fazer cumprir as leis da competição, proteger contra inimigos externos e fomentar o nacionalismo que gera integração. De acordo com essa corrente política, a decadência moral está intrinsecamente ligada à decadência da família, que foi assim modificada a propósito da permissividade sexual e pela difusão pública do homossexualismo e dos movimentos feministas. Todos esses são elementos considerados provenientes do discurso esquerdista em voga na década

de 1960, e que culminou com a ascensão dos governos de bem-estar social na Europa (*welfare state*) (Guiddens, 1995).

I-1) Nova Direita nos EUA

É importante apresentar as características do fenômeno da Nova Direita nos EUA, assim como na Europa. Personagens como o presidente Ronald Reagan nos EUA (1981-1989), e a *premier* Margareth Thatcher (1979-1990) na Inglaterra surgiram como figuras contrais na nova organização econômica neoliberal e antiestatista e seus referenciais figuram no discurso do conservadorismo brasileiro. O discurso da economia de mercado em detrimento da diminuição dos atributos regulatórios do Estado, aparece, por exemplo, nos programas de Paulo Maluf principalmente quando o PT surge no cenário paulistano representando uma opção de esquerda viável.

No final dos anos 60 desenvolveu-se nos EUA um movimento também chamado de nova direita com o nome *The American New Right*. Esse, em contraponto às tendências de intervenção estatal, pregava o liberalismo clássico, o capitalismo competitivo, a economia mercantil e a liberdade individual. Ao mesmo tempo, procurava resgatar elementos do conservadorismo tradicional e do moralismo puritano. Defendendo os interesses da classe média branca, buscava interromper a emergência dos novos segmentos sociais "libertinos", ou seja, militantes negros, jovens *hippies*, pacifistas, feministas e homossexuais.

Fundada por militantes de causa, ao invés de intelectuais, esses pioneiros da nova direita norte-americana eram provenientes da pequena burguesia, com passagens em grupos da velha direita ou do Partido Republicano, utilizando forma estratégica os meios de comunicação de massa para a disseminação de suas idéias e símbolos na opinião pública do país. (Alves, 1999)

No princípio, esse movimento caracterizava-se pela ação pontual em assuntos específicos de cunho moral e familiar, como os movimento contrários à segregação racial nas escolas, à lei pela igualdade de direitos iniciada em 1972 (*ERA-Equal Right Amendment*), à educação sexual nas escolas adotada em 1968-69, ao homossexualismo e ao aborto. Já na metade dos anos 70, a nova direita evoluiu para organizações conservadoras centrais, que articuladas, respondiam pela coerência ideológica e estratégica do movimento.(Alves, 1999).

De acordo com Allen Hunter (1981), *"Sem estes grupos a nova direita teria sido incapaz de se promover como eixo de um dinâmico movimento. Sem esses grupos o sentimento de reação teria permanecido latente, catalisado exclusivamente por candidatos durante os intervalos eleitorais"* (Hunter, 1981, p. 1749; apud Alves, 1999, p. 37).

A singularidade básica da Nova Direita norte-americana é a fusão de elementos do neoconservadorismo (ataque moral e cultural) com o neoliberalismo, quando atacam a intervenção estatal e o planejamento econômico. Conforme Luis Maira, a tática de cooptação da Nova Direita norte-americana definiu-se pela mobilização populista de temas e sentimentos vinculados a assuntos culturais e familiares, consolidando assim uma base social de apoio para o seu programa econômico, liberal, e sua política externa. (Maira, 1981).

Analisando a bibliografia referente ao conservadorismo contemporâneo nos Estados Unidos, podemos notar que a crise desencadeada pelo escândalo Watergate foi apenas o estopim para a tomada do poder pelos Republicanos conservadores (Wolfe, 1981).

De acordo com Wolfe (1981), podemos notar que do ponto de vista das articulações na arena política, a ascensão dos Republicanos¹⁰ conservadores à presidência deu-se quando os Democratas (dentro de sua política exterior conservadora quando no poder) sacrificaram o controle sobre a economia, dando subsídios fiscais para os setores empresariais de alta tecnologia, agrícolas e os setores militares. Porém apesar desses setores terem obtido grande desenvolvimento com essas medidas, esses eram os que mais se identificavam com as idéias conservadoras sobre política pública¹¹ Em suma, as medidas dos Democratas para adquirir apoio político resultaram na expansão das bases econômicas dos conservadores. Eles tentaram ganhar apoio dando poder ao setor empresarial, sua derrocada foi causada pela ausência de base eleitoral que seu próprio plano de estabilidade econômica causou.

Contando com a debilidade do partido Democrata, os Republicanos optaram por adotar um discurso crítico sobre assuntos como a debilidade nacional, a homofobia, fundamentalismo religioso e os sentimentos de cunho moral familiar (Wolfe, 1981).

Como escreveu Fred Siegel (1984), já nos anos 30 os conservadores ansiavam por uma unidade social e econômica, porém em parte falharam devido às divisões religiosas e étnicas da sociedade norte-americana. Contudo foi o Presidente Ronald Reagan, no final de 1970, que conseguiu cooptar essas forças em um programa que angariava todas as

¹⁰ Os Republicanos, no EUA, são historicamente o partido mais direcionado a políticas conservadoras.

¹¹ Perderam assim, os Democratas, as suas bases eleitorais em detrimento de sua política a favor do setor empresarial. Dessa forma os Republicanos, deixando de lado críticas de caráter econômico, apoiaram-se em um discurso sobre a debilidade nacional, e temas de conservadorismo moral e familiar, barganhando assim, com o eleitorado, a eleição de Ronald Reagan. (1979) (Wolfe, 1981)

dissidências conservadoras com seu discurso emocional e moral (Wolfe, 1981; Siegel, 1984).¹²

Dessa forma, os referenciais de *A Revanche e a Utopia* dominaram as restantes sensibilidades norte-americanas, a despeito da impaciência com a administração do Presidente Carter de 1977 a 1981: a *Revanche* da moral familiar sobre o permissivismo dos anos 60 e sobre o patriotismo humilhado na revolução iraniana, que recuperaria a inocência e o vigor derrubados na guerra do Vietnã, combinado com a *Utopia* do capitalismo¹³.

O governo Reagan teria agido como um *New Deal* invertido, ou seja: saneando a economia, limitando os poderes da administração central em favor das leis de mercado e da livre empresa, "corrigindo" assim os excessos do Estado de Providência (Finkelkraut, 1982).

I-2) Nova Direita na Europa

A Nova Direita na Europa teve como carro chefe para a disseminação de seu ideário o governo de Margareth Thatcher na Grã-Bretanha. Em 1979, não só a Grã Bretanha, como vários outros países ocidentais, estavam profundamente abalados pelas altas taxas de inflação, pequenas taxas de crescimento e pelas incertezas geradas pelas duas crises do

¹² "Since the 1930s shrewd conservatives have dreamed of uniting social and economic conservatives under one tent. They failed, in part because of religious and ethnic divisions, the sticks and the slums, Protestants and Catholics. But as these older antipathies subsided and racial justice became the storm center of American politics, a hitherto impossible unity was achieved in the common response of Main Street and street corner conservatives to black advances and the government power behind those advances. It was Reagan's political genius to take advantage of that new unity to piggyback a program of obeisance to business on the often racially based social issues, which agitated conservatives of all stripes. As new right leader Paul Weyrich put it bluntly, "We talk about issues that people care about, like gun control, abortion, taxes and crime. Yes they're emotional issues, but that's better than talking about capital formation." (Siegel, 1984, p. 127).

¹³ Como o próprio Finkelkraut (1982) conclui, o discurso da direita norte-americana deste período (fins dos anos 1970 e início dos 1980) é marcado pela inadequação do seu discurso. Pois os Republicanos se colocavam como representantes de um partido que instalaria o capitalismo nos EUA. E em se tratando dos EUA, um discurso desse conteúdo no mínimo contraditório.

petróleo ocorridas nesta década. Dentro desse contexto de frustração, uma onda de conservadorismo dominou o cenário. (Cueva, 1989).

Esses líderes de grupos conservadores argumentavam que os problemas da época tinham origem basicamente na intervenção do Estado na economia (*Welfare-state e New deal* nos EUA). Com sua ascensão, os grupos conservadores tomaram várias medidas para diminuir drasticamente o Estado, adotando regras para liberalizar cada vez mais os mercados, além de combater duramente a URSS no âmbito externo.

Tatcher diminuiu impostos, reduziu as pensões dos aposentados e os benefícios estatais aos desempregados e excluídos do mercado. Enfrentando a ira dos sindicatos, privatizou dezenas de companhias que haviam sido nacionalizadas após a Segunda Guerra Mundial, aumentou os gastos militares e cortou investimentos em áreas essenciais como a educação, a saúde e os transportes. Resumindo, levou às últimas conseqüências o receituário liberal e o discurso segundo o qual o mercado resolveria todos os problemas econômicos, sendo a desigualdade social um preço até bem pequeno em detrimento do crescimento econômico (Hayek, 1973; Friedman, 1980).

Para Shirley Letwin (1982), o “tatcherismo” tem mais diferenças com a postura “tory” de centro (Labor Party), que com o liberalismo do *laissez-faire*. Essa tendência política do Labor Party deseja preservar o resultado do movimento socialista—o planejamento, os controles econômicos e os gastos em larga escala—com a previdência social, o que é refutado pelo ideário do tatcherismo que acredita que *as mãos enjoativas da burocracia e do establishment* acabam por anular as “virtudes ativas” da sociedade. Para Thatcher as “virtudes ativas” seriam promovidas com a possibilidade de aquisição de ações e posse de propriedade, ampliando a energia pessoal e a ousadia, *componentes fundamentais das virtudes ativas* (Letwin, 1992, p. 104; apud Guiddens, 1995), que, por exemplo, as

privatizações difundiriam. Para essa corrente, a regeneração moral individual e familiar estariam em primeiro plano, e suas determinações econômicas promoveriam essa volta aos valores conservadores que a postura “tory” de centro—no auge do *welfare state*—interrompeu. Portanto o tatcherismo promoveu um programa radical de mudança em alguns contextos, mas reconheceu a importância das tradições em outros. (Letwin, 1992; apud Guiddens, 1995)

Na França ocorre um fenômeno similar. A descrença nos partidos políticos vem do século 19¹⁴ (Charlot, 1986), porém após a segunda metade dos anos 80 essa descrença recaiu renovada sobre os dois partidos mais representativos no sistema político francês (RPR, *Rassemblement pour la Republique*, e a UDF, *Union Democratique Française*).

Junto a esse descrédito, soma-se a impotência de ambos partidos com relação aos problemas da alta taxa de imigração e o desemprego. Com estas reivindicações surge o novo partido fundado em 1972 por Jean-Marie Le Pen, o *Front National*.

Por muitos anos esse partido teve insignificantes votações na França. No início apenas uma pequena parcela da burguesia o apoiava, porém, conseguiu obter uma base eleitoral extremamente popular, tornando-se a terceira maior força no país.¹⁵

A nova direita francesa tem suas bases teóricas ligadas a um movimento de caráter intelectual surgido nos anos 60, organizado em torno de um centro de estudos sobre a

¹⁴ Principalmente decorrente do grande número de partidos no parlamento, mudou radicalmente após 1958 com a Quinta República, onde o número de grupos parlamentares caiu de 14 para 4 em 1982.

¹⁵ Nas eleições de 2002 mostrou-se ser a segunda maior força, quando levou Le Pen ao segundo turno com Jacques Chirac, deixando ao premiê Lionel Jospin o terceiro lugar nas eleições do primeiro turno.

civilização européia chamado GRECE (*Groupment de Recherche et D'Estudes sur la Civilisation Européene*)¹⁶ (Alves, 2000).

Essa nova direita luta por obter uma vitória intelectual numa batalha cultural contra seus inimigos. Neste sentido, o grande trunfo da nova direita francesa é, em primeiro lugar, a revisão da retórica esquerdista de denúncia ao racismo e do totalitarismo, propondo o fim da tradicional contraposição entre esquerda e direita, em favor de um novo paradigma político centrado na questão das identidades culturais (diferenças). Em seguida, a construção de uma imagem própria positiva, em conformidade com os valores dominantes fora dos circuitos acadêmicos, fornecendo a justificativa teórica para a intolerância em relação aos imigrantes.¹⁷ (Alves, 2000; Benoist, 1993; Cueva, 1989).

Em um contexto de desemprego, o discurso xenofóbico é mais fácil de se entender e de se aceitar do que uma convenção subjetiva como o conceito de igualdade¹⁸.

Os teóricos dessa tendência consideram o igualitarismo como o principal responsável pela morte da civilização ocidental ao eliminar todo tipo de diversidade na sociedade. Para essa corrente de pensamento direitista, a “igualdade” é igual à “identidade”, que é igual ao “totalitarismo”, enquanto que “diferença” é igual à “desigualdade” que é igual à “liberdade”. Partindo deste princípio desenvolveram uma complexa tese do “direito à diferença”¹⁹ (Benoist, 1993; Taguieff, 1990). Uma referência obrigatória desse

¹⁶ O grande nome desse grupo teórico é Alain Benoist, que defende uma teoria cultural para a direita. Em entrevista a revista Telos, Benoist diz que sua teoria difere-se das considerações de Len Pen, pois Le Pen pensa a França em relação às outras culturas européias, enquanto Benoist pensa cada cultura européia como um elemento a ser defendido da influência de outras culturas/ideologias. (Benoist, 1993)

¹⁷ Que é identificado pela nova direita como sendo a causa da onda de desemprego na França.

¹⁸ Sobre a dificuldade de aceitação do conceito de igualdade ver Mannheim (1986)

¹⁹ Essa corrente propõe reformular os conceitos de cidadania, identidade nacional e estado-nação; refuta o marxismo-leninismo, e a apologias ao capitalismo. Portanto podemos notar como esse tipo de argumentação diferencialista torna-se uma justificativa teórica para alimentar o sentimento antiimigrante que une a extrema direita na Europa (Alves, 2000).

pensamento diferencialista foram as eleições presidenciais na França em 2002, onde Jean-Marie Le Pen, representante da FN (Front National, extrema direita francesa mostrou como este pensamento direitista acolhe um grande número de simpatizantes.

Esse discurso pela diferença apresenta um certo potencial de absorção pelo eleitorado de baixa escolaridade por ser baseado no mundo sensível, no que se pode ver, ouvir, sentir, enquanto que o conceito de igualdade é uma convenção que se constrói em um plano subjetivo. De acordo com Alain Benoist em “Democracy Revisited” (1993), a igualdade é apenas uma fórmula para a democracia que garante a participação na vida política, o que não quer dizer igualdade natural entre os homens. Benoist critica o caráter totalitário da democracia, responsável pela uniformização e massificação dos cidadãos e defende como ideal a ser perseguido o modelo democrático da Grécia Antiga—comunitário, holístico e orgânico—pensando em termos de uma democracia direta, mas que só seria possível com um povo relativamente homogêneo. Para ele, a noção de cidadania implica em coesão cultural em um explícito senso de uma herança compartilhada.

II- A NOVA DIREITA NO BRASIL

O Brasil assistiu nos últimos anos da administração Sarney (1985-1989) um grande debate acerca da inabilidade do Estado em sua função central na gestão administrativa, e principalmente de seu papel gerencial na área econômica. Seguindo a tendência mundial neoliberal “anti-estatista” e “modernizante” iniciada no final da década de 1970 com a ascensão do presidente Ronald Reagan nos EUA e da *premier* Margareth Thatcher na Grã-Bretanha, o Brasil contemplou na campanha eleitoral de 1989 a convergência dos discursos de diversos partidos políticos envolvidos na disputa, sobre a necessidade da reestruturação do Estado brasileiro. De acordo com Souza (1992) essas críticas caíam sobre a estrutura institucional criada durante o período Vargas (1930-1945) levada adiante pelos governos militares (1964-1985), e que foi cunhada pela autora como o “paradigma estatal” (Souza, 1992).

Nas últimas três décadas, essa configuração da estrutura governamental brasileira gerou insatisfações diante das mudanças estruturais ocorridas no processo de acumulação de capital e na diversificação das forças produtivas. O conflito entre os movimentos participativos e as estruturas dependentes ou de caráter clientelista favorecidas por esse modelo estatal de governo, se agravou no período de erosão do regime autoritário militar. Nesse contexto, novas associações de trabalhadores e de empresários surgem para contrapor as estruturas estatais corporativistas do modelo sindical herdado do período varguista (“paradigma estatal”) controlado pelo regime autoritário.

A questão da revitalização da direita é vinculada à transição do sistema de governo militar para o retorno da democracia. Nesse sentido, a característica própria da “nova direita” no Brasil é a negação do modelo estatista de governo que vinha vigorando no país

desde a era Vargas, em função de uma política de desvencilhamento das ligações do Estado com a economia. Em outras palavras, a “nova direita” brasileira defende a substituição do modelo de administração intervencionista estatal, por um modelo que se aproxima mais do ideário neo-liberal. Neste aspecto, a “nova direita” no Brasil tem em sua posição programática muitas semelhanças com os termos das outras direitas que estavam surgindo nos EUA e na Europa, onde o predomínio do crescimento econômico superava a preocupação com a distribuição de renda.

A partir do governo de José Sarney (1985-1990) os novos partidos de direita no Brasil, que antes eram constitutivos dos Governos militares, defendem uma agenda neo-liberal nos governos democráticos tentando assim, passar ao público uma imagem de “progressistas” (Souza, 1992; Mainwaring et alli, 2000).

Após 1986 esse segmento começa a assumir um papel de maior importância nas eleições. Mesmo havendo um grande número desses partidos conservadores, estes não apresentavam grandes mudanças ideológicas, *“Em resumo, as diferenças entre os conservadores tendem a ser mais individuais e idiossincráticas, em vez de refletir diretrizes partidárias coerentes”*.(Mainwaring et alli, 2000, p. 55)

Se de 1964 a 1985 a clivagem direita-esquerda expressou-se principalmente em cima do posicionamento frente ao regime militar e à democracia, após a redemocratização essa distinção foi dando lugar a outros temas²⁰.

Em pesquisa realizada em 1988, os partidos conservadores demonstraram a tendência a apoiar algumas posições autoritárias mais do que outros partidos.

²⁰ Os critérios que foram utilizados por Mainwaring et alli (2000) para classificar os partidos conservadores foram programáticos, baseados tanto em votação parlamentar quanto em pesquisas de opinião realizadas no Congresso.

Porém, depois de 1985, à medida que os partidos conservadores tornaram-se menos comprometidos com o autoritarismo, as diferenças entre os partidos em relação a questões relacionadas ao autoritarismo e a democracia diminuíram dando lugar, a partir de então, a novos elementos programáticos que diferenciariam os partidos conservadores dos demais.

A partir dos anos 90, os temas que diferenciam os programas dos partidos conservadores deslocaram-se para a redefinição do papel da relação Estado-mercados. O predomínio do crescimento sobre a distribuição é o que os diferenciam dos partidos de centro e de esquerda, além da defesa da reforma do Estado e do enxugamento estatal, da defesa da redução dos gastos públicos e as políticas pró-privatização. O neoliberalismo, portanto, tornou-se a bandeira unificadora da agenda política de direita. Questões de alcance social como o crescimento dos encargos sociais, as inovações de leis ambientalistas e o aumento dos direitos trabalhistas são identificados pelos conservadores como restrições indesejáveis ao crescimento econômico, além de serem vigorosamente contra a reforma agrária²¹ (Mainwaring et alli, 2000).

Um ponto a ser destacado também é o fato dos políticos ligados aos partidos conservadores não se apresentarem ao público sob uma forma altamente ideológica, preferindo atribuir suas vitórias eleitorais ao seu esforço eleitoral e não ao partido (Mainwaring et alli, 2000).

Quanto às questões culturais e morais, apesar dos conservadores brasileiros apresentarem algumas visões distintas, estes estão mais propensos a adotar posições inflexíveis quanto ao crime, e são muito menos propensos a criticar as violações dos direitos humanos de criminosos suspeitos. Além disso, tendem a ser contrários à

²¹ Durante o governo FHC (1995-1998) foi constante o apoio conservador para as reformas econômicas liberais (reforma previdenciária e administrativa, privatizações do setor público)

legalização do aborto e à igualdade de direitos para os homossexuais (Mainwaring et alli, 2000).

Ainda baseado na pesquisa de Timoty Power no Congresso brasileiro em 1990, 1993 e 1997, com relação à questão representativa, a grande maioria dos parlamentares brasileiros acredita que seus mandatos não pertencem aos partidos e sim a si próprios. Essa percepção é particularmente observada nos políticos conservadores. Outro ponto importante ressaltado nesta pesquisa mostra que o bloco dos partidos conservadores assumiu posições de forma consistentemente mais anti-partidária do que o Congresso como um todo (Mainwaring et alli, 2000).

Entendida dessa forma, a “nova direita” no Brasil apesar de nascer das recentes clivagens político-eleitorais do período pós-85, originou-se de uma continuidade das forças conservadoras de direita e de centro-direita, tendo como diferenciação marcante o desvinculamento progressivo desse segmento com os elos que mantinham com o regime autoritário. Portanto, a linha principal do conteúdo programático da nova direita no Brasil, assim como em boa parte do resto do mundo, está vinculada ao neo-liberalismo²². Mas é importante destacar que a versão brasileira do neo-liberalismo é singularizada pela coincidência do liberalismo do *laissez-faire* com o conservadorismo no campo social. Dessa forma, podemos constatar que houve, no mínimo, uma mudança estrutural da Nova Direita.

A Nova Direita, ao mesmo tempo em que representava um novo paradigma “progressista”, representava também um “novo” segmento social (“novos ricos”) que

²² Privatizações e desregulamentação no setor econômico, em oposição à esquerda, defensora em geral de uma maior intervenção estatal.

emergiu com a democratização do país²³ (Souza, 1992). De acordo com esta autora, esses são segmentos médios constituídos por setores profissionais oriundos do desenvolvimento econômico no período do regime militar que se desenvolveram principalmente na região mais avançada economicamente do país, a região Sudeste.

Assim, as forças conservadoras que durante o período militar rejeitavam qualquer perspectiva de mudanças nas áreas política e social, agora lutam contra a tutela do Estado nos assuntos econômicos, apesar de apresentarem uma grande contradição ao defenderem a minimização do mesmo, em concomitância com o usufruto dos seus anéis burocráticos como forma de influência clientelística. (Alves, 1999; Souza, 1992).

Dessa maneira, como para os candidatos em campanha eleitoral é importante ter conhecimento das características do eleitorado em que se lança uma candidatura, para a nossa análise, o perfil do eleitorado brasileiro, e especificamente o paulistano, é imprescindível para a compreensão do fenômeno que estudamos neste trabalho. Conhecendo como se constituem as bases de um eleitorado, estabelecemos relações importantes sobre como se constroem os discursos políticos.

No que diz respeito à identificação ideológica do eleitorado brasileiro, podemos identificar como ponto de diferenciação entre os simpatizantes da direita ou da esquerda, a escolha da proposta política baseada no "como mudar" (Singer, 2002).

André Singer, em seu trabalho sobre a identificação ideológica do eleitorado nas eleições presidenciais de 1989 e 1994, caracteriza o público de direita no Brasil como um eleitorado propenso a acreditar que o Estado tem na autoridade um veículo legítimo para a

²³ “One could say, tentatively, that the New Right’s constituency is largely comprised of the new export, financial, and middle-class professional sectors, which emerged from the country’s vast development during the military regimes. The New Right’s socioeconomic base is a emerging economic elite made up of young *nouveaux riches*, both in the capitals of the southeastern states, and, particularly, in the wealthy interior of the country” (Souza, 1992).

efetuação das mudanças necessárias para se manter a “ordem” social, enquanto que o público que se coloca à esquerda está ligado à idéia de uma mudança a partir da mobilização social, conseqüentemente contestando a autoridade do Estado sobre esses movimentos sociais. Nas palavras de Singer:

“(...) comparados ao centro, os eleitores situados na esquerda e na direita são mais propensos à intervenção do Estado na economia, porém, a direita é ainda mais estatista do que a esquerda. A explicação para isso, a nosso ver, é que, no Brasil, na medida em que mudanças igualitárias são também desejadas pela direita, esta enxerga no Estado o melhor instrumento para realizá-las dentro da ordem, sem correr o risco de instabilidades. Por isso, a direita quer reforçar a autoridade do Estado e apóia o seu direito a reprimir os movimentos sociais.” (Singer, 2002, p. 153)

É clara aqui a configuração do ideário do eleitorado da nova direita no Brasil nos fins dos anos 90; se na emergência da abertura política pós 1986 a diferenciação ideológica dava-se pelo ideário econômico neo-liberal, já na década de 90 essa tendência neoliberal desloca-se para o centro, enquanto que o eleitorado da direita identifica-se mais pela ênfase na "autoridade". Os temas da direita deslocam-se da área econômica para a área do conservadorismo moral, colocando em cheque a postura do Estado na definição do que é público e o que é o privado. Dentro dessa perspectiva coloca-se Paulo Maluf; um representante do ideário privatizante e empresarial, mas que, ao mesmo tempo, apresenta em seu programa um discurso voltado para a área social, além de aspectos paternalistas e autoritários no que concerne à segurança pública e a administração municipal. É também notória, dentro do que André Singer apresenta, a identificação de Paulo Maluf como sendo o representante desse eleitorado direitista que vê no Estado o apaziguador da "desordem".

Nas eleições municipais de 2000, a clivagem entre os eleitores que buscavam uma administração empresarial e de certa forma autoritária (principalmente na área de segurança pública), e os eleitores que se identificavam com uma proposta de administração de esquerda—com suas respectivas atenções ao desenvolvimento social e à tolerância frente às reivindicações de organizações civis—foi flagrante na disputa do segundo turno da disputa, onde foram contrapostos os programas de governo de Paulo Maluf (PPB) e de Marta Suplicy (PT). Essa disputa desencadeou grandes discussões no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na televisão, nos debates televisionados ao vivo e nos grandes jornais da cidade. Em outro projeto sobre o programa de governo malufista²⁴, foi identificado que, questões como o conservadorismo moral e familiar, e os limites da ação dos Estado nas esferas pública e privada foram alguns dos pontos discutidos dentro das peculiaridades da composição social e cultural da cidade de São Paulo. Porém um elemento importante identificado na análise do material jornalístico incidiu em informações como no descolamento, época eleitoral, do discurso em relação ao programa partidário.

Em momentos próximos à eleição, Paulo Maluf invoca uma série de elementos conservadores relacionados tanto à esfera pública quanto ao âmbito privado, contrapondo-se de maneira aguda a temática progressista apresentada pelo PT. Nesse momento, o veículo de propaganda mais utilizado pelos candidatos é o HGPE, e é dessa maneira que Maluf apresenta uma série de modificações na proposta programática do partido, evocando para o público uma série de elementos conservadores tradicionais no embate político

²⁴ “A DIREITA NA CIDADE DE SÃO PAULO: A ANÁLISE DA PROPOSTA POLÍTICA LIDERADA POR PAULO MALUF NO PERÍODO POS 1996”. Processo número: 2001/10096-8, vigente entre 12/2001 e 11/2002. Os materiais analisados nesta pesquisa foram o programa oficial do PPB, além dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo que publicaram matérias sobre Maluf ou o malufismo entre 1992 e 1996.

paulistano já utilizados por outras lideranças políticas conservadoras como a de Jânio Quadros.

Critérios²⁵	Nova Direita Francesa	Extrema Direita	Neoliberalismo	Neoconservadorismo	Nova direita norte-americana e nova direita cristã	Nova Direita Brasileira
Tipo de corrente da nova direita	Movimento cultural de direita baseado em centros de estudos acadêmicos como o GRECE	Partidos político de extrema direita Grupos não organizados em partidos como os skinheads	Escola econômica monetarista e de economia de oferta baseada em universidades norte-americanas e think-tanks e políticas públicas	Uma doutrina política conservadora baseada em centros acadêmicos	Grupos temáticos específicos e grandes organizações de pressão parlamentar (lobbies) erigidos com base nos setores 'médios' da sociedade	Partidos políticos formados essencialmente de políticos oriundos das bases de apoio do regime militar.
Problemática	Ameaça à identidade européia devido à disseminação da ideologia do igualitarismo	Ameaça à segurança e a empregabilidade devido à presença massiva de migrantes não autóctones	Ameaça ao crescimento econômico pela intervenção do estado na economia.	Crise de autoridade pela sobrecarga estatal; despersonalização das sociedades de massas nos países capitalistas avançados	Ameaça aos valores tradicionais—conservadorismo, puritanismo, liberalismo—com a emergência de novos sujeitos sociais	Ameaça ao crescimento econômico pela intervenção do estado na economia. Predomínio do crescimento econômico sobre a distribuição de renda.
Principais argumentos	Fundamentalismo cultural: o “direito à diferença” como justificativa da defesa de identidades culturais (racismo cultural)	A extensão dos direitos de cidadania a não europeus responde pelo agravamento dos problemas de desemprego, insegurança e violência	Demanda pela redução das funções do estado; crítica aos estados de bem-estar social apregoando a indefinida expansão das forças de mercado.	Demanda pela redução das funções do estado; resgate de símbolos e práticas tradicionais—autoridade, família, religião, nação—dentro da ordem burguesa/capitalista; resgate da autoridade do Estado	Fusão de valores sociais tradicionais com os valores do capitalismo competitivo	Demanda pela redução das funções do estado; resgate de símbolos e práticas tradicionais—autoridade, família, religião, nação—dentro da ordem burguesa/capitalista.
Valores sociais gerais	• Antiigualitarismo • Individualismo • Nacionalismo • Racismo • Anticapitalismo • Anti-socialismo • Anticristianismo • Antiamericanismo • Anti-sistema democrático	• Antiigualitarismo • Individualismo • Nacionalismo • Racismo • Xenofobia • Lei e ordem • Antiestatismo • Anti-sistema democrático	• Antiigualitarismo • Individualismo • Liberalismo econômico • Antiestatismo	• Antiigualitarismo • Individualismo • Liberalismo econômico • Antiestatismo (*) • Nacionalismo • Conservadorismo social—defesa de instituições tradicionais como o Estado, a família e a igreja. (*) Intervenção estatal limitada	• Antiigualitarismo • Individualismo • Liberalismo econômico • Antiestatismo • Nacionalismo • Conservadorismo social—defesa de instituições tradicionais como o Estado, a família e a igreja. • Moralismo puritanismo • Racismo	• Liberalismo econômico • Antiestatismo • Conservadorismo social—defesa de instituições tradicionais como a família e a igreja • Moralismo
Aspectos específicos	• Paganismo • Terceira via: negação da dicotomia esquerda-direita	Formação de partidos políticos	É a corrente mais antiga, surge no pós-guerra (década de 40)	Resposta pós-materialista à agenda da nova esquerda: contra a “nova classe média” Nos EUA intelectuais provêm da velha esquerda e na Alemanha tem passado associado ao nazismo	• Mistura de política e religião: Nova direita cristã • Novas técnicas de comunicação em massa--Teleevangelização	Coincidência do liberalismo do <i>laissez-faire</i> com o conservadorismo no campo social.

²⁵ Fonte: Modificado de Alves (2000)

III-O CONTEXTO PARTIDÁRIO E ELEITORAL CONSERVADOR PAULISTA

Este capítulo apresenta algumas características do desenvolvimento político paulista onde Paulo Maluf emergiu como um importante ator. As experiências autoritárias são elementos que moldaram as características do desenvolvimento político brasileiro, constituindo sujeitos e referenciais na arena representativa que se fortalecem com a volta da democracia.

O Estado de São Paulo, bem como a sua capital, apresentam peculiaridades importantes em seu desenvolvimento partidário frente ao resto do Brasil. O estudo de Schwartzman (1982) é de grande importância na reconstituição do desenvolvimento político paulista, e ajuda a compreender as características observadas no período democrático recente pós-85.

III-1)-As forças políticas paulistas no período 46-64.

Schwartzman aponta que um fato que causa estranhamento é o fato do principal Estado da Federação brasileira, São Paulo, nunca ter desempenhado um papel político correspondente à sua importância econômica e demográfica. Desde o início do século XX, São Paulo foi o setor maior, mais rico, mais industrializado e moderno do país. Existe ampla evidência, no entanto, de que esse desenvolvimento social e econômico progressivo veio acompanhado de relativa debilidade política no âmbito nacional. Um indicador disso é o tamanho reduzido dos partidos políticos nacionais (UDN, PSD, PTB) no Estado de São Paulo durante o período de 1945-64. Essa situação é ainda corroborada pelo fato de que,

desde 1930, somente o frustrado Governo de Jânio Quadros ter se originado naquele Estado (Sampaio, 1982; Schwartzman, 1982).

O equilíbrio político implantado a partir da República Velha combinava, em certo sentido, o pior de dois mundos, o do liberalismo novecentista e o do patrimonialismo burocrático ineficiente e autoritário. (Schwartzman, 1982,).

Este período é geralmente considerado o período em que a oligarquia política de São Paulo dividiu com a de Minas Gerais o controle do sistema político nacional. Porém, mesmo assim, a inserção de São Paulo na política nacional foi muito menor do que seu peso econômico sugeriria.

Para Schwartzman (1982) o principal problema analítico que causava a incompreensão da ausência de correspondência entre a importância econômica de São Paulo e a sua real inserção na política nacional, residia na equivocada identificação do papel e natureza do Estado no desenvolvimento político brasileiro.

O problema que perpassa por esses tipos de análises que desprezam certos fatos importantes para a compreensão do perfil político de São Paulo, tem a ver com o modelo de representação política utilizado. O trabalho de Souza (1976) é um dos pioneiros na construção de um modelo de análise que toma o Estado como ator político que se relaciona com os partidos políticos.²⁶

De fato, a análise sobre o coronelismo brasileiro mostra, desde o trabalho fundador de Leal (1948), que existe na política "tradicional" brasileira uma relação simbiótica de

²⁶ Antes da publicação de trabalhos como o de Souza (1976) e Schwartzman (1982) o modelo explicativo do papel do Estado era de que, por definição, este era o representante de um determinado grupo ou classe "da sociedade".

dependência entre administração central e poder local, e que poder e dominação são geralmente impostos de cima para baixo, e raramente de baixo para cima²⁷.

De fato, o período de 1945-64 foi uma era de competição multi-partidária e também um período de crescente participação, mobilização política e de surgimento de oposições ideológicas. Se tomarmos somente esse período, temos a nítida impressão de vermos o país evoluindo de um estágio mais "tradicional" a um mais "moderno". Porém Schwartzman (1982) defende que ao invés deste período representar uma evolução na direção do modelo participatório que marcou a evolução européia, esse processo ocorreu no contexto da polaridade cooptação-representação, conduzindo, afinal, ao colapso do sistema representativo em 1964.

No caso de São Paulo, as formas embrionárias de representação política que existiram no Brasil tenderam a concentrar-se ali. Nunca chegaram a ser suficientemente fortes para moldar o quadro político nacional, mas foram suficientemente significativas para manter o Estado de São Paulo como uma entidade politicamente diferenciada dentro do país. Tanto os sistemas de cooptação²⁸ quanto os de representação têm seus lados conservador e liberal, ou de direita e esquerda, e essa perspectiva quádrupla é,

²⁷ “A existência de uma estrutura estatal centralizada antes do surgimento do sistema partidário constitui, por si mesma, uma dificuldade à sua institucionalização e um estímulo à política clientelista.”(Souza, 1976, p. 36).

²⁸ O termo "cooptação política" busca captar o processo pelo qual o Estado tratava, e ainda trata, de submeter à sua tutela formas autônomas de participação. Uma parte importante do sistema de cooptação criado a partir do regime Vargas foi o Ministério do Trabalho e o sistema previdenciário, mais tarde transformados em capital político do Partido Trabalhista Brasileiro. Era um sistema de tipo corporativo, na medida em que ligava todo um setor da sociedade ao Estado e tratava de proporcionar direitos sociais e econômicos especiais a seus participantes - aposentadoria, salário mínimo, assistência médica etc. - fora do mercado. Era também controlado de cima, e com relativamente pouca participação nas bases, mas utilizado com bastante eficácia nas disputas eleitorais no mercado político aberto para garantir a continuidade dos detentores do poder. Dessa forma, quando a cooptação predomina, a política tende a girar em torno do Estado e de sua figura central. (Souza, 1976; Schwartzman, 1982)

possivelmente, o melhor ponto de vista para o entendimento do processo político brasileiro através do tempo (Schwartzman, 1982).

Outro ponto frisado por Schwartzman (1982) é de que processos políticos devem ser entendidos em termos de sua distribuição espacial. Essa é uma observação que marca a relação da política com o território definido por processos específicos de ocupação e pela criação de grupos e interesses a eles associados.

A região representada pelo estado de São Paulo é a que representa maior diferenciação no cenário brasileiro. Desde os anos 40, São Paulo emerge como o maior estado brasileiro em população, além de ser a principal fonte de impostos do Governo central e o foco de industrialização do país. Politicamente, no entanto, São Paulo desempenhou um papel inferior a seu tamanho e peso econômico relativos e, em 1932, foi o último estado brasileiro a se levantar em armas contra o Governo central (Schwartzman, 1982).

Portanto, tomar adequadamente as regiões em consideração, significa trazer à análise política os conceitos de distribuição espacial, limites e fronteiras, diferenças de desenvolvimento histórico, redes de comunicação e difusão de informações - enfim, todo tipo de descontinuidades espaciais que possam ter alguma influência em sistemas sociais de grande porte. Mais ainda, no caso brasileiro, a análise regional põe em foco fenômenos históricos de grande importância que tendem a ficar ocultos sob a imagem corrente de uma nação não-diferenciada, globalizada, "totalizada". Este enfoque na análise política é essencial para que possamos entender o desenvolvimento político-representativo da **cidade de São Paulo**. Tomar as diferenciações de desenvolvimento regionais como ponto importante em uma análise política colabora com o trabalho de esclarecer os motivos da singularidade de São Paulo e o surgimento de lideranças políticas como Paulo Maluf.

III-2) As Bases do Cenário Político Partidário.

“As tendências no sentido de um aumento do poder do Executivo, de uma participação cada vez maior do Estado na vida social e econômica do país, da cooptação contínua das lideranças locais em todos os níveis e da subordinação da vida econômica ao processo político seriam firmemente estabelecidas durante o regime Vargas. Ao mesmo tempo, no entanto, as divisões inter-regionais se transformavam gradualmente em divisões intra-regionais e nacionais, em um processo iniciado no Rio de Janeiro e que continuaria a ser um fenômeno essencialmente urbano. A combinação de uma forte centralização com um sistema eleitoral de participação de massas deu as raízes do que se chamou mais tarde “populismo”, e que predominaria após 1945.” (Schwartzman, 1982, p. 113)

Se por um lado temos nas diferenciações de desenvolvimento regionais um elemento que ajuda a explicar a singularidade da dinâmica política estado de São Paulo, após 1945, o fenômeno do populismo nos coloca diante de um momento da política nacional onde idéias e concepções de caráter autoritários até hoje servem de orientação para alguns discursos. O descrédito na classe política, o desprestígio do parlamento, a crença na necessidade de líderes absolutos, em resumo, o ideário autoritário, povoa até hoje o imaginário popular. É um discurso que, se sabe bem, tem potencial de arregimentação em momentos de crise. Se por um lado a sociedade brasileira sofreu mudanças indiscutíveis nos últimos 70 anos, podemos dizer que o mesmo não acontece no que se refere ao discurso político (Sadek, 1993).

A importância de retomar algumas das diretrizes deste momento da história política brasileira se dá pelo valor que o ideário populista—arraigado em um discurso baseado na autoridade e no papel central do Estado—têm na construção da retórica malufista.

A hostilidade em relação aos partidos políticos foi reforçada no Brasil pelo peso do pensamento autoritário na constituição do ideário político nacional. O primeiro surto de modernização no Brasil ocorre durante as rédeas do autoritarismo entre 1930 e 1945. Sob a ideologia autoritária, o questionamento dos valores liberais significou a rejeição radical dos instrumentos da democracia representativa. Negando a possibilidade de uma reforma de tais instituições, a solução preconizada foi a da ruptura com o experimento liberal da Primeira República e a instauração de um novo modelo calcado em princípios não só distintos, senão que opostos. Este sistema implantado pelo regime republicano que se inicia em 1889, foi marcado por análises que deflagravam em sua dinâmica a inoperância dos partidos políticos e dos mecanismos representativos.

A implantação do sistema republicano não teria determinado alterações na estrutura partidária anterior, observando-se a sobrevivência dos traços que presidiram à sua formação. O personalismo, a falta de programas, a arregimentação em torno de indivíduos e não de princípios doutrinários, o predomínio do vínculo pessoal, favoreceriam a consolidação de uma estrutura partidária centrada na força do chefe ou cacique político. O funcionamento do sistema, baseado na relação de reciprocidade, caracterizada pela troca de benefícios pessoais por apoio eleitoral, consagraria a prática da manipulação sistemática do eleitorado. Sob tais condições, face à atomização e dissociação da sociedade brasileira, o sistema partidário, de acordo com Vianna, revelou-se ineficaz como instância de formulação de plataformas identificadas com os interesses coletivos. (Vianna, 1974).

Sob esta perspectiva, e, conseqüentemente a ela, teóricos como Vianna praticavam uma reflexão legitimadora da formação de um Estado forte com amplos poderes de intervenção nas esferas econômica e social.

Um dos traços marcantes do pensamento autoritário foi a idealização do Estado enquanto instância responsável pela prevalência dos interesses maiores da coletividade nacional. Portanto, os partidos seriam um fator perturbador da ordem pública, enquanto o Estado, encarnando o espírito público, e situando-se acima das facções, agiria como antídoto face à dispersão e atomização da sociedade. (Vianna. 1974; 1974 B).

Esta postura onde prevalece o consenso sobre a necessidade de se ter um agente dos interesses coletivos e de manutenção da ordem, é uma característica amplamente utilizada nas campanhas de Jânio Quadros para cargos executivos e é resgatada e adaptada por Paulo Maluf em suas campanhas onde estes elementos são associados ao discurso da moralidade familiar e da segurança pública.

Após o golpe de 1937²⁹ a extinção da arena parlamentar e a proscrição dos partidos foi acompanhada de uma ampla reforma político-institucional voltada para o fortalecimento do poder central e a concentração do poder decisório no Executivo federal, consagrando um sistema caracterizado pela ausência de limites à força do Estado.

Tal sistema foi cristalizado com a montagem de uma estrutura corporativa de articulação Estado-Sociedade. Através dessa estrutura o Executivo pôde incorporar os atores emergentes protagonistas da ordem urbano-industrial em formação, da burguesia e do operariado, ao sistema político. De acordo com Santos (1988), o processo político latino-americano caracterizou-se pela incorporação das massas à dinâmica da competição política antes que as regras reguladoras desta competição tivessem alcançado um grau razoável de institucionalização. Sob a égide deste tipo peculiar de corporativismo, no Brasil a existência de organizações independentes seria, não só desencorajada, mas seriamente

²⁹ Estado Novo

combatida. Portanto, era claro que, para existirem, as organizações teriam que ser, de alguma forma, tributárias do Estado.

Os efeitos desta estrutura foram bastante restritivos a uma real instauração da ordem democrática no país, e deixaram marcas no eleitorado brasileiro quanto à percepção dos limites do que seria público e privado na vida cotidiana.

Com o fim do Estado Novo, os interventores nos estados e seus prefeitos nomeados se reuniram para dar forma ao Partido Social Democrático (PSD), enquanto os burocratas do sindicalismo e do sistema previdenciário oficiais formaram o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Cada qual à sua maneira, estes foram partidos de "posições", partidos de governo, que funcionavam combinando recursos do poder com capacidade de cooptar as lideranças locais e sindicais ascendentes. Em ambos os partidos, o poder eleitoral derivava do acesso a posições governamentais e centros de decisão. Geralmente os temas ideológicos ou de princípio eram secundários, e os interesses defendidos pelas lideranças se relacionavam com a distribuição de posições ou facilidades e privilégios. Eram partidos que dependiam essencialmente da companhia do poder, e que se desagregaram tão logo perderam o controle do Estado (Souza, 1974).

É possível sumariar tudo isto em termos da forma pela qual se obtinha o acesso a posições de governo e da forma pela qual essas posições eram mantidas ou buscadas. O sistema de cooptação ou incorporação política era, alternativamente, considerado adequado em seu escopo, ou necessitando ser ampliado ou reduzido, conforme o setor político em questão. Tanto governo quanto oposição pareciam se alinhar ao longo de um contínuo de maior ou menor abertura e participação (e, neste sentido, um contínuo de tipo esquerda-direita).

Quando um sistema econômico, além de ser dinâmico, possui uma lógica e uma força internas que conformam o resto da sociedade, os grupos sociais e econômicos tendem a se organizar e influenciar as normas e mecanismos de decisão que determinam a distribuição dos recursos gerados pela sociedade. É este tipo de política que Schwartzman (1982) denomina "política de representação", da qual os regimes políticos liberais da Europa Ocidental dos anos 70 e 80 são o melhor exemplo. O principal elemento destes sistemas é a autonomia econômica e organizacional e a auto-referência dos grupos de interesse.

No Brasil, apesar deste tipo de política nunca ter chegado a se desenvolver plenamente, adquiriu algumas formas embrionárias de existência na área paulista. Uma das formas que assumiu foi, exatamente, as ideologias liberais intransigentes, que rechaçavam toda e qualquer forma de intervenção do Estado na vida econômica ou na previdência social; outra forma seria os movimentos sindicais de cunho mais claramente "tradeunionistas", que se preocupavam, essencialmente, com problemas salariais e se baseavam mais em sua organização própria que em seus contatos com o Ministério do Trabalho. E, por último, assumia também a forma de movimentos populistas de tipo fortemente carismático, como o janismo, caracterizado pela pouca estrutura e autonomia nas bases, mas também com pouco controle direto e manipulação a partir de cima. (Schwartzman, 1982, p.123)

A partir destas constatações, Schwartzman (1982) supõe que o resultado tendia a ser uma combinação de algumas formas de política representacional, bastante apatia e relativa marginalidade política por parte dos setores mais privilegiados, bem como radicalismo de tipo carismático ou esquerdista independente nos setores baixos. Quando a estabilidade deste arranjo era abalada, aumentava a participação, em geral através de uma ideologia de

"lei e ordem" ou de um liberalismo que repudiava a política e a interferência governamental na sociedade como algo corrupto, prejudicial e ineficiente. Foi este, em última análise, o caldo de cultivo do janismo.

É importante lembrar que a teoria da relação entre cooptação e representação defendida por Schwartzman apresenta certa falta de sustentação quando analisamos a trajetória do PSP de Adhemar de Barros em São Paulo. Este partido, apesar de ser enquadrado por este autor como desvinculado do modelo de cooptação, teve sua trajetória política, em certo momento, ligada ao apoio de Getúlio Vargas, o que evidencia uma certa inconsistência na argumentação do autor. Apesar desta lacuna, a obra de Schwartzman é importante em nosso trabalho por ter a preocupação de levantar questões acerca da singularidade do desenvolvimento político do estado de São Paulo.

III-3) As Lideranças Políticas em São Paulo: Palco de Adhemar e Jânio.

Uma tendência que foi analisada por diversos autores desde Aziz Simão (1956) até Pierucci (1986) foi a relativa permanência de diferenciações regionais entre as bases dos partidos na cidade de São Paulo. Esse aspecto ganha grande importância quando analisamos os três fenômenos populistas históricos da cidade de São Paulo: o adhemarismo, o janismo e o malufismo.

Outro dado de extrema importância para identificar a peculiaridade de São Paulo na Política nacional foi o virtual desaparecimento dos grandes partidos nacionais em São Paulo. Essa tendência é observada se examinarmos as alianças eleitorais neste estado desde o período democrático de 1946. Nas eleições de 1958, o PSP fez uma aliança com o PSD, na qual este último era claramente minoritário. Em 1962, a aliança PSD-PSP perde para a aliança de dois partidos eminentemente regionais, o Partido Democrata Cristão e o

Movimento Trabalhista Renovador, que também se beneficiou da herança política de Jânio Quadros.

A questão da insignificância dos grandes partidos nacionais em São Paulo—PSD, PTB, UDN—é central para o entendimento do sistema político-eleitoral brasileiro pós-45.

O PSP, apesar de ter sido criado a partir do aparelho estatal, expressou desde o seu início, um fenômeno de ‘insurbodinação paulista’. Este partido combinava este fisiologismo com a participação de grupos econômicos em rápida ascensão, e grupos sociais menos privilegiados ligados a um sistema clientelístico. Foi o primeiro partido que fez de São Paulo a ligação entre um novo estilo de capitalismo e as camadas populares ou pequeno-burguesas que não eram captadas pelos conteúdos mais radicais³⁰ (Cardoso, 1975; Sampaio, 1982).

O PSP de Ademar de Barros, associado ao PCB, disputou com o PTB as bases operárias da capital em 1947. Com a cassação do PCB as pretensões do PSP foram falidas com o avanço do PTB nas eleições de 1950. Somada a essa circunstância o surgimento do janismo em 1953, o adhemarismo foi obrigado a “ruralizar-se”, estratégia que teve como intenção o fortalecimento de suas bases no interior ao mesmo tempo que, dada a eleição de Jânio para o governo estadual em 1954, se firmar na prefeitura da capital (Lamounier, 1978). Em 1955 e 1960 Adhemar de Barros lançou-se candidato presidencial pelo do PSP, ganhando em São Paulo e Rio de Janeiro nas primeiras eleições, mas recebendo apenas 25% dos votos nacionais (Sampaio, 1982).

³⁰ É importante lembrar que, mesmo de forma limitada, partidos como o PSB, PDC, PRP, a própria UDN paulista, além do Partido Comunista, foram formas de organização que apresentavam uma certa força política (Sampaio, 1982)

Porém é com a eleição de Jânio Quadros que o estado de São Paulo teve sua primeira e única vitória neste período³¹. Jânio Quadros, apesar de surgir sem nenhum apoio político, tem uma carreira meteórica iniciada na câmara de vereadores da cidade de São Paulo até chegar ao cargo máximo em Brasília. Jânio possuía um forte apelo personalista mobilizador; admitia, mesmo estando sob as regras democráticas, um sentimento anti-partidos no início de sua carreira na Câmara paulistana, apresentando como programa de gestão apenas a promessa de honestidade e severidade. Seu ingresso na política nacional deu-se com a aceitação de seu nome nos quadros da UDN como concorrente ao pleito de 1960. Apesar de concorrer pela sigla da UDN, não havia uma identificação recíproca entre partido e candidato, e durante o tempo em que esteve acima da rampa do planalto conseguiu aglutinar oposição de quase todos os grupos e setores, o que provavelmente influenciou sua atitude intempestiva—como lhe era trivial—de deixar o posto e um país em crise política apenas oito meses após a sua posse.

A vitória de Jânio em 1960 demonstrou a erosão progressiva da aliança PSD-PTB. Apesar de o PSD nunca deixar de ser o maior partido no Congresso até 1962, seu tamanho relativo diminui progressivamente com o passar do tempo, partindo de 44% em 1945 para 18,3% em 1962 (Schwartzmam, 1982).

Para apontar a singularidade política de São Paulo, cabe apresentar com mais detalhes as principais lideranças partidárias que se constituíram nesse território.

Jânio inicia a sua carreira pública em 1947 com sua campanha vitoriosa à Câmara Municipal de São Paulo. Jânio fazia o tipo do político diferente, apelo que seduzia um a

³¹ Adhemar foi sempre um candidato regional, excluído do sistema PSD-PTB versus UDN, e por isso, sem chances de chegar ao centro do poder. (Sampaio, 1982).

parcela do eleitorado caracterizada, neste momento, pela classe trabalhadora que em São Paulo não tinha alguma liderança clara e declarada. Para reforçar essa imagem, Jânio visitava bairros periféricos da cidade, acompanhado por jornalistas que documentavam tudo, para depois ser usado nos seus discursos inflamados na Câmara. Contudo, Jânio Quadros constituía um estilo específico de liderança, calcado em um estilo próprio de manipulação política e carisma.

O discurso da moralização administrativa que o acompanhou durante toda a sua carreira, tinha como intuito neste momento, acabar com as regalias dos grupos detentores da máquina administrativa, ou seja, o PSP de Adhemar de Barros.

Em 1953, após ter sido eleito Deputado Estadual em 1951, Jânio se elegeu Prefeito da cidade de São Paulo pelo PDC e PSB. Com uma retórica cada vez mais rebuscada e circense, Jânio, com o apoio de Getúlio Vargas—que tentava frear a UDN paulista e Ademar de Barros—se apresentou ao eleitorado paulistano como sendo a opção “modernizante” da máquina pública por defender, de um lado, as ideologias sectárias que para ele seriam o stalinismo e o trotskismo, ao mesmo tempo que defendia uma nova maneira de exercer a política, voltada agora para a modernização das instituições do Estado brasileiro racionalizando a máquina administrativa. Dessa forma que Jânio surge como liderança política representante da expressão do descontentamento das massas populares e também como defensor de uma autonomia perante os partidos políticos, fazendo assim, com que se estabelecesse uma relação direta entre o eleitor e o líder, manifesta pelo voto³² (Chaia, 1991).

³² Uma constatação importante foi o caráter de protesto do voto em Jânio. Seu eleitorado o apoiava mais por repúdio às outras candidaturas do que por uma identificação com seu programa de governo. (Chaia, 1991)

Após a experiência na prefeitura, o fenômeno Jânio tomou proporções que legitimavam vôos mais altos. Em 1955 elegeu-se governador do Estado de São Paulo após uma conturbada mudança de sigla partidária³³. O ponto mais alto desta curva ascendente da carreira política de Jânio conflou-se na sua candidatura e vitória nas eleições presidenciais de 1960 pela UDN de Carlos Lacerda. Com um discurso calcado no moralismo, eficiência administrativa, e na identificação de sua campanha como descomprometida com os “poderosos” em virtude de seu baixo custo: “A campanha política de Jânio, como estratégia de seus articuladores, pretendia parecer pobre, porém, os grandes financiadores de sua campanha foram os empresários nacionais ligados às empresas multinacionais”.(Chaia, 1991, p.174). Após três meses de governo, Jânio renuncia ao cargo, e diferentemente do que ele próprio esperava, não fora reconduzido ao poder nem pelas massas, muito menos pelo Congresso ao qual delegou considerável desprezo como lhe era de praxe quando em se tratando de cargos executivos. Depois das frustradas tentativas de retorno ao Governo do Estado de São Paulo em 1962³⁴—onde a disputa esteve centralizada entre Ademar e Jânio, tendo estes dois recebidos juntos quase que 72 % dos votos totais—, a cassação em 1964 e a nova derrota ao governo do Estado de São Paulo em 1982, Jânio consegue sua última eleição para cargo Executivo em 1985 novamente como prefeito da cidade de São Paulo.

Muitos pesquisadores se debruçaram sobre os dados eleitorais de 1985 para tentar explicar a surpresa que fora a eleição de Jânio Quadros em um cenário de reinício da

³³ Jânio havia sido declarado candidato pelo PDC, porém diante de um contexto de extrema confusão criada no meio político através das tentativas de cooptação das lideranças paulistas pró Getúlio Vargas, somadas às ativas pretensões de Ademar de Barros, Jânio troca de sigla e disputa as eleições pela coligação PSB-PTN. (Chaia, 1991)

³⁴ Eleição vencida por Adhemar de Barros com estreita margem sobre Jânio Quadros.

democracia no país e onde se tinha, principalmente em São Paulo, o surgimento de um novo e crescente partido, a saber, o PT.

Meneguello e Alves (1986) destacam que um dos motivos para a volta vitoriosa de Jânio Quadros pode ter sido causada pela conformidade do comportamento eleitoral da cidade de São Paulo com a tese do oposicionismo sistemático³⁵. Outro ponto importante é destacado por Lamounier e Muszynski (1986), e diz respeito à substituição da *bipolaridade plebicitária* dos anos 70—quando a disputa eleitoral era localizada entre dois partidos (ARENA e MDB)—pela competição trilateral entre o PMDB, que havia eleito Franco Montoro para o governo do Estado em 1982; o PT, que fora o partido que mais subtraiu adeptos do MDB; e finalmente o janismo, representado pelo bloco conservador formado pelo PTB e o PFL (Lamounier e Muszynski, 1986).

Com um discurso baseado na crítica ao governo Montoro, e na tríade “Honestidade, Trabalho e Segurança”, Jânio retomou temas presentes em outros momentos de sua carreira como o combate à corrupção, à imoralidade e à necessidade de se enxugar a máquina administrativa. Declarou-se contrário ao regime comunista e também se autodenominou como “... o único candidato capaz de restabelecer a ordem e a segurança mediante um atributo particular seu: A AUTORIDADE”.(Chaia, 1991, p. 263).

Evocando certos valores tradicionalistas e, sobretudo realçando demandas de curto prazo, como a segurança, Jânio consegue mobilizar o eleitorado paulistano novamente, e mesmo em um momento onde a volta da democracia surgia como o palco propício para candidaturas de cunho progressista, demonstra como a cidade de São Paulo é sensível a dramatizações de assuntos e temas moralizantes.

³⁵ Tese que defende que em cidades de grande porte como São Paulo, existe a tendência ao sucesso de candidaturas opositoras ao governo do Estado. (Muzszynski, 1989).

III-4) As Bases da Política durante a Experiência Militar de 1964

Sob os 21 anos de regime militar (1964-1985), intervenções frequentes do governo provocariam alterações na legislação partidária eleitoral toda a vez em que as elites dirigentes se sentiam ameaçadas pelo crescimento da oposição. Em 1965 o regime militar extinguiu o pluripartidarismo até então existente, introduzindo o bipartidarismo para, posteriormente, extingui-lo quando a ARENA e o MDB deixaram de ser siglas artificiais, consolidando suas respectivas imagens junto ao eleitorado. A legislação foi novamente alterada para dar lugar ao pluripartidarismo controlado que vigorou de 1979 a 1985, quando o governo da Nova República introduziu o sistema de plena liberdade política.

Com a reforma partidária de 1979³⁶, os partidos que surgiram sob as citadas restrições e controle estatal foram seis: o PDS (Partido Democrático Social), sucessor da ARENA como partido governista, o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), sucessor do MDB, o PP (Partido Popular), concebido como um partido de centro, o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PDT (Partido Democrático Trabalhista) e o PT (Partido dos Trabalhadores), este último como expressão do novo sindicalismo, das lideranças dos movimentos sociais, de movimentos eclesiais de base e de intelectuais progressistas. Esta manobra tinha como arrimo a fragmentação do MDB que aglutinava todas as correntes oposicionistas e a amenização do caráter plebicitário assumido pelas eleições.

³⁶Em 1979 o presidente General João Baptista Figueiredo, estabeleceu a reforma partidária que implantou novamente o pluripartidarismo no Brasil. Neste momento surgiram o PDS (ex-ARENA), o PMDB (ex-MDB), o PTB de Ivete Vargas, o PDT dirigido por Leonel Brisola, o PP que reuniu políticos tanto da antiga ARENA quanto do MBD, e o PT nascido do movimento sindical do Grande ABCD, das comunidades eclesiais de base da Igreja Católica progressista e do meio intelectual. (Chaia, 1991)

Durante o tempo de vigência do período autoritário (1964-1984), a direita manteve-se coesa dentro da estrutura da Arena/PDS. O regime militar teve amplo apoio dos partidos conservadores nos primeiros dois anos do governo do general Humberto Castello Branco, que obteve o apoio de uma facção majoritária do Congresso, o Bloco Parlamentar da Revolução. (Mainwaring et alli, 2000)

Em outubro de 1965, com o Ato Institucional N° 2—que extinguiu todos os partidos—e com o conseqüente Ato Complementar n° 4, o regime autoritário estabelecia no Brasil o sistema bipartidário. Dessa forma teve início no Brasil a clivagem entre autoritários e democratas. (Mainwaring et alli, 2000)

“A ARENA foi constituída principalmente sobre as bases dos antigos partidos conservadores e deixava claro que seria o novo veículo do conservadorismo. No novo cenário, a natureza do conservadorismo, entretanto, tinha mudado. Em lugar de estabelecer-se sobre vários partidos concorrentes, em conformidade com o jogo democrático, a direita eleitoral estava organizada em um partido com o fim de sustentar a ditadura militar” (Mainwaring et alli, 2000, p. 24).

Após a reorganização do sistema partidário em 1979, a ARENA, que sofrera bem menos defecções que o MDB³⁷, agora mudava seu nome para PDS.

Com o realinhamento político impulsionado pelas eleições de 1982, as tensões internas do PDS ficaram visíveis. Entre 1984 e 1985 um amplo grupo interno ao PDS retirou-se e fundou um segundo importante partido conservador, o PFL. Ao passo que o PDS mudaria o seu nome para PPB, depois para PPR e posteriormente para PP, tendo em Paulo Maluf o seu maior expoente político desde a cisão que originou a Frente Liberal em 1984.

³⁷ Que originou o PMDB, o PT, o antigo PP, o PDT de Leonel Brizola e o PTB de Ivete Vargas.

Os partidos conservadores brasileiros do pós-85, apesar de apresentarem uma mudança nas suas posições programáticas—como foi demonstrado da primeira seção deste trabalho—, têm a sua origem relacionada com o governo militar.

Este longo período autoritário reforçou, portanto, substancialmente a tradição intervencionista do Estado, responsável, em grande parte, pela debilidade do nosso sistema partidário no pós-64, por dificultar a consolidação e o enraizamento dos partidos. A reordenação institucional pós-64 retomou a tendência ao acúmulo de prerrogativas e concentração de poderes no Executivo, e, paralelamente ao fechamento do sistema político, fortaleceu a burocracia governamental. Com o intuito de legitimar o regime a arena parlamentar-partidária foi preservada, porém a manutenção dos partidos foi feita sob rigoroso controle estatal e principalmente esvaziando-os de qualquer poder de interferir na política governamental. No entanto, mesmo com todas estas limitações, os partidos vieram a transformar-se em instrumentos centrais da transição.

“Viabilizando a articulação da coalizão antiautoritária, presidindo a negociação que possibilitou a substituição do governo militar pelo governo civil. Por outro lado, destituídos de funções governativas, os partidos descaracterizaram-se como centros ativos de formulação de propostas e programas de ação, baseando sua atuação num estilo tradicional de fazer política. Além da partilha de cargos, que marcou fortemente o funcionamento do partido situacionista, prevaleceriam o cálculo eleitoral de curto prazo, o empenho pela obtenção de ganhos imediatos na disputa por espaços na arena política ou ainda a difusão de práticas clientelistas nas relações entre o governo federal e os governos estaduais.” (Diniz, 1989, p. 97).

III-5) A Trajetória Política de Paulo Maluf

Em 15 de março de 1967, Costa e Silva tomou posse como presidente e em maio indicou Paulo Maluf para diretor da Caixa Econômica Federal. Já em 1969, no final da gestão do prefeito José Vicente de Faria Lima (um político ligado a Jânio Quadros), o governador Abreu Sodré precisava nomear um substituto para um mandato-tampão de dois anos, pois assim a escolha do prefeito coincidiria com a do governador.

Sodré queria manter Faria Lima que gozava de imensa popularidade. Costa e Silva, que não mantinha relações amistosas com Jânio, escolheu Maluf para prefeito, sendo nomeado a contragosto por Sodré. Maluf então continuou com a política dos seus antecessores, então muito populares, concentrando 60% do orçamento em obras viárias em especial nas regiões mais centrais.

Em 1978 Maluf foi eleito indiretamente Governador de São Paulo tendo sido antes Secretário de Transportes no Governo anterior de Laudo Natel.

Em 1982 Maluf deixa o cargo para ser eleito na Câmara de Deputados, porém em 1984 Maluf perde para Tancredo Neves as eleições indiretas para Presidente do Brasil.

Neste momento, a legitimidade decadente do regime autoritário, a redução da força do partido situacionista—o PDS de Maluf—geraram uma situação na qual a manutenção do apoio ao governo militar tornava-se uma opção custosa para os políticos. Sob esse peso, somado à oposição à indicação oficial do presidente a Paulo Maluf, fizeram com que a dissidência que formara o PFL juntasse forças com o PMDB e derrotasse Maluf, isolando-o como uma das principais forças de uma direita que, neste momento, tinha apenas dois partidos, o PFL e o PDS³⁸.

³⁸ Em 1984, tanto PDS³⁸ como o PMDB sofriam com o processo de esvaziamento. O primeiro padeceu de um processo de fragmentação que culminou na saída da sua facção mais liberal. Esta foi responsável pela

Após esta derrota Maluf perderia em mais quatro oportunidades uma eleição. A primeira para o Governo do Estado de São Paulo em 1986, quando a capital era dirigida por Jânio Quadros, e que teve Orestes Quércia (PMDB) como vencedor.

Nessa eleição (1986) no primeiro programa televisivo da campanha de Paulo Maluf, a imagem de abertura o apresentou com sua esposa, Silvia, aos pés de Nossa Senhora da Penha na igreja da Penha de França na Zona Leste, rezando compungidamente. Para Pierucci (1989) esta imagem foi sintomática da tentativa de condensação dos símbolos da tradição, da família e da religião.

A partir de 1988, Paulo Maluf tenta se desvencilhar da sua origem política ligada aos militares, defendendo um programa econômico “modernizador” na administração pública através da sua adaptação à economia de mercado, sendo derrotado nas eleições para a prefeitura de São Paulo de 1988, agora para Luiza Erundina (PT).

Já em 1989, sua terceira derrota viria na disputa das eleições presidenciais, agora para Fernando Collor de Mello (PRN) com quem, juntamente a Afif Domingos (PL) e Ronaldo Caiado (PDC) dividiu o voto conservador. Finalmente, em 1990, nas eleições para o Governo do Estado, Paulo Maluf perde para Mario Covas (PSDB).

Mesmo com o acúmulo de quatro derrotas—sem contar com os resultados das eleições indiretas em 1984—em 1992 o malufismo se consagra com sua eleição para a

fundação do PFL, que, por sua vez, associou-se à frente oposicionista, viabilizando a formação da Aliança Democrática, base de sustentação do governo (PMDB + PFL). A formação deste bloco permitiu a derrota do governo no Colégio Eleitoral, dando assim condições para a transferência do poder militar para o poder civil. (Diniz, 1989 B). O PMDB, por sua vez, teve comprometida a sua coesão e sua unidade de ação em função de diferenciações internas e no embate de correntes distintas e até mesmo antagônicas. Uma ocorrência previsível se levarmos em conta o contexto em que o PMDB fora criado. Apesar de todas as vicissitudes, ainda hoje o PMDB ainda é o partido que mais elege cargos majoritários no Brasil³⁸.

prefeitura de São Paulo e na reedição de uma administração malufista em 1996 com a eleição de Celso Pitta (PPB).

Apesar de ser sobrevivente da base de apoio do regime militar, Maluf conquistou o posto de um dos políticos de maior prestígio na capital paulista tendo vencido ali todas as eleições que disputou de 1990 até 2000. Foi necessário para isso, a ‘mudança’ no seu perfil, produzida através de grandes investimentos em marketing. Ao apelo à violência, à moralidade e à ameaça do comunismo de sua campanha na primeira eleição direta que disputou para o Governo do Estado em 1986, paulatinamente foi sendo adicionada a temática da competência administrativa, da eficiência e da laboriosidade, nas eleições seguintes.

Além do que a viabilidade eleitoral da esquerda na capital paulista, concretizada com a vitória do PT nas eleições municipais de 1988, parece ter contribuído para fomentar uma postura estratégica de adesão ao “neomalufismo”, sobretudo por setores da elite, como forma de banir a esquerda do executivo (Pierucci, 1989; Pierucci e Lima, 1991).

IV-A DINÂMICA POLÍTICA NA CAPITAL PAULISTA NO PERÍODO PÓS-85

Pela primeira vez desde a vigência do período militar, em 15 de novembro de 1985, foram realizadas eleições diretas para as prefeituras das capitais, estâncias hidrominerais, e áreas de segurança nacional. E pela primeira vez também, desde a massacrante vitória através dos 70% dos votos paulistanos obtidos pelo candidato do MDB ao Senado em 1974, o (P) MDB perdia uma eleição na capital paulista, e para a direita (Pierucci, 1989).

Em 1985³⁹, com a progressiva dispersão das preferências antes concentradas no MDB, o partido que mais ganhou adeptos dissidentes do MDB na cidade de São Paulo foi sem dúvida o PT (Lamounier e Muszynski, 1989). O Janismo reaparece com força após a derrota em sua candidatura para o Governo do Estado em 1982. Além de herdar boa parte dos votos arenistas, conseguiu também receber votos de antigos emedebistas. Com a ausência de Adhemar, Jânio Quadros tinha agora dois inimigos: O PMDB⁴⁰ de Fernando Henrique Cardoso, e o PT. Este último, depois de apresentar Lula como candidato em 1982 atingiu o terceiro lugar da votação geral, que então apresentava como candidato Eduardo Suplicy. (Lamounier e Muszynski, 1989).

³⁹ Após janeiro de 1985, no contexto do regime civil, novas mudanças (como a legalização dos partidos de esquerda e a extensão do sufrágio aos analfabetos) fizeram com que surgissem um grande número de partidos, quase sempre com alcance restritamente regional e de sobrevivência garantida apenas por laços clientelistas. Nas eleições de 1986 para a Assembléia Constituinte, acentuou-se a tendência ao fortalecimento do PMDB, o qual obteve presença majoritária nos resultados seguido do PFL, PDS, PDT, PTB, e PT consecutivamente.

⁴⁰ O PMDB invocava a luta pela redemocratização, a memória das campanhas populares e a vitória de Tancredo Neves, procurando construir uma polarização contra o retrocesso representado pela volta de Jânio Quadros, e figuras como Delfim Netto e o atual governador Paulo Maluf. O PT, apesar de crescer consideravelmente em relação a 1982 ainda dependia de dissidentes do PMDB. Principalmente nas áreas mais carentes.

Diferente do que ocorrera em 1982, os partidos conservadores formaram um bloco. O PDS, sabendo da sua fragilidade eleitoral já deflagrada em 1982, deu total apoio à Jânio Quadros. O PFL, através do ministro Olavo Setúbal também demonstrou sua simpatia à Jânio. Portanto, jutando-se à fidelidade janistas dos bairros da classe média paulistana, ao apoio do PFL e do PDS, Jânio ampliou a sua base social. (Sadek, 1986).

Porém para ampliar ainda mais o alcance do janismo, ou seja, estender a influência de seu eleitorado também para as camadas mais pobres e numerosas, Jânio empenhou-se em reviver os temas de suas campanhas anteriores:

“Daí o empenho de Jânio Quadros em reviver sua velha tecla, apresentando-se como candidato independente e acima dos partidos, ou como inimigo deles. Mais do que uma obsessão ou simples retórica, o personalismo é também uma estratégia eleitoral”(Lamounier e Muszynski, 1986, p. 64).

O pleito de 1985 confirmou a tendência de vitória dos partidos em oposição ao governo do Estado⁴¹. De 1974 a 1982, o PMBD venceu por larga margem de votos (contra ARENA e PDS). Em 1985, a vitória coube à coligação PTB-PFL, cujo bom desempenho teve raízes na expressiva votação (38%) do bloco conservador—PDS + PTB—já nas eleições de 1982.

Ainda dentro do bloco ‘oposicionista’⁴², foi destacado o crescimento real do PT, único partido que aumentou seus percentuais em quase todos os 178 distritos eleitorais da

⁴¹ A tendência comportamental eleitoral chamada de “oposicionismo sistemático” foi bastante usada nas análises da época. Essa idéia preconizada por Huntington (1975) apontava o oposicionismo urbano como uma tendência constante no processo político-eleitoral de países de Terceiro Mundo. Juntamente a essa teoria existia também a hipótese da maior penetração dos partidos de oposição nas áreas mais pobres da cidade. Pensando nestes termos podemos notar como essa coincidência entre oposicionismo e peemedebismo foi tão completa que entre 1974 e 1982 os resultados eleitorais foram quase que previsíveis.

⁴² A vitória de José Serra (PSDB) nas eleições de 2004 para a prefeitura de São Paulo pode ser mais um dado a ser estudado dentro desta perspectiva de ‘oposicionismo sistemático’ do eleitorado paulistano. Serra venceu Marta Suplicy (PT) que disputava a reeleição na cidade, sob um programa de oposição ao PT—que teve nesta

capital entre 1982 e 1985. “Foi igualmente notável o avanço eleitoral do PTB, cujo ressurgimento deveu-se, efetivamente, ao bem sucedido retorno de Jânio Quadros à arena eleitoral”(Meneguello, 1986, p.104)⁴³.

Voltando a 1986, no pleito para governador tínhamos na disputa: Orestes Quércia PMDB; Antonio Ermírio de Moraes (PTB), Paulo Maluf (PDS) e Eduardo Suplicy (PT).

Tendo sido prefeito da capital e governador do Estado de São Paulo, e tendo a seu lado uma grande máquina partidária e lideranças locais oriundas da sua grande influência no PDS em São Paulo, Paulo Maluf aglutinava a lealdade dos prefeitos do interior paulista e o apoio do empresariado sob a imagem de realizador de obras de vulto. Além disso, era identificado como um político mais à direita no espectro ideológico.

Esse é um elemento muito importante em nossa análise. Diferentemente de Jânio Quadros, Maluf sempre foi um político que manteve vivas as suas bases de apoio institucional. Desde a imposição de sua candidatura em 1985 no Colégio Eleitoral (onde perdeu a votação indireta para a presidência da república para Tancredo Neves), Paulo Maluf demonstrou que, apesar da imposição de sua candidatura ter resultado em uma divisão e esvaziamento do PDS, sua influência não era apenas restrita a cidade de São Paulo.

A eleição de 1988 foi a última realizada antes da introdução do sistema majoritário de dois turnos, e foi disputada por 14 candidatos que concorriam à sucessão do

campanha o status de ‘situação’ por ter apoio do governo federal. Além disso, é caro lembrar que José Serra começou sua campanha com o estigma de ser a oposição ao governo central já que fora o candidato derrotado por Lula nas eleições presidenciais (PT) em 2000.

⁴³ Outro fato importante lembrado por Sadek (1986), diz respeito ao comportamento político determinado pela região, ou seja, a potencialidade de se ter uma tendência de votação em regiões determinadas pela sua localização, sua vizinhança, desrespeitando barreiras de classe, de cor ou de religião. Esse ponto foi também explorado por Pierucci (1989) na comparação dos redutos de eleitorado janista com o de Paulo Maluf.

ex-presidente Jânio Quadros (PTB). Este último vencera sua eleição em 1985 com 39,3% dos votos válidos contra 35,8% de Fernando Henrique Cardoso (PMDB) e 20,7% de Eduardo Suplicy (PT).

Nestas eleições (1988), as cinco principais candidaturas foram as de Luiza Erundina (PT), o ex-governador Paulo Maluf (PDS) e os deputados federais João Leiva (PMDB), José Serra (PSDB) e João Melão Neto (PL).

Indo contra todas as previsões, Luiza Erundina (PT) venceu a eleição com 36,8% dos votos, seguida por Maluf 30,1%, Leiva 17,5%, Serra 6,9% e Mellão 6,6%. Dessa maneira, o maior colégio eleitoral brasileiro contemplou em 1988 o início de uma longa polarização pelo poder executivo paulistano entre petismo, defensor de um programa progressista de atenção voltada aos problemas sociais da cidade, e malufismo, com seu discurso anticomunista, de ênfase na autoridade do candidato Paulo Maluf e na defesa de medidas de curto prazo para o combate à violência, deixando assim de lado, as forças e tendências políticas de teor mais moderado (Silveira, 2002; Pierucci, 1987; 1989; Pierucci e Lima, 1993). “Foi nesse clima—que, se não era de pânico classista, era de susto e preconceito—que um grande número de eleitores dos bairros mais ricos correu para tentar eleger Paulo Maluf” (Pierucci, 1991).

Vindo das mãos de Jânio, o controle político da cidade era então entregue às mãos do PT, que já nas eleições de 1985 obtivera mais de 20% dos votos válidos com Eduardo Suplicy. Assim, tinha início uma alternância de poder entre forças diametralmente opostas nos esquemas tradicionais do espectro ideológico entre esquerda e direita.

O PT conseguiu aumentar seu prestígio de 13% de simpatizantes em 1982 para um quarto das preferências em 1988 na cidade de São Paulo. O PMDB, por outro lado, que antes desfrutava de uma posição de quase unanimidade no período bipartidário (como

MDB), perdeu adeptos em ritmo crescente. Esse decréscimo do eleitorado do PMDB teve seu início a partir de 1982, quando Franco Montoro (PMDB) assumiu o Governo Estadual. As derrotas do partido em 1985, 1986 e 1988 deixam clara esta tendência. (Muszynski, 1989).

Assim como ocorria com o PMDB na capital paulista até 1986, o PT tem como motivação a identificação partidária de seus candidatos desde a sua fundação. Diferentemente do que ocorreu com Jânio em 1985, com Maluf e Antonio Ermírio em 1986—onde o eleitorado pensava unicamente na pessoa do candidato deixando de lado a identificação partidária.

No entanto, no período de quatro anos entre as eleições para governador (de 1986 à 1990), o eleitorado de Paulo Maluf praticamente duplicou na cidade de São Paulo, saltando de 19.4%, para 37.9% (Pierucci e Lima, 1991).

Em 1992, dos nove candidatos que disputaram as eleições municipais, apenas cinco deles eram realmente competitivos⁴⁴. Maluf e Eduardo Suplicy, por PDS e PT respectivamente, reeditaram a disputa polar em 1992. Os outros candidatos que angariaram mais de 5% dos votos válidos foram: Aloísio Nunes Ferreria (PMDB) e Fábio Feldman (PSDB) com respectivamente 12,9% e 5,8% dos votos válidos no primeiro turno. Maluf desta vez quase garantiu sua vitória já no primeiro turno, com 48,8% dos votos contra 30,7% de Suplicy. Reeditando a diferença do primeiro turno, Maluf (PDS) retornou então pelas eleições diretas ao cargo máximo executivo da cidade de São Paulo com 58,1% contra 41,9% de Suplicy (Silveira, 2002).

⁴⁴ Pois somente estes apresentavam no mínimo 5% dos votos nas pesquisas eleitorais da época

A diferença básica entre as disputas de 1992 e a de 1996 foi que o malufismo, nesta última, não era representado pelo próprio Maluf. Esse posto foi defendido por Celso Pitta, ex-secretário municipal da Fazenda de Paulo Maluf, agora pelo PPB (antigo PDS depois de algumas fusões). O malufismo teve como principal adversário novamente o PT, nesse momento representado por Luíza Erundina, além de José Serra (PSDB), Francisco Rossi (PDT) e José Aristodemo Pinotti (PMDB).

Cristalizando a relação entre sua imagem e a de Paulo Maluf, Pitta subiu vertiginosamente nas pesquisas chegando ao final da campanha com 48,2% dos votos válidos, seguido por Erundina (PT) com 24,5%, Serra (PSDB) com 15,6%, Rossi (PDT) com 7,6% e Pinotti (PMDB) com 1,9%. Seu discurso era uma reedição dos temas e evocações que fizeram de Paulo Maluf o prefeito em 1992: a eficiência administrativa, o caráter empresarial de comando, a evocação a temas como o combate ostensivo à violência, e a crítica ao petismo. A diferença entre o discurso de Pitta e Maluf era tão irrisória que a presença de Maluf no HGPE de 1992 era quase que constante.

No segundo turno Pitta chegou à surpreendente marca de 62,3%, contra 37,3% dos votos válidos sobre sua adversária, reafirmando o malufismo no comando do poder executivo na capital paulista, superando até mesmo o seu padrinho político Paulo Maluf. (Silveira, 2002).

Em 1998 o candidato Paulo Maluf (PPB) foi derrotado na reeleição do então governador Mário Covas (PSDB). Nesta mesma oportunidade Marta Suplicy (PT) disputava sua primeira eleição para um cargo executivo.

IV-1) As Eleições de 2000

As eleições de 2000 na cidade de São Paulo demonstraram mais uma vez como a capital paulista sempre apresenta em suas eleições um cenário competitivo. Desde a abertura democrática com as primeiras eleições diretas em 1985, São Paulo apresenta um comportamento eleitoral oscilatório que surpreende pela ousadia das suas escolhas. (Chaia et alli, 2000) Depois da vitória de 1985 de Jânio Quadros, a prefeitura da cidade de São Paulo teve quatro disputas eleitorais (1988-1992-1996-2000) onde a disputa pelo voto oscilava entre a proposta petista, identificada com um programa de esquerda, e o malufismo, associado a tendências conservadoras.

Durante o final do mandato de Celso Pitta, ele e Maluf estavam sob o peso de diversas acusações envolvendo corrupção e superfaturamento de obras. O caso da “Máfia da Propina” ilustra bem o momento político da época: No final do mês de dezembro um fiscal da prefeitura de São Paulo foi acusado de subornar a dona de uma academia de ginástica. O fiscal foi preso em flagrante e a partir deste fato outras denúncias apareceram envolvendo não só fiscais da prefeitura, mas vereadores e secretários do Governo Pitta. Desta situação dois vereadores acabaram tendo os seus mandatos cassados (Chaia, 2000).

É neste clima de críticas e acusações a Maluf e ao malufismo que as eleições de 2000 acontecem.

Maluf representa o eleitorado mais conservador, como também Romeu Tuma e Marcos Cintra. Mas apesar do alarde de alguns mídias e analista que apontavam o fim do malufismo, a campanha do primeiro turno mostrou como o malufismo e todo o conservadorismo social que ele representa estava vivo ou latente (Chaia, 2000).

Os cinco primeiros colocados no primeiro turno de 2000 na cidade de São Paulo foram: **Marta Suplicy (PT) 34,4%; Paulo Maluf (PPB) 15,7%; Geraldo Alckmim**

(PSDB) 15,57%; Romeu Tuma (PFL) 10,34% e Luíza Erundina (PSB) 8,54%⁴⁵.

Destes, apenas Paulo Maluf PPB e Luíza Erundina PSB já haviam sido prefeitos de São Paulo.

A disputa no primeiro turno ficou estabelecida entre os quatro primeiros colocados na apuração final. Geraldo Alckmim (então Vice-Governador pelo PSDB), apesar de obter um grande respaldo eleitoral por ser o candidato de Mario Covas—Governador do Estado de SP pelo PSDB eleito em 98 quando venceu Marta Suplicy no 1 turno e depois Paulo Maluf no 2—, não conseguiu ultrapassar Paulo Maluf e juntar-se a Marta no segundo turno.

Romeu Tuma PFL representava uma candidatura marcada pela ênfase na segurança pública—plataforma de sua campanha desde que deixou o aparelho repressivo do período milita. O que nada trazia de novo para um eleitorado que tinha Paulo Maluf como opção deste discurso. Já Luíza Erundina (PSB) trazia consigo a imagem da primeira candidatura do PT a ganhar em uma capital⁴⁶. Porém com a sua ruptura com o PT, filiação ao PSB e a conseqüente apresentação pelo PT de outra candidatura, Erundina não conseguiu levar consigo o eleitorado que a elegera 14 anos atrás, obtendo apenas 8,54% dos votos válidos no primeiro turno em 2000.

A quantidade de candidaturas em 2000, deixa evidente como a capital paulista tem a capacidade de catalisar forças de diversas matizes, contrapondo pólos ideológicos de forma contundente. Porém é inegável—pelo menos até o momento—o peso maior do conservadorismo tanto no conjunto de legendas, quanto na força de algumas de suas

⁴⁵ Fonte: <http://www.tre-sp.gov.br/eleicoes/eleicoes.htm> em 06/2005

⁴⁶ Nas eleições municipais de São Paulo em 1986

lideranças eleitorais (Silveira, 2002, Mainwaring et alli, 2000, Pierucci, 1987; 1989; Pierucci e Lima, 1993).

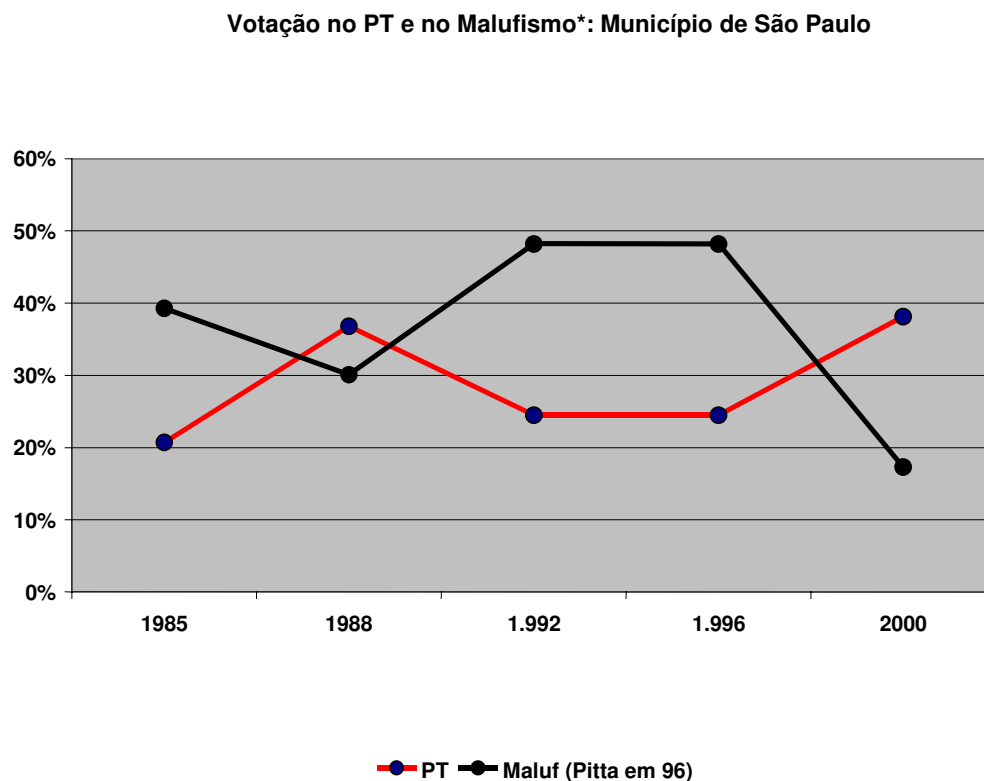
A disputa então ficou balizada entre Marta Suplicy, Paulo Maluf e Geraldo Alkmim, com Romeu Tuma de maneira mais afastada. Desde o princípio da disputa, os candidatos Marta Suplicy e Paulo Maluf privilegiaram a ênfase propositiva em suas campanhas, ou seja, preocuparam-se mais com a apresentação dos programas de governo e das soluções propostas para os problemas da cidade do que com ataques aos outros adversários. Porém é importante lembrar que se por um lado o programa de Marta Suplicy não desfere ataques diretos a Maluf no primeiro turno, por outro, os seus programas no HGPE têm sempre a intenção de apresentá-la como a opção da renovação para a cidade de São Paulo “*Dar a volta por cima*”. Isso tudo demonstra como sua candidatura é construída com a intenção de ser o contraponto administrativo do malufismo para a cidade.

Marta apresentava-se como a opção mais à esquerda para a cidade, após oito anos de administração malufista (1992-96, e depois com Pitta de 1996-2000), com a promessa de retomar o estilo diferenciado de administração petista como contraponto ao ‘modus’ malufista de governar.

Uma característica muito cara na construção de nossa hipótese—tese essa que já fora explorada por Pierucci (1987, 1989)—é a de que: “O malufismo renasce ao mesmo tempo que revigora o petismo”, ou seja, existe um tipo de associação entre a votação destas correntes.

O Gráfico 1 nos coloca diante de uma clara relação de associação entre essas duas forças políticas na cidade de São Paulo:

Gráfico 1



Fonte: TSE. (Contando apenas os primeiros turnos quando aconteceram)

* Em 1996 Celso Pitta PPB ganha as eleições com o apoio do então prefeito e seu padrinho político Paulo Maluf (1992-1996).

É muito interessante como a votação entre essas duas tendências se alternam de maneira uniforme. Uma outra característica a ser indicada é a que mostra que vence a eleição no segundo turno (com exceção de 1988, eleição com turno único) apenas aquele candidato que vence o primeiro turno.

É este o cenário em que nos debruçamos agora na tentativa de estabelecer qual é a matriz do discurso conservador de Paulo Maluf em 2000: Seria essa apenas mais uma versão regional da direita tradicional? ou Maluf se apresentou como uma versão diferenciada ou ‘moderna’ da direita contemporânea?

Somente no período de quatro anos entre as eleições para governador de 1986 à 1990, o eleitorado de Paulo Maluf praticamente duplicou na cidade de São Paulo, saltando de 19.4% em 1986, para 37.9% em 1990 (Pierucci e Lima, 1991).

Em 1992 Maluf vence as eleições municipais, elegendo nas eleições de 1996 seu sucessor Celso Pitta. Somente em 2000 o PT voltaria ao Palácio dos Bandeirantes através de Marta Suplicy. É interessante ressaltar que a vitória de Marta se deu após um emblemático embate contra o malufismo no segundo turno, onde o apelo conservador de Maluf foi explorado tanto pelo próprio candidato quanto como por Marta Suplicy na intenção de combatê-lo.

Apesar da vitória de Marta Suplicy, temos como prova da absorção do apelo de Maluf sua votação que ultrapassou a marca dos 2.300.000 votos da cidade, um equivalente à 41,49% contra 58,51% de sua adversária. Podemos então, dizer que esse eleitorado está longe de abolir sua sensibilidade a apelos conservadores.

Esse resgate da consistente votação conservadora da cidade de São Paulo realizado até aqui teve o intuito de mostrar como a temática direitista é absorvida e apoiada por uma grande parcela deste eleitorado neste longo período. A constante presença do campo político de direita no cenário paulistano, preserva seu papel no imaginário do eleitor e reforça seu impacto na dinâmica eleitoral da cidade.

O contexto da eleição paulistana de 2000 foi escolhido como o mais propício para o estudo da proposta malufista na dinâmica eleitoral da cidade.

V-MÍDIA E DISCURSO POLÍTICO:

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é embasada na idéia da centralidade da TV na sociedade contemporânea (Manin, 1985). Ela também se baseia na definição da dupla natureza do papel da mídia nos processos eleitorais contemporâneos, que integra ao mesmo tempo que constitui-se no espaço próprio em que o debate e a controvérsia se realizam—promovendo assim as condições para a formação da opinião—é uma das premissas da nossa perspectiva de análise (Meneguello, 2004).

Da mesma forma, para estudar a cidade de São Paulo cabe considerar o espaço urbano das megacidades uma arena que, apesar da multiplicidade de lugares e da complexidade formas de inclusão de seus habitantes, tem na dinâmica de integração realizada pela mídia e toda a rede de comunicação, a construção de imaginários globais por seus indivíduos: “visões de massa da cidade em que se articulam o local, o nacional e o internacional, e onde símbolos e fatos ligados ao passado e à história do desenvolvimento de um lugar podem adquirir status de mito”(Meneguello, 2004, p. 1-2).

Destacamos, portanto, a dimensão do contexto analisado, o palco de nosso objeto de estudo: São Paulo, terceira maior cidade do mundo em 2000, e o maior eleitorado do Brasil, tendo alcançado a marca de 7,1 milhões de indivíduos. Valor superior ao eleitorado de 23 dos 27 estados brasileiros neste mesmo ano.

O contexto paulistano é o cenário onde emergem grupos distintos socioeconômicos e culturais, que acolhem variadas tendências, mas, sobretudo, que permite o desenvolvimento de uma tendência conservadora trazida na liderança de Paulo Maluf.

“A singularidade de São Paulo não carece ser sublinhada: o tamanho da cidade e de seu eleitorado, seu modo muito especial e seu ritmo acelerado de desenvolvimento histórico, a composição étnica de sua população, o modo caótico e auto-destrutivo da configuração de seus espaços construídos, a impermanência desnorteante de seus estoques arquitetônicos e de seu traçado viário, o nomadismo interno de seus moradores através desses espaços, em constante mutação, bem como o afluxo inesgotável de novos habitantes, além é claro de seu status de capital econômica do País (...)” (Pierucci, 1989, p.44).

V-1) As Referências da Análise do Discurso

Um das primeiras considerações que devemos fazer sobre a Análise do Discurso (AD) é sua natureza interdisciplinar. A AD não é um campo perfeitamente delimitado de cientificidade, sua constituição dá-se pela contribuição de mais de um campo do conhecimento, entre a lingüística e as ciências sociais. A interação dessas disciplinas sempre é relevante, porém o destaque maior entre um outro campo depende antes dos objetivos da análise do que propriamente do objeto a ser analisado (Possenti, 1993).

Entretanto, de acordo com Albuquerque (1993), a AD no Brasil é comumente identificada como tendo duas origens distintas: a AD como uma análise de ideologia e por outro lado a AD como análise de linguagem. Enquanto que uma se volta para a realidade social como determinante dos processos de pensamento e de sua expressão discursiva, a outra concepção privilegia a análise centrada na materialidade do discurso, sendo tanto a sua forma quanto o seu conteúdo, as bases da compreensão do discurso e até mesmo do seu sujeito e da realidade (Albuquerque, 1993).

O problema que surge da interpretação da AD como originária de ambas as concepções é a interpretação do discurso como um elemento intermediário entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Esse elemento cumpriria a função de reprodução do objeto.

No caso desta pesquisa, onde analisamos a matriz do discurso malufista em um contexto eleitoral de embate ideológico, considerá-lo como ideologia significa considerá-lo enquanto algo que se coloca entre o sujeito e a realidade (Albuquerque, 1993, Landi, 1986).

Para Albuquerque, entretanto, o problema dessas teorias está na concepção do discurso como intermediário entre sujeito e objeto, como reprodução da realidade, pois o discurso está no sujeito enquanto representação, significação, não sendo, dessa forma, distinto do sujeito e da realidade (Albuquerque, 1993).

“O que distingue a teoria da ideologia dentre as concepções do discurso enquanto reprodução do objeto é o pressuposto de que o determinante dessa reprodução deve ser buscado do lado da realidade social e, mais particularmente, das relações de produção no sentido marxista da expressão” (Albuquerque, 1993, p. 75)

A principal referência sobre a abordagem de análise do conteúdo discursivo nesta pesquisa é a obra de Landi (1985).

A noção de realidade no discurso político, como é desenvolvido por Landi (1984), é desdobrada pela alusão ao seu referente externo e também—e principalmente—a si mesmo, à realidade possível. Isto ocorre através do uso de dados, estatísticas, relatos de acontecimentos e da introdução de outras vozes autorizadas mediante citações, que buscam um efeito de transferência: a realidade tal qual é na palavra do político, suas verdades.

Bourdieu (1982) afirma que o poder de um enunciado reside, na verdade, nas condições institucionais de sua produção e de sua reprodução. A especificidade de um discurso de autoridade, que, por exemplo, formula uma ordem—caso de enunciado elocutório—depende do reconhecimento social da posição de autoridade de quem a emite (Bourdieu, 1982). Não se pode conceber as posições de autoridade como algo dado, que se reproduzem por si mesmas, sem indagar “(...) *la dimensión propriamente discursiva em las*

que se libran los conflictos por legitimar las posiciones de autoridad em tanto posiciones simbólicas, intersubjetivas.” (Landi, 1984, p. 15)

Estes elementos são essenciais no momento em que estamos diante de candidatos construindo para o eleitor a sua ‘imagem’ e a de seus adversários.

Para a análise do discurso político, a dimensão contratual que um enunciado elocutório instaura entre os interlocutores, remete à sua constituição mútua, à definição dos atributos de suas identidades, às posições simbólicas de poder que ocupam. (Landi, 1984, p. 15).

Um ato elocutório contém a pretensão da criação de direitos e obrigações entre os interlocutores, isto é, opera uma *transformação jurídica* entre ambos. Introduz a idéia de obrigação, explícita em um realizativo do tipo: “*Eu juro*”, ou mais indireta como as responsabilidades que se pode encontrar em um momento dado como: “*eu afirmo que...*”.

Diferente da concepção da linguagem como um código mediante o qual o emissor e o receptor trocam informações ou mensagens, a perspectiva contratual concebe a linguagem como um jogo em que se instauram regras sustentadas institucional e culturalmente. A enunciação, a modalidade em que a pessoa que fala se relaciona com as mensagens que está emitindo nos situa no campo dos conflitos pela produção do sentido que estrutura.

Os enunciados não representam a realidade como se os signos tivessem uma transparência que nos situasse frente às próprias coisas. No caso dos enunciados denominados “*realizativos*”, nos encontramos apenas com ○ que remete à ação de enunciar, às pretensões do enunciador e às possibilidades de resposta do destinatário. São enunciados reflexivos.

Dada a dimensão contratual, é impossível uma relação dual onde constem unicamente enunciador e destinatário. Quando nos referimos aos jogos de linguagem como

conjunto de relações arbitrárias, sustentadas unicamente pela autoridade de uma instituição, estamos fazendo referência a um terceiro elemento, o pólo institucional que permite as relações de interlocução: o regime político, a igreja, as Forças Armadas, as corporações empresariais e sindicais, etc (Landi, 1984).

Sem o intermédio de um terceiro elemento, que será específico em cada formação sociopolítica, a relação entre os interlocutores estaria condenada a oscilar entre a fusão ou a conexão total entre eles. Isto é muito importante para poder conceber como um sistema institucional funciona na constituição da intersubjetividade, explicitamente em períodos fundacionais ou de risco para o sistema (a verbalização das regras democráticas) ou mais implicitamente, de forma mais conotada em sistemas estáveis e legitimados. E também, no sentido inverso, para conceber como a trama intersubjetiva presente nas relações sociais, no sentido da ação, pode facilitar ou obstruir o funcionamento dos sistemas. (Landi, 1984)

O ato de ‘prometer’ de um político, tem uma *dupla referência*: a que concerne à “realidade” sobre a qual se promete algo, e a da ação de prometer que instaura uma situação intencional nova. Dessa forma, como na representação da “realidade tal qual é”, o discurso político constitui uma narração regulada pela busca da ‘*verossimilhança*’. Quando a referência é seu próprio ato de fala, é decisiva a produção da ‘*confiabilidade*’.

Finalmente, o que define para Landi (1984), o caráter político de um discurso não é nem sequer prioritariamente o fato de “falar de política” (critério semântico), mas sim, o que realiza certos tipos de ‘atos’ transformadores de relações intersubjetivas (critério sintático e/ou pragmático): A outorga de um lugar aos sujeitos “autorizados” (com “direito à palavra”), instaura “deveres”, constrói as “expectativas” e gera a “confiança”. (Landowski, 1982; apud Landi, 1984, p. 18)

Para analisar um discurso político, portanto, trata-se de explicar sua *capacidade ou potencial significativo*, através do que Landi denomina de **estratégia discursiva** (Landi, 1984).

Assim, optamos por um enfoque que concebe a competência comunicativa em termos de jogos de linguagem, a capacidade do emissor se relativiza nas formas contratuais e históricas que sustentam os enunciados realizativos competentes.

“(...) o discurso é esse frágil lugar em que se inscrevem e se lêem a verdade e a falsidade, a mentira e o secreto; seus modos de *veredicción* resultam da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário, suas diferentes posições, e não se fixam senão sobre um equilíbrio mais ou menos proveniente de um acordo implícito entre os dois atuantes da estrutura da comunicação. É este entendimento tácito e que é designado com o nome de *contrato de veredicción*.

(Greimas, 1983, p.105; apud Landi, 1984, p. 21)

Para acentuar mais este aspecto cabe recordar que existem outras formas de significação como a imagem, o símbolo, até mesmo o silêncio que, em certas circunstâncias podem adquirir uma capacidade significativa mais nítida, evidente e condensada que muitas palavras pronunciadas de um palanque político.

Também cabe dizer que as diversas alternativas interpretativas do discurso político refletem uma margem de indeterminação que nunca é infinita, que varia dentro de certas restrições históricas e culturais. “Esta resistência do texto a certas variações ideológicas contextuais e não a outras não tem explicação se não se aceita que o texto mesmo possui suas próprias marcas de isotopias de leitura (e, para o caso que aqui nos preocupa, suas ‘*marcas de veridicción*’) que limitam suas possibilidades”. (Greimas, 1983, p. 106; apud Landi, 1984, p. 21). Por outro lado, o símbolo, a imagem, o gesto se sustentam por último

pela ajuda das palavras, seu sentido é em tal medida que se associa de uma maneira ou outra, tarde ou cedo, a linguagem.

V-2-Procedimento da análise do material

Reduzir a análise do discurso político de Maluf a uma oposição ‘democracia’ X ‘autoritarismo’ é empobrecer muito a análise. Seria superficial concluirmos que Paulo Maluf—a partir da oposição “democracia” X “autoritarismo”—, mesmo falando ao povo em geral, estivesse apenas tentando atrair uma camada social com tendências autoritárias.

Procuramos aqui apreender as ambigüidades constitutivas do próprio discurso político, antes de reduzi-las meramente a um conjunto coerente, ou explicar a coexistência de elementos pertencentes a concepções distintas, quer através da irracionalidade do orador, quer da irracionalidade de seu público. (Debret, 1979).

É importante para nós vermos a linguagem simbólica como necessariamente ambígua e aberta. Ambígua e aberta no sentido de que dá força a um discurso político que, ao procurar encobrir os conflitos sociais, ao mesmo tempo, e por causa disso, abre um grande leque de possibilidades, de forma a incluir e transformar em seu público o maior número possível de indivíduos, apesar de suas diferenças (Debret, 1979).

Valeria a pena, portanto, determo-nos mais na predicação dos diferentes atores. Assim poderíamos compreender, por exemplo, qual seria o **tipo de Estado** afirmado pelo discurso—através da junção de elementos pertencentes a concepções políticas distintas. Por outro lado poderíamos identificar qual a concepção da **relação dos homens com o poder político** que o discurso afirma e como, através dele, os indivíduos são interpelados a legitimar essa concepção.

O material que analisamos é o conjunto de programas do HGPE transmitidos na campanha paulistana de 2000 entre 15/08/2000 e 27/10/2000.

A análise está pautada pela separação do conteúdo do discurso de Paulo Maluf em seus Temas Principais, a partir dos quais pudemos identificar as alusões e apelos utilizados no tratamento de determinados assuntos. A essas questões levantadas denominamos de ‘Subtemas de Tratamento’, que nos auxiliaram a identificar o momento e a forma como idéias e modelos de uma visão de mundo, de conduta, bem como o modelo de ação e a natureza da relação entre o líder e a suposta população receptora dos benefícios das políticas públicas são expostas. Essa sistematização subsidia a comparação e análise do material encontrado à luz da bibliografia analisada⁴⁷.

A metodologia de tratamento do material consiste então na sucessão de três etapas:

1ª Etapa:-Identificar os Temas Principais de campanha

A abordagem por nós desenvolvida foi a de separar, dentro de cada temática de campanha (segurança, emprego, etc.), os segmentos do discurso proferido pelo candidato. Esses temas foram analisados separadamente para que assim se pudesse estabelecer uma análise estrutural da campanha, ou seja, uma apreciação do conteúdo discursivo em sua divisão estratégica e organizacional por temas e assuntos abordados. Com este propósito, o material gravado no HGPE (Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral) durante toda a campanha eleitoral de 2000 foi classificado quanto à abordagem dos seguintes temas:

⁴⁷ É muito importante também a identificação de: 1-como se **qualifica** e 2- quais são as **funções** atribuídas à Maluf pelo seu próprio discurso. (Isso será analisado na seção terceira do trabalho).

- *Campanha Eleitoral*, seção em que separamos os trechos dos programas do HGPE onde Paulo Maluf e Marta Suplicy apresentam em seu discurso alguma referência à: campanha eleitoral em si, ao contexto da disputa e aos seus resultados em pesquisas de opinião.
- *Outros Candidatos*, onde foram separados os trechos do HGPE em que Paulo Maluf e Marta Suplicy apresentam em seus discursos referências diretas ao outros candidatos da eleição.
- *Violência e Segurança Pública*, aqui são expostas as considerações sobre essa seção temática de campanha por ter sido, quantitativamente, o tema mais citado pelos candidatos. Além de ser historicamente o principal tema de campanha de Paulo Maluf, nosso objeto de estudo.
- *Economia e Emprego*, neste item foram selecionados os segmentos do discurso onde surgiram sugestões sobre o desenvolvimento econômico da cidade de São Paulo bem como as propostas para o desenvolvimento, criação de emprego, e recolocação de trabalhadores no mercado foram propostas.

Além de serem os mais trabalhados durante a campanha de Paulo Maluf PPB em 2000, esses temas são os assuntos que historicamente estabelecem as diferenças programáticas entre um discurso de esquerda em uma retórica direitista e/ou conservadora.

Os dois primeiros itens, *Campanha Eleitoral* e *Outros Candidatos*, foram escolhidos por serem os temas em que os candidatos se apresentam diante do evento eleições construindo a sua imagem e a de seus referentes (Landi, 1984).

Finalmente, a escolha do tema *Violência e Segurança Pública* se dá pelo fato de que, além de ser um assunto de histórica recorrência nas eleições anteriores à partir de 1988, é o tema mais freqüente no dia a dia campanhas do segundo turno da disputa.

2 °Etapa:-Identificar os Subtemas de Tratamento Moral

A segunda estratégia adotada foi a identificação dos *subtemas de tratamento*, ou seja, o instrumental discursivo utilizado na construção do discurso sobre cada tema principal. Essa subdivisão foi importante, pois nos colocou diante dos diversos assuntos ou alusões que o candidato opta por abordar para tratar dos temas da campanha.

Com os segmentos do discurso separados por temas principais, identificaremos quais são os sub-temas abordados na elaboração do discurso pelo candidato em cada seção.

3 °Etapa:-Análise do conteúdo em relação à bibliografia

A divisão em Subtemas do conteúdo do discurso nos ajudou na tarefa de analisa-lo à luz da bibliografia sobre a dinâmica eleitoral paulistana e sobre os conceitos utilizados.

Durante a separação do discurso em Temas e Sub-Temas estabelecemos a identificação da matriz do discurso malufista, através do exame dos seus elementos discursivos à luz da bibliografia analisada e de seu contraponto político, —no caso, o PT de Marta Suplicy.

A separação do material produziu os 3 seguintes esquemas:

1-Tema Principal:

- **Campanha Eleitoral/Candidatos**

Subtemas de Tratamento

- 1. D.Humanos**
- 2. Paternalismo**

3. Moral Familiar
4. Preconceito
5. Anti-malufismo/
6. Competência Administrativa
7. Anti petismo
8. Governabilidade
9. Autoridade
10. Corrupção

2-Tema Principal:

- Segurança Pública/Violência

Subtemas de Tratamento

1. Autoridade
2. Competência
3. Ostensividade
4. Preconceito
5. Moral familiar
6. Paternalismo
7. Direitos Humanos

3-Tema Principal:

- Economia/Emprego

Subtemas de Tratamento

1. Obras
2. Autoridade
3. Competência
4. Ostensividade
5. Paternalismo

VI-O DISCURSO MALUFISTA EM 2000

Uma das principais referências observadas no discurso de Maluf na campanha paulistana de 2000 é a relação com seu passado administrativo.

A construção de uma visão do passado que seja verossímil e com capacidade de gerar identidades políticas sempre é produto de conflitos entre concepções e posicionamentos políticos diferentes. Não existe, ao menos como meta virtual e nunca alcançada, algo assim como uma visão totalmente compartilhada do passado. Por outro lado, não só existem diversas versões dos fatos, senão diferentes memórias grupais, étnicas, bairristas, corporativas, etc (Landi, 1986).

Maluf constrói a imagem de um passado próximo e próspero vinculado à sua pessoa, à sua administração. Sempre é apontado o erro em ter apoiado a candidatura de Pitta. No discurso, o fracasso de Pitta⁴⁸ é relacionado à sua inexperiência, condição que para Maluf é situação também compartilhada pela candidata do PT, Marta Suplicy.

É importante notarmos como o tema da **competência administrativa**, da **laboriosidade** e da **eficiência** foi absorvido por Maluf. Antes, em 1986 na primeira eleição direta que disputou para o governo do Estado, o apelo à violência, a moralidade e a ameaça do comunismo constituíam na principal temática do candidato (Alves, 2000). Em 2000, esses referenciais também são observadas de forma expressiva, porém o apelo à moralidade foi deixado apenas para o final da campanha:

**“Meus amigos, antes que a campanha termine, eu preciso
ter uma conversa com vocês. Uma conversa olho no olho. Há**

⁴⁸ Político apresentado por ele à cidade e que terminou sua gestão sob intensas acusações de corrupção.

quatro anos atrás, em 96, eu encerrava o meu mandato na prefeitura com a aprovação da grande maioria de vocês. Hoje dispufo uma eleição apertada para a mesma prefeitura da qual sai consagrado no final do meu mandato. Uma eleição que deveria ser mais fácil, mas que não é, por causa daquela decisão errada de ter me empenhado, como nunca fiz com ninguém, para que o atual prefeito fosse eleito e assim, dar continuidade à minha obra administrativa.”

(...)

“Meus amigos, nossa cidade corre o risco de ser entregue nas mãos de pessoas inexperientes, e São Paulo não agüenta mais ser governada por um prefeito despreparado pelos próximos quatro anos” (20000920maluf14)”.

Podemos notar como o candidato Paulo Maluf tenta estabelecer uma relação causal entre a boa governança e autoridade, ou seja, no caso, entre seu estilo de governar e o que a população procura em um candidato: uma boa administração.

**“(...) SP é muito grande, o prefeito precisa ser muito forte e experiente para que as coisas andem.
(20000920maluf14)”**

Outro importante referencial observado no discurso malufista de 2000 é o tema da violência urbana e segurança pública.

A questão da Segurança Pública em São Paulo é um tema que merece atenção especial de todos os candidatos. São estas características da cidade de São Paulo, que tem nas suas altas taxas de criminalidade uma preocupação que transcende todas as classes sociais dentro do eleitorado, que elevam o tema da Segurança Pública a tema trivial de qualquer candidatura à prefeitura desta cidade.

Pode-se dizer que este tema adquire estatuto de tática de cristalização do eleitorado cativo malufista. Tal como observado na campanha de 2000, o comando de sua campanha explora quase que exclusivamente o posicionamento conservador e autoritário de Maluf frente aos problemas de segurança pública em São Paulo. Seu posicionamento sobre o assunto coloca-o no centro do debate sobre a sucessão executiva na cidade. O tema da segurança é citado de maneira constante nos programas do HGPE do primeiro turno da eleição, mesmo quando o assunto proposto como tema é outro. No primeiro turno as preferências do eleitor, apesar de se concentrarem em cinco candidatos, orbitavam entre a vocação anti-malufista e a malufista, indicando a força de sua presença política e discursiva na campanha.

“Meus amigos, como vocês viram SP é uma das cidades mais violentas do mundo. E é por isso que nesta campanha eu vou falar muito sobre segurança”.(Maluf20000815)

“A violência é o principal problema de SP. Um problema difícil de resolver, mas que tem que ser enfrentado antes que seja tarde, com coragem, pulso firme e sem covardia! A terceira maior cidade do mundo não pode continuar refém de bandidos e criminosos (...) Meus amigos, policial não pode continuar sendo caçado por bandido. Quando prefeito, transformei a segurança numa

prioridade. Procurei na medida do possível dar a tranquilidade para a cidade de SP trabalhar e viver em paz.”(20002110maluf)

“Dar segurança para os paulistanos é uma questão de honra para mim. Já fiz isso antes, e vou fazer de novo (20000925maluf)”.

Além disso, o referencial da segurança aparece no discurso vinculado aos demais subtemas tratados, como a educação e o transporte público:

“Meus amigos, como vocês viram SP é uma das cidades mais violentas do mundo. E é por isso que nesta campanha eu vou falar muito sobre segurança. A final, que outra oportunidade nós teríamos para decidir em definitivo se o prefeito deve ou não ser responsável pelo combate à violência da nossa cidade. Eu digo que deve. Mas aí ouço dos outros candidatos que isso é demagogia. Que segurança não é assunto pra prefeito. Que a constituição não permite. Ora, por que então não mudar a constituição? Já não mudaram antes pra permitir a reeleição de Fernando Henrique”.(maluf20000815)

“Um prefeito tem que brigar pelo seu povo. Não pode ver a violência crescer e cruzar os braços não. Tem que brigar pela sua gente.(20000925maluf)”

Educação-Violência

“Existe crime mais hediondo do que se aproveitar da inocência de uma criança para destruir o seu futuro. E vocês acham que um prefeito dessa cidade deve cruzar os braços, e fingir que a segurança das escolas não é problema dele. Claro que é. Por isso como prefeito vou

começar a minha luta contra a criminalidade pelo combate ao tráfico de drogas nas escolas”(Maluf2000817).

Transportes-Violência

“Você sabia que tem gente Que desce antes do ponto se alguma mal encarado sobe no ônibus? E outros nem sobem se tiver pouca gente dentro dele?

(...)

Isso é um absurdo! E ainda assim tem gente que acha que o prefeito não pode fazer nada para ajudar a combater essa violência. EU acho que pode. EU acho que deve. Eu acho que tem que fazer. Por isso a nova Guarda Municipal que eu vou criar vai ter policiais especialmente treinados para combater esse tipo de assalto.” (Maluf20000923)

Em boa medida, esta estratégia resulta de um contexto de uma situação de crise na qual o sistema político é um referente débil no intercâmbio entre setores sociais, no qual a sociedade mostra graves falhas em sua integração social, que podem se constituir em um obstáculo para a construção de um sistema democrático (Landi, 1984). É nesse contexto que o apelo à segurança como solução para os problemas de grandes cidades ganha sua força nas eleições de São Paulo.

Estreitamente associado ao tema da segurança pública e violência, o discurso malufista pontua os direitos humanos.

Tema de importância central nas discussões no segundo turno das eleições de 2000, o debate acerca dos Direitos Humanos é abordado por Paulo Maluf de maneira

desvelada posicionada contrariamente à sua aplicação aos condenados por crimes hediondos, tal como mostram os posicionamentos abaixo:

“Sou contra o projeto da candidata do PT, porque acho que bandido tem que ser tratado como bandido, sem moleza e sem qualquer privilégio .(20001021maluf)”

“Você acha que os bandidos vão preferir pegar no batente durante três dias, ou estudar só 12 horas na escolinha como quer a Dona Marta para se livrar de um dia de cadeia. É por isso que eu critico o Projeto da Dona Marta do PT. Eu sou contra dar moleza para bandido. Bandido tem que trabalhar o que come na cadeia, e não voltar para rua para cometer mais crimes. Em vez de diminuir a pena dos bandidos nós temos é que aumentar a pena.”(20001024maluf2)

“Eu ao contrário, quero Tolerância Zero e rigor no combate à violência e aos bandidos. A população está indignada, espera soluções práticas eficientes”.(20001026maluf2)

“Olha, a violência só se combate, quando verdadeiramente o bandido tiver medo da polícia. Se o bandido não tem medo da polícia, acontece o que está acontecendo. Ele invade delegacia, matou sargento, solta preso. Então comigo, eu escolhi meu lado, direitos humanos não é prioridade pra bandido, direitos humanos é pro povo bom que trabalha.”(Maluf20001022)

Ficam claros ainda os limites da aplicabilidade dos Direitos Humanos teve a sua data determinada por Paulo Maluf, em que é notório o posicionamento de intolerância a quaisquer formas de ressocialização de condenados por Paulo Maluf. Sua postura é

totalmente balizada pela dissociação entre “Cidadãos” X “Bandidos”. Se por um lado não temos evidências para definirmos se Maluf considera a criminalidade uma opção racional individual, ou um desvio da condição humana; por outro, podemos ter certeza que para Maluf o fato de um indivíduo se tornar criminoso é motivo de ostracismo e de ação ostensiva por parte do poder público, deixando de lado qualquer reflexão acerca da análise das causas desta opção ou sobre algum programa de ressocialização.

“Essa é a nossa diferença, eu quero rigor no combate aos bandidos, e Dona Marta quer diminuir a pena dos criminosos”.(20001026maluf2)

Ao pontuar esses referenciais, Maluf estabeleceu quais temas e quais embates foram travados no campo do discurso político na arena HGPE durante o primeiro turno da campanha eleitoral de 2000.

Já no segundo turno a interpretação do passado retoma o seu lugar estratégico dentro do discurso político:

“Meus amigos, eu tenho uma dívida com vocês e com esta cidade que é toda a minha vida. Nunca morei fora de SP, e não saberia viver em outro lugar! Quando fui prefeito dei o melhor de mim, o melhor da minha experiência e da minha capacidade de trabalho. Tenho certeza que vocês reconhecem isso e me aprovaram em todas as pesquisas feitas na época.

(...)

Aprendi desde cedo que os homens não valem pelos seus privilégios de fortuna ou de poder, mas pelo trabalho que realizam e pelos ideais que defendem em benefício da

sociedade. Eu nasci para a vida pública, dediquei a minha vida à cidade de SP. Nos projetos que fiz quando prefeito e quando Governador, procurei sempre o bem da população. Foi assim no projeto Cingapura, no Leve Leite, no PAS, na canalização de córregos, na geração de empregos, na segurança e nas creches que construí ou ajudei a funcionar melhor. Conheço cada bairro, cada favela, cada praça de SP”(maluf20001027).

Neste segmento fica evidente como Maluf coloca o seu suposto passado de bom administrador como a antítese do que poderia ser uma administração de outra pessoa, que estaria do lado de fora, ou seja, do lado ‘errado’.

O discurso também evoca a memória coletiva do eleitorado paulistano, uma estratégia que retoma novamente, em um lugar estratégico, a referência ao ‘passado’ no discurso político, de forma a associar à sua administração passada, uma realidade próspera pelo sujeito do discurso.

As suas ‘obras’ são exploradas como os dados empíricos comprobatórios dessa ‘realidade’ do ‘passado’ que se vincula à sua administração:

“E depois de quatro anos, ser avaliado como bom prefeito por mais de 90% da população não é fácil. Tenho certeza que dá pra recuperar SP(20000925maluf)”.

“Eu fiz a minha escolha. Quando fui prefeito provei com obras, não com palavras vazias de que lado eu estou. Governei para os mais humildes. E graças a Deus eles se lembraram disso e me trouxeram até aqui. E vamos juntos para a vitória (20001026maluf2)”.

As referências à realização de obras confere no discurso o vínculo com a noção de ‘progressismo’ sobre o qual Paulo Maluf tenta construir sua imagem de empreendedor, ligado às novas tendências modernas de mercado, de pessoa experiente com passado administrativo de realizações:

“Eu nasci para a vida pública, dediquei a minha vida à cidade de SP. Nos projetos que fiz quando prefeito e quando Governador, procurei sempre o bem da população. Foi assim no projeto Cingapura, no Leve Leite, no PAS, na canalização de córregos, na geração de empregos, na segurança e nas creches que construí ou ajudei a funcionar melhor”(maluf20001027).

Também emergem no discurso as questões da ‘realidade’ e da ‘possibilidade’, embasadas no anúncio de fatos realizados no passado, e indicando como é verossímil a volta a esse tempo de ‘progresso’.

A análise do discurso de campanha mostra como Maluf constrói o seu próprio referente (Landi, 1984), marcado na presença do PT. Assim, para legitimar a construção do PT como partido da ‘baderna’ e da ‘bagunça’, o ‘partido das greves’, Maluf associa a imagem do PT à intenção de destruir o que fora feito pelas administrações malufistas. O discurso malufista evoca o anti-petismo paulistano:

“Destruir o que existe, só porque é uma obra do Maluf é um desrespeito para com os paulistanos. A obra do PAS não é minha, é do povo de SP. Nada do que eu fiz por essa cidade me pertence. Fiz porque era a minha obrigação, e pertence ao povo de SP. Dona Marta está repetindo o que fez Dona Erundina: Que parou todas as obras de Jânio Quadros, e gastou o dinheiro do povo para entupir

túneis. O PT e Dona Marta não mudam nunca. Eles deviam dar ouvidos ao que diz o povo:” (20001024maluf).

“NARRADOR:

Isenção de IPTU, Cingapura, Leve-Leite, PAS, Piscinões, Canalização de Córregos, Novas Avenidas.

Essas são as obras de Maluf,

Projetos sobre: A Interrupção da Gravidez, a Redução de Penas para Criminosos, sobre a União Civil de Pessoas do Mesmo Sexo e livros de Educação Sexual.

Estas são as obras de Marta do PT

Quem você acha que está mais preparado para governar SP?”

(Maluf20001026).

“Maluf, o único que já derrotou o PT três vezes! E vai ganhar de novo!!” (20000925maluf)

No segundo turno de campanha de 2000, o tema ‘democracia’ é um pressuposto do discurso de ambos os candidatos, Maluf (PPB) e Marta (PT), mas a maneira como esse tema é desenvolvido segue rumos bem distintos. Uma sociedade complexa como a paulistana apresenta procedimentos e micro estratégias de diferentes ordens, não só pela diversidade que permite o pluralismo político, senão pela existência de culturas políticas justapostas e, até mesmo, contraditórias em um mesmo grupo social ou pessoa (Landi, 1984, p. 45).

Nessa direção, o discurso do PT é marcado pelo reconhecimento dos procedimentos democráticos como meio desejado de inclusão da sociedade na decisão pública, conformando neste quadro, um elemento emergente com caráter.

Já no discurso de Maluf, são as temáticas da ‘governabilidade’ e da ‘administração’ que assumem o status de elementos-chave. As regras da **boa administração** impõem uma problemática, premissas, perguntas que condicionem a constituição do discurso político para um contexto onde, para Paulo Maluf, isso possa acontecer, que é um ambiente de ‘ordem’ e sem ‘baderna’.

O discurso construído por Maluf incorpora os elementos que marcam o comportamento de setores em uma sociedade em situação de crise, que são aspectos de uma racionalidade defensiva de certos setores sociais frente a circunstâncias difíceis ou adversas. Neste caso estamos na presença de um uso de linguagem comum, que marca o “realismo” na vida cotidiana (Landi, 1984).

Nessa mesma linha dos referenciais do realismo está também a combinação com um rendimento adequado das políticas públicas (Landi, 1984).

Ao definir o PT como seu referente contendor, o discurso malufista se embasou nas categorias de **repetição**, passado, falta de garantias de governabilidade como atributos do petismo frente a uma população embebida pela disputa entre essas duas forças antagônicas na cidade. Para Maluf era decisivo ter logrado ao petismo o lugar do inviável, a que ele contrapunha um verossímil de teor liberal ‘progressista’, em que a ótica empresarial administrativa como núcleo da política fazia previsível a ação do outro e, portanto, possível à conquista de seus objetivos.

“Meus amigos, a Dona Marta gosta de se fazer de vítima. Bate e esconde a mão. Diz que não vai atacar e ataca e se faz de vítima. Não Dona Marta, a Sra. não é vítima de nada. Vítimas são as mulheres e filhos de trabalhadores assassinados por bandidos. Os mesmos bandidos que a Sra. quer colocar nas ruas. Vítimas são os desempregados que perderam seus empregos por causa do radicalismo do PT. O seu PT que espanta e fecha as fábricas. A Sra. não é vítima de nada, Dona Marta o seu projeto de soltar bandidos é que vai criar milhares de vítimas da violência (20001024maluf2)”.

“Meus amigos a eleição do próximo domingo é muito importante. Os paulistanos estão diante de duas propostas para resolver os graves problemas da cidade, principalmente os problemas como o emprego e a segurança. Nestes dois assuntos é possível ver com clareza que eu e minha adversária, Dona Marta do PT, temos posições completamente diferentes. Sobre segurança, eu defendo maior rigor com os criminosos; ela defende a diminuição de penas para os bandidos. Sobre emprego, eu defendo a rápida ação da prefeitura para criar novos postos de trabalho através de obras que gerem durante e depois da construção. Minha adversária não consegue explicar sua proposta de parcerias, e mais parcerias. Quando fui prefeito, procurei facilitar a vida de quem queria investir em nossa cidade. O partido de Dona Marta, o PT ao contrário, dificulta a chegada de empresas por causa das greves, dos sindicatos radicais e com a má vontade com os empresários. O PT espanta as empresas, e com isso cria o desemprego. Podemos citar inúmeros casos. Como os do ABCD

em SP, onde as fábricas foram embora. Mais de 1,5 milhões de metros quadrados de armazéns industriais estão vazios, sem máquinas e sem trabalhadores. Na grande SP temos hoje mais de 1,5 milhões de desempregados. Dona Marta do PT nunca cita o Governo do PT aqui em SP. Mas sim a administração distante e desconhecida dos paulistas que é a administração do PT do Rio Grande do Sul. Pois bem lá, eles impediram a instalação de empresas. Como é o caso da Ford e de dezenas de indústrias de auto-peças. Com o Governador do PT e o Prefeito do PT, os gaúchos ficaram sem a Ford e sem milhares e milhares de empregos.

Se eu fosse Prefeito ou Governador, SP não perderia uma grande empresa como a Ford. Uma grande empresa significa desenvolvimento, empregos e impostos para os cofres do Estado e da cidade. Um prefeito tem que facilitar a vida de quem quer investir na cidade e não dificultar como faz no PT do Rio Grande do Sul ou em qualquer outro lugar. Lá também o povo sofre com o desemprego. Mas o Governador do PT preferiu ignorar o sofrimento da população. A Bahia acabou levando a fábrica da Ford, para a alegria dos baianos. Essa é a diferença básica entre a minha candidatura e da Dona Marta do PT (20001026maluf2)”.

Embora com menos intensidade, os referenciais da moral e sexualidade emergem no discurso malufista apenas no final da campanha. A impressão passada foi a de que o comando da campanha malufista optou por utilizar esses referenciais sem que o próprio Maluf aparecesse citando tais assuntos. Ou seja, a estratégia foi a de se evocar esses temas,

porém, sem que os mesmos fossem associados diretamente ao candidato, como se esses assuntos surgissem baseados em um consenso popular. Essa estratégia era legitimada com a inserção de entrevistas de populares durante os últimos programas do HGPE:

“NARRAÇÃO:

(FOTOS DE MANIFESTAÇÕES ONDE A BANDEIRA DO PT DA CUT E DO MST ESTÃO SEMPRE PRESENTES, HÁ SEMPRE A COR VERMELHA PREDOMINANDO)

PT NUNCA MAIS!!

POR QUE?

O que você prefere?

Greve, desordem, bagunça, invasão de prédios, bloqueio de rodovias, violência, insegurança e inexperiência?

Ou você prefere desenvolvimento, Cingapura, Leve-Leite, saúde e PAS, canalização de córregos, obras, emprego e experiência?

Pense no futuro de SP

Você não pode arriscar!

ENTREVISTAS NA RUA:

ESTUDANTE-“Ainda pergunta? Os caras fazem greve, só vive invadindo, briga, só confusão.”

DOMÉSTICA- “Ah, porque agora não fez nada que preste né?”

DONA DE CASA- “Porque eu sou contra o aborto”

EMPREITEIRO- “O PT só tem mais é conversa, fogo de palha, eu não vejo nada que o PT fez, a Erundina foiçou aí 4 anos e não fez nada!”

AUXILIAR DE COBRANÇA- “E homem casar com homem eu não aceito, esse é o plano da Dona Marta Suplicy.”

ESTUDANTE- “Vai diminuir as penas dos ladrão, tirar o Leve-Leite.”

ADVOGADO- “Não confio no PT.”

MECÂNICO- “Quando o povo mais precisa deles o PT deixa o povo falando sozinho.”

MOTORISTA- “Só fazer greve, vai arrumar uma porção de trapalhada por aí, vai resolver nada.”

GARÇON- “Marta ta inventando muito, fala tristeza, critica o homem, o homem não é ruim não.” (Maluf20001027)”

PORQUE MALUF?

DOMÉSTICA- “Botou mais polícias na rua, o leite das crianças, o PAS.”

DESEMPREGADA- “Ele cria obras que geram empregos.”

APOSENTADA- “Porque a outra não tem experiência.”

FAXINEIRA- “E ele, tudo que ele fala ele cumpre a verdade, ele tem palavra de homem.”

AUXILIAR DE LIMPEZA- “Eu voto nele porque ele fez muito benefício pras pessoas pobres.”

COSTUREIRA- “A avenida que eu uso, que é a Jacu-Pêssego.”

MOTORISTA- “Tudo aqui em SP foi ele que fez, por isso eu voto nele.”

ESTUDANTE- “Foi a primeira vez que eu tô votando, e eu acho que o Maluf é o candidato certo. Marta nem pensar!!”

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO- “Pelo menos eu conheço o que ele tem feito pela cidade, agora colocar uma pessoa inexperiente pra cuidar de uma cidade tão grande eu acho que não tá certo. Meu voto é do Maluf.”

VII-CONCLUSÕES:

“O ‘*Malufcentrismo*’ da disputa na capital”

Este trabalho teve como objeto o discurso de Paulo Maluf (PPB) nas eleições de 2000 na capital paulista, e apresentou como material para análise os discursos proferidos pelo candidato durante a vigência do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral em 2000.

A disputa eleitoral de 2000 em São Paulo foi caracterizada pelo papel central que a candidatura de Paulo Maluf PPB desempenha na definição dos temas e na direção da argumentação das outras candidaturas. Na condição de figura pública mais longa do cenário político paulistano, Paulo Maluf sempre surge nas eleições que disputa como um candidato que carrega consigo uma parcela fiel do eleitorado paulistano. Além disso, conta com a expectativa/o potencial do/de voto de um outro segmento do eleitorado que, se por um lado não chega a caracterizar-se cativo, por outro se mostra sensível a seus apelos (Pierucci, 1991).

Esse seu potencial eleitoral somado ao contexto específico das eleições de 2000—onde era possível que a cidade de São Paulo fosse administrada pela terceira vez consecutiva pelo malufismo⁴⁹—, deram o status de figura central a Paulo Maluf na campanha de 2000.

Outra particularidade que lhe deu essa posição central nas eleições de 2000 foi o fato da campanha eleitoral já ter começado em 1998, logo após as eleições para o governo do Estado de São Paulo quando Paulo Maluf (PPB) havia sido derrotado na reeleição do

⁴⁹ Em 1992 Paulo Maluf PPB vence as eleições para a cidade de São Paulo e elege em 1996 seu sucessor Celso Pitta PPB, que apesar de romper com seu padrinho político no decorrer de sua gestão foi eleito exclusivamente por ser o representante da continuidade da administração malufista.

então governador Mário Covas (PSDB). Nessas eleições tivemos também a estréia de Marta Suplicy (PT) disputando um cargo executivo (Chaia et alli, 2000).

Maluf definiu os dois momentos, ou dois conteúdos de sua campanha eleitoral em função da opção da sua entrada ou não em debate. Dessa forma, não reagiu aos ataques dos outros candidatos no primeiro turno, para somente no segundo estabelecer o novo cenário de disputa. Seus programas assumem um tom mais expositivo no primeiro turno, com a exibição de suas obras e do seu programa de governo. Maluf reservou para o final da campanha uma argumentação construída em função de um contraponto que é o programa petista de governo de Marta Suplicy.⁵⁰

Sua campanha no primeiro turno enfatizou o problema da violência na cidade, explora a sua capacidade de administrador e experiência e apenas se referiu genericamente aos outros candidatos como opções menos experimentadas e sem o seu alto grau de vínculo com a cidade.

Através da exposição sistemática de suas obras e de seus programas da época de sua administração (92-96), Maluf procurou passar ao eleitor a imagem de um candidato ‘preparado’ com ‘capacidade’ e ‘experiência’⁵¹.

Um ponto muito importante da estratégia de campanha de Maluf foi o constante exercício de identificação de sua imagem com a da cidade de São Paulo. O fato de se constituir como uma liderança tão associada ao passado militar, foi sendo redimido, por

⁵⁰ Esse momento de mudança estratégica coincide com a mudança no comando da campanha de Paulo Maluf com a saída do marketeiro Aloísio Biondi. Com essa estratégia do primeiro turno, Maluf quase perde a chance de disputar o segundo turno com Marta Suplicy PT para Geraldo Alckmim PSDB.

⁵¹ Outra estratégia foi a utilização de pesquisas de opinião realizadas na época do fim de seu mandato de prefeito onde mais de 90% da população considerou o seu desempenho de ‘bom à ‘ótimo’.

Maluf, através de grandes investimentos em marketing que forjou para ele uma imagem única de grande empatia com a cidade (Pierucci & Lima, 1991).

De acordo com o seu discurso, ao mesmo tempo em que São Paulo é *‘muito grande’*, o seu prefeito deve ser *‘muito forte e experiente para que as coisas andem’*. A questão de Maluf não foi provar ser um bom candidato, e sim mostrar à população que além de já sê-lo, ele estaria disposto a se superar. De acordo com Maluf, se ele não houvesse ocorrido no ‘erro’ de ter indicado o seu sucessor Celso Pitta, a população de SP não teria qualquer tipo de dúvida em relação à sua escolha para a prefeitura de SP.

Isso porque ainda de acordo com o seu discurso, ao final de seu mandato ele saíra ‘consagrado’ pelo eleitorado. Portanto, para Maluf, graças à sua elogiada gestão como prefeito, a população deveria admitir que seria necessário dar mais uma chance a ele.

São nessas sutilezas da construção da ‘realidade’, que Maluf exercitou a vinculação de seu nome ao da cidade de São Paulo.

Já no segundo turno—contra Marta Suplicy (PT)—Maluf inaugurou uma campanha marcada pelo uso intermitente do contraponto da proposta ‘petista’ na construção e exposição de suas propostas.

Maluf também voltou a se defender do erro de ter indicado⁵² Celso Pitta PPB⁵³ para a sua sucessão utilizando o argumento da inexperiência para compará-lo à Marta Suplicy⁵⁴PPB. Esse artifício foi utilizado na tentativa de demonstrar que a população de São Paulo deveria se precaver para não cometer o mesmo erro que ele houvera cometido: confiar em alguém ‘despreparado’ e ‘inexperiente’:

⁵² Paulo Maluf chegou a participar do HGPE de Celso Pitta em 1996, na condição então de prefeito, dizendo que se Celso Pitta não fosse um bom prefeito que a população nunca mais votasse nele.

⁵³ Que sofria de graves suspeitas de improbidade a sua administração (1996-2000)

⁵⁴ Que até então não havia sido eleita para nenhum cargo executivo

Um fato importante a ser citado nessa pesquisa foi que os temas de campanha como Emprego e Recolocação no mercado de trabalho aproximam muito o discurso dos candidatos na disputa eleitoral de 2000. Apesar dos postulantes ao posto de prefeito apresentarem propostas diferentes, elas não se diferenciaram na sua essência. Todas as candidaturas relevantes apresentaram programas de atendimento, recapacitação que se diferenciavam mais no seu nome do que em sua maneira de atuação.

A apropriação por Maluf de diretrizes do discurso de esquerda como proteção social e programas de recapacitação são incorporados ao seu programa seguindo uma lógica idiossincrática de adaptação aos modelos de inserção no mercado. Essa característica programática do discurso malufista foi identificada em outro projeto quando foram estudados os conteúdos dos principais jornais da cidade durante o período pós-1996⁵⁵.

Porém o dado mais importante na mudança de turno nas eleições de 2000 foi a modificação da estratégia do discurso malufista quando do seu embate com Marta Suplicy (PT). Seus temas assim como seu estilo foi construído sob a presença do contraponto que para ele é o petismo. Maluf estabeleceu um ambiente de disputa ideológica, porém o que o distingue da candidata do PT foi basicamente o papel do combate à violência em seu programa de governo.

Quanto ao conteúdo das propostas sobre transporte, por exemplo, a campanha dos dois candidatos no segundo turno chegou até mesmo apresentar o mesmo programa, ou seja, o Bilhete Único.

A matriz do discurso malufista na cidade de São Paulo deu-se realmente na exploração do tema da violência pública, bem como dos temas ligados à moral familiar e à

⁵⁵ Projeto de Iniciação Científica Fapesp de processo número: 01/10096-8.

sexualidade. Esses últimos são abordados nos derradeiros dias da campanha, em meio ao embate com o contraponto da proposta petista. A violência novamente é evocada como o principal problema de governabilidade na cidade de São Paulo. A redução da capacidade da ordem capitalista em seguir atendendo a reivindicações sociais teria como remédio a ostensividade no combate ao maior problema da cidade identificado por Maluf: a criminalidade.

Para Maluf a opção pela criminalidade é um determinante fatal na condição de cidadania. Condição essa que para ele se restringe à manutenção da ordem e do trabalho.

A fixação por separar o ‘cidadão’, o ‘homem de bem’—que necessariamente tem que ser um trabalhador--, dos ‘outros’; assim como uma idéia bem particular de justiça, que ‘deveria acabar com privilégios’ dos detentos, colocou Paulo Maluf em uma posição oposta à da candidata do PT Marta Suplicy.

Marta defendeu em sua campanha, que a criminalidade é uma consequência da falta de oportunidade de educação/trabalho. Colocou, assim, a questão da expansão da cidadania como ponto fulcral do seu posicionamento. Neste assunto, o da violência urbana, a opção entre esquerda e direita fica bem definida pelos esquemas tradicionais desta divisão no espectro ideológico.

A comparação com as lideranças históricas em São Paulo

Se antes o adhemarista típico da fase ‘progressista’ ou da fase ‘conservadora’, imaginaria certamente um Estado protetor, assistencial, ao qual pudesse recorrer em caso de dificuldades, sem os impedimentos técnicos de uma burocracia racional e impessoal, (Sampaio, 1982; Ianni, 1965) Maluf encarnou diretamente em sua figura o desafio do combate à violência elevado a status de obrigação moral, deixando de lado uma definição

ou sugestão do que poderia ser um dever de um Estado ou de um Governo. Como se vê, Maluf evocou o ‘legado autoritário’ da cultura política brasileira através do personalismo sempre presente no discurso político do país (Sadek, 1993).

No entanto percebe-se que, se não há uma perspectiva individualista de ascensão através de favores do Estado, é sugerido que o eleitor pode entregar o seu destino ao líder, pois esse saberá protegê-lo com a sua honra e sua força. Este discurso se mostra diferente do discurso adhemarista caracterizado por ter explorado o ressentimento social das camadas não-proprietárias, que se imaginavam em uma sociedade onde o privilégio é atribuído por nascimento e onde o Estado teria por função abrir-lhes a possibilidade de superar este infortúnio.

Adhemar almejava um modelo de arregimentação de eleitorado calcado em uma estratégia datada, ou seja, em um (res)sentimento de não-possuir em troca dos favores do Estado que era sensível tanto para o proletariado quanto para a pequena-burguesia. (Sampaio, 1982; Ianni, 1965).

Já a comparação do discurso malufista com o de Jânio Quadros se mostra mais interessante. Jânio apresentava na relação entre seu discurso e sua pragmática muitos aspectos de ambigüidade. Sua relação, por exemplo, com o tema da moralidade, que era alçado tanto na administração pública quanto na moral privada conservadora da defesa dos bons costumes se mostrava bastante ambígua. (Chaia, 1991).

Paulo Maluf já não se arriscava em levantar a bandeira da moralização administrativa. Nesse ponto, ele defende que a sua virtude é a da eficiência. Maluf absorveu a retórica do liberalismo de mercado associando-a à governabilidade. A exploração do tema moral se dá na aplicação deste no campo familiar e dos bons costumes, e foi aqui que a candidatura de Marta Suplicy se mostrou um alvo profícuo, pois a candidata fora conhecida

como sexóloga que apresentava um programa de televisão, além de ser declaradamente a favor da união de homossexuais e do aborto.

Se por um lado Maluf se aproxima de Jânio quando trata do tema da moral familiar, por outro se distancia dele pois não levantava a bandeira da moralização administrativa, visto que as suas administrações e a de Celso Pitta foram marcadas por denúncias de improbidade.

A relação com as vertentes de direita

Em relação aos parâmetros analisados da Nova Direita Brasileira, temos em comum com o discurso malufista o resgate de símbolos e práticas tradicionais—autoridade, família, religião, nação—dentro da ordem burguesa/capitalista. O liberalismo econômico, apesar de não aparecer como citação explícita, é dado como pressuposto do discurso malufista baseado na eficiência de seu modelo administrativo, que é evocado por conta de seu passado como administrador e também como empresário. Porém a relação que Maluf estabelece com o Estado reserva certas singularidades com os parâmetros da Nova Direita.

Maluf não se posiciona claramente frente ao tema da diminuição do papel do Estado na economia, talvez porque a dinâmica dos assuntos em uma eleição municipal não circunscreva tal tema, porém assuntos como o aumento dos encargos sociais com programas de recolocação no mercado de trabalho, por exemplo, são contemplados. Ao mesmo tempo, políticas de melhora na educação são vinculadas ao aumento dos programas de segurança pública.

Já o conservadorismo no campo social malufista coincide com os aspectos específicos da Nova Direita brasileira, onde o moralismo e o preconceito aparecem no embate do segundo turno com Marta Suplicy (PT).

Portanto se por um lado temos o Antiigualitarismo, o Individualismo e o Liberalismo Econômico, o Conservadorismo Social com a defesa do Estado da família e da igreja e o Moralismo, temos também a aceitação do papel do Estado na organização da proteção social.

Podemos dizer então que a análise do discurso malufista nos permite associar o seu conteúdo com a problemática, os principais argumentos e os valores sociais gerais (com exceção do anti-estatismo) da Nova Direita brasileira.

“Uma reflexão sobre as bases sociais do voto conservador”

Durante a campanha eleitoral da TV (HGPE) era trivial para os candidatos apresentarem entrevistas com eleitores na rua, em bairros etc. Os programas no segundo turno eram sempre temáticos para os dois candidatos, e durante estes, determinados seguimentos sociais⁵⁶ eram abordados nas ruas e nas ‘reportagens’.

Apesar de a nossa proposta para essa Dissertação de Mestrado não ter sido uma análise das bases da votação malufista na cidade de São Paulo, uma reflexão posterior sobre esse tema pode ser bastante profícua.

Assim, como para os candidatos em campanha eleitoral é importante ter conhecimento das características do eleitorado em que se lança uma candidatura, uma análise do perfil do eleitorado conservador paulistano pode ser muito proveitosa para a compreensão do fenômeno que estudamos neste trabalho. Como já foi dito, é conhecendo como se constituem as bases de um eleitorado, que podemos estabelecer relações importantes sobre como se constroem os discursos políticos.

⁵⁶ Digo segmentos sociais, pois, tanto Marta quanto Maluf faziam questão de identificar as pessoas entrevistadas por nome e profissão.

A partir da análise do European Social Survey 2002, e do Comparative Study of Electoral Systems 1996-2001, Pippa Norris (2004; 2005) discute as origens das bases sociais da votação contemporânea dos partidos da Nova Direita em diversos países. Esta manutenção da importância eleitoral dos movimentos conservadores tem ocorrido em diferentes países, de diferentes religiões e características, se mostrando como uma opção política a ser analisada.

O centro da análise de Norris (2004) se dá no teste da hipótese de que as condições sociais facilitam o surgimento da Nova Direita.

Lipset e Rokkan (1960) já enfatizavam que os partidos políticos surgiram das históricas diferenças entre os eleitorados, sendo pensados como canais destes interesses dentro da Esfera Pública. Esse tipo de enfoque estrutural da sociologia política está enraizado no longo processo de modernização social, identificando as seculares disputas e insatisfações com o surgimento das sociedades pós-industriais.

Os autores argumentavam que os movimentos de direita surgiram do medo e insegurança das camadas sociais que ficaram à margem do processo de industrialização. Essa pequena burguesia (formada por pequenos empreendedores, donos de lojas, comerciantes, autônomos e pequenos proprietários rurais) estaria exposta aos movimentos de mercado com modestas reservas de capital e fora do esquema de seguridade social.

Estes setores sociais, alimentados por esse ressentimento, formaram as bases sociais deste conservadorismo, que apenas teve que lançar mão de um discurso populista para arregimentá-los. Exemplos destes movimentos foram, nos EUA, o McCarthismo nos anos 1950, assim como o apoio aos fascismos na Alemanha e Itália nos anos 30.

O leque de idéias e apelos ideológicos que caracterizaram o populismo e o fascismo da primeira metade do Século XX difere agudamente dos movimentos de direita

de hoje, conseqüentemente estas mudanças atraem diferentes bases sociais. A plataforma tradicional do fascismo do período “entre guerras” advogava o corporativismo e o controle estatal da economia, articulados a uma forte autoridade do governo construído sobre a organização de uma liderança política hierárquica; em grande contraste com apelo ao livre mercado e ao apelo antiestado da direita contemporânea (como já pudemos demonstrar) tanto no mundo, como no Brasil.

A direita radical tem respondido às demandas de uma moderna sociedade pós-industrial que vem se alterando durante o século XX por múltiplos desenvolvimentos sociais que transformaram as condições de vida e a mobilidade social. Os padrões de desigualdade nas avançadas sociedades industriais têm se modificado pelo processo de globalização, reduzidas barreiras nacionais de trabalho, o comércio e a mobilidade de capitais. Estas, reestruturaram a economia liberal de mercado, assim como foram um dos fatores do encolhimento do Welfare State e da proteção social (Norris, 2004).

Nesta reestruturação socioeconômica, certos setores sociais sofreram com a não adaptação à nova ordem. É comum pensarmos que estes setores iriam gravitar naturalmente pela tradicional dicotomia: A) partido socialista, social democrata, trabalhista, comunista, de centro-esquerda e extrema-esquerda, pois estes, tradicionalmente, têm a tendência de defender os socialmente carentes; e B) aos partidos conservadores tradicionais que defendem a seguridade social, a lei e a ordem e a identidade nacional. Porém alguns teóricos sugerem que os partidos tradicionais não são hábeis ou não estão dispostos a adaptar-se a essas novas demandas (Norris, 2004).

Os novos riscos sociais gerando a individualização e as fragmentações sociais criaram novas clivagens no eleitorado que erodiram as tradicionais organizações coletivas de massa, que funcionavam como ponte para os partidos socialistas e social democratas

responderem à estas demandas. O fracasso das gestões da centro-esquerda na função de devolver o senso de seguridade social e prosperidade aos desempregados e desprivilegiados da Europa Ocidental, deu suporte para líderes populistas instrumentalizarem este discurso.

Estudos comparativos recentes sugerem que a votação entre os partidos conservadores é distribuída quase que de maneira similar entre os países da Europa ocidental (Norris, 2005).

Portanto, seria no mínimo discutível generalizar a idéia de que os partidos da direita radical são puramente fenômenos da política de ressentimento dos novos setores sociais. O perfil social da direita contemporânea é mais complexo do que o estereótipo sugere.

Baseado nestas evidências, Norris (2004) conclui que a clássica teoria da ‘crise da modernidade’, ou seja, a moderna concepção de que a emergência de ‘novas clivagens sociais’ apenas nos distancia das respostas acerca da explicação das variações sucesso e fracasso dos partidos da direita contemporânea. *O que é necessário para esse entendimento não é apenas quais condições sociais podem facilitar o surgimento destas forças, mas, e principalmente, como estes partidos respondem a esses fatores estipulando suas estratégias e apelos programáticos na construção de sua organização e na consolidação de seu apoio eleitoral.*

No caso de Paulo Maluf, pudemos observar que seu programa de governo apresentou temas apropriados do ideário da esquerda⁵⁷, ao mesmo tempo em que lançou mão de um discurso calcado na defesa de uma alternativa de administração baseada na eficiência e no combate à violência. Em seus programas veiculados no HGPE de 2000,

⁵⁷ Projeto de Iniciação Científica Fapesp de processo número: 01/10096-8.

como foi visto, foi recorrente a utilização de entrevistas em que pessoas eram identificadas pelo nome e por sua atividade profissional. Nestas entrevistas diversos setores profissionais foram abordados, de faxineiras a empresários.

Essas constatações acerca da estratégia de ação malufista nas eleições de 2000 sugerem uma complexidade no perfil social que sua campanha procurou atingir, o que nos sugere que uma exploração do perfil das bases sociais da direita contemporânea, associada ao discurso dessa corrente política, poderia resultar em uma contribuição significativa no estudo do conservadorismo contemporâneo brasileiro.

Bibliografia Utilizada:

Albuquerque, J. A. G., “Pressupostos Teóricos e Metodológicos da Análise do Discurso”, In *Análise do Discurso Político: abordagens*, orgs: **Rodrigues, L. F.; Resende, P.; Chaia, V.**; Ed. PUC, São Paulo, 1993.

Alves, Maria Tereza Gonzaga (1999). *Repensando a Nova Direita: subsídios para a compreensão do apoio a candidatos de direita no município de São Paulo de 1988 a 1996*. São Paulo SP, Dissertação de Mestrado, USP.

Alves, Maria Tereza Gonzaga (2000). “Conteúdos Ideológicos da Nova Direita no Município de São Paulo: análise de surveys”. In *Opinião Pública, Vol VI, n°2, Campinas SP Revista do CESOP/UNICAMP*.

Altheide D. and Snow R. (1979). Media Logic B. Hills, CA.

Benoist, A. (1993). “Democracy Revisited” in *Tellos*, n 95.

Biorcio, R. (1991). “The rebirth os populism in Italy and France” in *Tellos*, n 90

Cardoso, F.H.; Lamounier, B., (1975), “Partidos Políticos e deputados em São Paulo: o voto e a representação política”, in *Os partidos e as eleições no Brasil*, Paz e Terra, RJ

Chaia, Vera Lúcia M. (1991). *A Liderança Política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Ibitinga SP, Humanidades.

Charlot, M. (1986). "La mobilitá elettorale negli anni ottanta" in *Revista Italiana diScienza Politica*, n 3.

Costa, S. (1989) Movimentos Sócias, Democratização e a Construção das Esferas públicas Locais., RBCS n 37.

- Cueva, A.** (1989). "Aguinada conservadora" in **Cueva, A.** (Org.) *Tempos Conservadores*, Hucitec, São Paulo SP.
- Dagnino, Evelina** (org) (1994). *Anos 90, Política e Sociedade no Brasil*, Brasiliense, São Paulo, SP.
- Debret, G.G.** (1979). *Ideologia e Populismo*, T.A. Queiroz, São Paulo. SP
- Diniz, Eli**, (1989), *Continuidade e mudança no Brasil da nova república*, Vértice, SP
- Diniz, Eli, Boschi, R. , Lessa, R.**, (1989) *Modernização e consolidação democrática no Brasil: Dilemas da nova república*, IUPERJ/Vertice, RJ
- Duverger, M.**; (1954). *Political Parties*, NY: Wiley
- Ferrari, L. B.**, (1986), "Guerra é guerra: aspectos da campanha", in **Lamounier, B.** (org) *1985: O voto em São Paulo*, IDESP, SP.
- Ferrari, L. B.**, (1989), "Uma análise de campanha", in **Sadek, M.T.** (org), *Eleições/1986*, IDESP, SP
- Finkelkraut, A** (1982). *La Nueva Derecha Norteamericana (La Revancha y la Utopía)*, Editorial Anagrama, Barcelona.
- Fraser, N.** *Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy*. In: CALHOUN, Craig (ed) *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge MIT Press,
- Friedman, M., Friedmam, R.** (1980). *Liberdade de Escolher*, Record, Rio de Janeiro.
- Greimas, J.**, (1966). *Sémantique structurale*, Paris, Larousse
- Greimas, J.**, (1983), *Le contrat de vérediction*, in "Du sens II. Paris", Seuil.,
- Guiddens, Anthony** (1995). *Para Além da Esquerda e da Direita: O futuro da política radical*, Unesp, São Paulo SP.
- Habermass, Jürgen**, (1986), *Mudanças Estrutural da Esfera Pública*.:Ed. ?

- Hayek**, F. (1973). *Rules and Order*, Routledge, London
- Hampsher-Monk**, I. (1987). *The Political Philosophy of Edmund Burke*, Longman, London.
- Hunter**, A. (1981). "Entre bastidores: ideologia y organización de la nueva derecha", in *Revista Mexicana de Sociologia*, n 43.
- Huntington**, S. P., (1975) *A ordem política nas sociedades em mudança*, EDUSP, São Paulo
- Ianni**, O., (1965), *Política e Revolução Social no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Kirchheimer**, Otto, (1966). The Transformation of the Western European Party System. In *Political Parties and Political Development*, Ed. J. Palombara, NJ: Princeton Univ.
- Kristol**, I. (1983). *Reflections of a Neo-Conservative*, Basic, New York.
- Lamounier**, B., "Comportamento eleitoral em São Paulo: passado e presente", in **Cardoso**, F.H, *Partidos Políticos e eleições no Brasil*, Paz e terra, 1978, RJ
- Lamounier**, B., **Muszynski**, M., (1986) "A eleição de Jânio Quadros", in **Lamounier**, B. (org) 1985: *O voto em São Paulo*, IDESP, SP.
- Landi**, Oscar. (1985). *El Discurso sobre lo Possible, (La Democracia y el Realismo Político)*, CEDES-JMA SA, Buenos Aires.
- Landowski**, E. (1982). *La parole efficace. Pour une approche sémiotique du discours politique*. XII Congrès de l'A.I.S.P., mimeo.
- Leal**, V. N. (1948) , *Coronelismo, enxada e voto*, RJ.
- Letwin**, S. R. (1992). *The Anatomy of Thatcherism*, Fontana, London
- Lipset** M. and **Rokkan** S., (1967), *Party System and Voter Alignment*. NY, Free Press.
- Manin**, B. (1989) *As Metamorfoses do Governo Representativo*. RBCS 32

Mainwaring, Scott, **Meneguello**, Rachel & **Power**, Timothy (2000). *Partidos*

Conservadores no Brasil Contemporâneo, Paz e Terra, São Paulo SP.

Meneguello, Rachel & **Martins Alves**, Ricardo M. (1986). “Tendências Eleitorais em São Paulo (1974-1985). In **Lamounier**, Bolívar (org), in **Lamounier**, B. (org), 1985: *o voto em São Paulo*, IDESP, São Paulo SP.

Meneguello, Rachel, (2004) “A Relação Mídia e Comportamento Político: Análise de Dados de Surveys”, Coordenação Rachel Meneguello, Relatório do Sub-Projeto inserido no Projeto Temático: *Mídia, Campanha Eleitoral e Comportamento Político em São Paulo*, coordenado pela Prof: Vera Chaia (PUC-SP) e com as subcoordenações de Fernando Azevedo (UFSCAR), Rogério Schmitt (ESP) e Rachel Meneguello (UNICAMP); (processo Fapesp nº 2000/02990-8).

Mannheim.K,(1986),*Conservatism: contribution to the sociology of knowledge*, Routledge, London

Maira, L. (1981). "Nota preliminar sobre la influencia (crescente) del pensamiento de la nova derecha norteamericana en América Latina", in *Revista Mexicana de Sociologia*, n 43.

Michels. (1960) Os Partidos Politicos. Alfa Omega SP.

Muszinski, M. J. B. (1989), “os eleitores paulistanos em 1986: A marca do oposicionismo”, in **Sadek**, M.T. (org), *Eleições/1986*, IDESP, SP

Muszinski, M. J. B. (1989), *As razões de um resultado surpreendente: a vitória de Luiza Erundina*, Texto n35, IDESP, SP

Nisbet, Robert (1987). *O Conservadorismo*, Estampa, Lisboa.

Norris, Pippa (2002), *Tune out voters?*, in www.pippanorris.com/whatsnew, acessado em 20/09/2004

Norris, Pippa (2004), *The ‘new cleavage’ thesis and the social bases of radical right support*, in www.pippanorris.com/whatsnew, , acessado em 20/09/2004

Norris, Pippa (2005), *Radical right: parties and electoral competition*, in www.pippanorris.com/whatsnew , acessado em 20/09/2004

O’Donnell, G. (1972) “modernización y golpes militares (teoría, comparación y el caso argentino), *Desarrollo económico* n47(12), Buenos Aires.

Oakeshot, M. (1962). *Rationalism in Politics*, Yale University Press, New Haven.

Offe, Claus, (1985). “New Social Moviments: Challenging theBoundaries of Institutional Politics”, in *Social Research* 52(4).

Pierucci, Antônio Flávio (1989). “A Direita mora do outro lado da cidade.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 4(10).

Pierucci, Antônio Flávio & Lima, Marcelo Coutinho de.(1991). “A Direita que Flutua.” *Novos Estudos do Cebrap*, n 29.

Pierucci, Antônio Flávio, (1990). “Ciladas da diferença”, in *Tempo Social; Revista de Sociologia*, USP. 2 (2).

Possenti, S.; “Análise do Discurso: Uma Complicação do óbvio?”, orgs: **Rodrigues, L. F.;** **Resende, P.;** **Chaia, V.;** Ed. PUC, São Paulo, 1993.

Sadek, M.T., (1986), “A trajetória de Jânio Quadros”, in **Lamounier, B. (org)** 1985: *O voto em São Paulo*, IDESP, SP.

Sampaio, R. (1982), *Adhemar de Barros e o PSP* ,Global, São Paulo.

Sader, E. (2005), *Crise de Governabilidade no Brasil?*, in <http://americas.irc-online.org/am/169>, acessado em 06/2005.

- Santos, W.G.**, (1988) *Gênese e apocalipse: Elementos para uma teoria da crise institucional latinoamericana*, Novos Estudos Cebrap n20
- Schwartzman, S.** (1982), *Bases do Autoritarismo Brasileiro*, Ed. UNB, Brasília.
- Scruton, Roger** (1980). *The Meaning os Conservatism*, Macmillan, London.
- Siegel, F.** (1984). "The Reagan "revolution": 1978-1981, R.I.P." in *Tellos*, n 60.
- Simão, A.**, (1956) "O voto operário em São Paulo", *Revista Brasileira de Estudos Políticos* n1,
- Singer, André** (2002). *Esquerda e Direita no eleitorado brasileiro: A identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 a 1994*.Edusp, São Paulo.
- Singer, P., Brant, V. C.**, (1980), *São Paulo: O Povo em movimento*, CEBRAP, RJ.
- Souza, Maria do Carmo C.** (1992). "The Conteporary Faces of the Brazilian Right: An Interpretation of Style and Substance, in Chalmers, Douglas A., SOUZA, Maria do Carmo C. and Boron, Atílio (ed.), *The Right and Democracy in Latin America*, New York: Praeger.
- Souza, M. C. C.**, (1976), *Estado e Partidos politicos no brasil*. Alfa-Ômega, SP
- Taguieff, Pierre-André** (1990). "The new cultural racism in France" in *Tellos*, n 83.
- Taguieff, Pierre-André** (1993-1994)."From race to culture: The new Right's view of european identity" in *Tellos*, n 98-99.
- Tocqueville, Alexis** (1987). *A Democracia na América*, (3 ed.), Itatiaia, São Paulo SP.
- Vianna, O.** , (1974), *Instituições Políticas Brasileiras*,RJ, Record. RJ
- Vianna, O.** (1974B), *Problemas de organização e Problemas de direção*, Record, RJ.
- Wolfe, Alan.**(1981). "Sociologia, liberalismo y derecha radical" in *Revista Mexicana de Sociologia*, n 34.

ANEXOS

20000815Maluf

15/08/2000

01-07-0:47:16-Fita 01-Eleições 2000

Narrador citando índices de diversos crimes na cidade de São Paulo e termina dizendo: você vai escolher que tem que estar preparado para resolver todos estes problemas.

Maluf

Meus amigos, como vocês viram SP é uma das cidades mais violentas do mundo. E é por isso que nesta campanha eu vou falar muito sobre segurança. A final, que outra oportunidade nós teríamos para decidir em definitivo se o prefeito deve ou não ser responsável pelo combate à violência da nossa cidade. Eu digo que deve. Mas aí ouço dos outros candidatos que isso é demagogia. Que segurança não é assunto pra prefeito. Que a constituição não permite. Ora, por que então não mudar a constituição? Já não mudaram antes pra permitir a reeleição de Fernando Henrique. Mas enquanto eles discutem eu não ficar de braços cruzados não. Como prefeito vou assumir a responsabilidade e por a Guarda Municipal nas ruas, nas escolas, nos ônibus e nas praças. Aliás, essa minha persistência e teimosia já beneficiou muita gente. Lembram do que aconteceu com o cinto de segurança? Lembram da minha luta contra o fumo, e até da polêmica que foi a construção dos piscinões? Em todos esses casos tive que brigar muito para que eles acontecessem. Naquela época também muitos foram contra. E diziam que era demagogia. Mas hoje todos estão à favor daquelas medidas. Com a segurança vai sr igual. Não estou dizendo que vou acabar de vez com a violência Até porque isso não é uma coisa que um homem sozinho vá resolver. Vou buscar ajuda no Governo Estadual, no Federal e na própria sociedade. Tenho um plano detalhado para combater a criminalidade que vocês vão conhecer nos próximos programas. Até lá e muito obrigado.

20000817Maluf

17/08/2000

1-22-01:55:34-Fita 1-Eleições 2000

Maluf

Existe crime mais hediondo do que se aproveitar da inocência de uma criança para destruir o seu futuro. E vocês acham que um prefeito dessa cidade deve cruzar os braços, e fingir que a segurança das escolas não é problema dele. Claro que é. Por isso como prefeito vou começar a minha luta contra a criminalidade pelo combate ao tráfico de drogas nas escolas. Não faz sentido a gente criar programas como por exemplo o Leve-Leite, que tem por objetivo incentivar a frequência das crianças nas escolas. Se lá, elas estão sob ameaça dos traficantes. Por isso vou criar o Batalhão Escolar Anti Drogas Uma tropa de elite da Quarta Municipal. Composta de 1700 homens que vão impedir a ação dos traficantes nas escolas. Vou criar também a zeladoria escolar. Serão 850 policiais especialmente treinados, e, junto com as suas famílias, vão morar ao lado de cada uma das escolas. Cuidando delas 24 horas por dia, Sete dias por semana. Também estamos propondo a lei dos 500 metros. O

traficante que for pego num raio de 500 metros de qualquer escola terá a sua pena dobrada. Tudo isso vai fazer com que a escola volte a ser o lugar onde só se vai para estudar.

NARRAÇÃO DE UMA CRIANÇA:

Teste:

Escola serve para...

- a) Entrar em greve?
- b) Comprar drogas?
- c) Estudar?

Se você respondeu que escola é para estudar:

Vote Maluf

O Prefeito

21/09/2000

01-12-0:57:10-Fita 2-Eleições 2000

REPETIÇÃO

20000923Maluf

23/09/2000

01-23-01:58:02-Fita 2-Eleições 2000

NARRADOR

Em SP 33 ônibus são assaltados por dia

Maluf

Você sabia que tem gente Que desce antes do ponto se alguma mal encarado sobe no ônibus? E outros nem sobem se tiver pouca gente dentro dele?

NARRADORA

DEPOIMENTO DE MOTORISTA DE ÔNIBUS

Maluf

Isso é um absurdo! E ainda assim tem gente que acha que o prefeito não pode fazer nada para ajudar a combater essa violência. EU acho que pode. EU acho que deve. Eu acho que tem que fazer. Por isso a nova Guarda Municipal que eu vou criar vai ter policiais especialmente treinados para combater esse tipo de assalto.

NARRADOR

PROGRAMA GPP GRUPO DE PROTEÇÃO AO PASSAGEIRO

650 POLICIAIS QUE NÃO FARDADOS QUE ESTARÃO DENTRO DOS ÔNIBUS SE REVEZANDO NAS LINHAS MAIS PERIGOSAS.

Maluf

Quero ver se sabendo disso os bandidos não vão pensar duas vezes antes de assaltar um ônibus. Claro que vão pensar. Muito obrigado.

25/08/2000
01-11-0:57:38-Fita 3-Eleições 2000
REPETIÇÃO

28/08/2000
02-01-00:19-Fita 4-Eleições 2000
REPETIÇÃO

20000828Maluf
28/08/2000
02-06-00:30:49-Fita 4-Eleições 2000
NARRADORA FALANDO QUE AS ESCOLAS NÃO DEVERIAM FICAR FECHADAS
NOS FINS DE SEMANA

Maluf
Meus amigos como já fui prefeito a experiência me ensinou que é possível encontrar soluções simples para grandes problemas sem gastar muito. Exemplo disso é uma das minhas propostas para diminuir o desemprego. É o programa Escola da Vida. Com ele vamos ocupar as 850 escolas Municipais que estão localizadas por toda a cidade para das cursos e treinamentos e ensinar novas profissões. Isso vai acontecer nos finais de semana. Veja como ele vai funcionar:

NARRADORA FALANDO DOS VÁRIOS CURSOS QUE SERÃO MINISTRADOS. DE ACORDO COM O MERCADO DE TRABALHO.

Maluf
O melhor do Escola da Vida é que os cursos serão gratuitos e vão acontecer perto da sua casa. Na Escola Municipal do seu bairro.

Maluf
O Escola da Vida vai funcionar em parceira com a iniciativa privada.

Maluf
O Escola da Vida será aberto para todas as idades. Vai ter cursos especiais para jovens. Para quem tem mais de 40 anos. E pessoas da terceira idade.

Maluf

30/08/2000
02-18-01:31:36-Fita 4-Eleições 2000
REPETIÇÃO

20000830Maluf

30/08/2000

01-01-00:01:13-Fita 5-Eleições 2000

NARRADORA ACOMPANHANDO UM DESEMPREGADO PROCURANDO EMPREGO PELA CIDADE DE SÃO PAULO

Maluf

É por isso que vamos criar a Fábrica de Empregos. Ela vai juntar as pessoas que precisam de um emprego com quem precisa de um trabalhador. A Fábrica de Empregos vai ser uma grande central de computadores onde estarão os dados de todas as pessoas que cursaram o programa Escola da Vida e outras que estão desempregadas.

NARRADORA VISITA O LOCAL ONDE A FÁBRICA DE EMPREGOS SERÁ INSTALADA

Maluf

Outra dificuldade de quem procura emprego muitas vezes é na hora da entrevista. A necessidade é tanta que muita gente fica nervosa e acaba perdendo a chance. Por isso vamos ter na Fábrica especialistas em recursos humanos e seleção de pessoal para orientar e ajudar quem precisa.

ENTREVISTA-AJUDANTE GERAL

Maluf

E o que vai garantir o sucesso da nossa Fábrica de Empregos vai ser exatamente por que o povo vai ter a facilidade de encontrar emprego perto de onde mora. Isso economiza tempo e o dinheiro da condução.

ENTREVISTA-MICROEMPRESÁRIA

Maluf

A Fábrica de Empregos estará funcionando e ajudando quem precisa de emprego já nos primeiros anos do século que vem.

01/08/2000

01-11-01:01:57-Fita 5-Eleições 2000

REPETIÇÃO

20000901Maluf

01/09/2000

01-16-01:32:33-Fita 5-Eleições 2000

PROGRAMAS SOCIAIS-

CINGAPURA-LEVE-LEITE-DEFICIENTES FÍSICOS ETC

04/09/2000
02-12-01:02:52-Fita 6-Eleições 2000
REPETIÇÃO

04/09/2000
02-19-01:32:44-Fita 6-Eleições 2000
POPULARIDADE-PROGRAMAS SOCIAIS-OBRAS-CINGAPURA-PAS-

20000905Maluf
05/09/2000
04-13-01:07:42-Fita 7-Eleições 2000
REPETIÇÃO: POPULARIDADE-PROGRAMAS SOCIAIS-OBRAS-CINGAPURA-PAS-

20000906Maluf
06/09/2000
01-03-00:10:06-Fita 8-Eleições
COMENTÁRIO SOBRE 1 DEBATE:-ATAQUE À ALCKMIM-POPULARIDADE DA
ÚLTIMA GESTÃO. APRESENTAÇÃO DE OBRAS.

08-09(?) /09/2000
01-03-00:10:13-Fita 9-Eleições 2000
PROGRAMAS SOCIAIS-PAS

20000911Maluf
11/09/2000
01-03-00:12:04-Fita 10-Eleições 2000
PROGRAMAS SOCIAIS-PAS

12/09/2000
01-03-01:47:21-Fita 10-Eleições 2000
REPETIÇÃO PROGRAMAS SOCIAIS-PAS

20000913Maluf
13/09/2000
01-03-00:11:50-Fita 11-Eleições 2000

Maluf

Meus amigos. Hoje vou pa aproveitar esse horário para mostrar a minha indignação com um fato da maior gravidade. O governo do Fernando Henrique, do Covas, do Geraldo Alckmin quer aprovar no Congresso mudanças na lei que pune os crimes hediondos e que vão beneficiar assassinos, estupradores, traficante e seqüestradores. Vocês acham que é exagero. Estão aqui, no jornal o Estado de São Paulo algumas conseqüências dessa lei.

NARRADOR MOSTRANDO COMO FICARIA A LEI DEPOIS DA MUDANÇA

Maluf

Por exemplo: O maníaco do parque que matou dez mulheres e foi condenado a 100 anos de prisão pode sair em dezoito anos.

DONA DE CASA

Não pode, ele não pode ficar solto.

Maluf

Quer outro exemplo de arrepiar? Se um traficante for pego vendendo drogas na porta da escola de seu filho em vez de ficar na cadeia pode fazer apenas trabalhos comunitários. Isto é, vai continuar nas ruas. E tem mais. Um estuprador ou um seqüestrador vai poder cumprir as suas penas em regime semi-aberto. Só vão pra cadeia pra comer e dormir.

VENDEDORA

Eu não concordo com esse regime semi-aberto. Pra nenhum crime. Nenhum, nenhum.

Maluf

Ora, isso é uma irresponsabilidade desse pessoal do PSDB. Isto é que é ter a cabeça no lugar?

ENFERMEIRA

Sai um filho pra trabalhar você não sabe se volta vivo.

Maluf

Ta na hora de acabar com essa hipocrisia. A verdade é que eles perderam guerra conta a violência. Ai vocês me perguntam, o que um prefeito pode fazer contra essa idéia maluca? Pode fazer o que eu vou fazer. Vou lutar. Vou usar o cargo de prefeito a fim de evitar que essa lei seja aprovada. Porque as conseqüências dela a gente vai sentir aqui nas ruas da nossa São Paulo. Meus amigos, a grande diferença entre a minha candidatura e a do grupo político do Alckmin e até do PT da Marta é essa: Pra mim Direitos Humanos não é facilitar a vida dos bandidos. Pra mim, bandido não só tem que ficar na cadeia como tem que trabalhar para pagar o que come. Por isso não acredito que depois de 6 anos de omissão e de incompetência, esse governo que está aí, do qual o Alckmin faz parte, possa garantir a sua segurança e da sua família. Quem defende Direitos Humanos pra bandido nunca vai lutar por você.

15/09/2000

01-20-01:44:39-Fita 11-Eleições 2000

REPETIÇÃO- MUDANÇA DA LEI SOBRE C.H.

15/09/2000

01-03-00:12:40-Fita 12-Eleições 2000

Maluf

Meus amigos. Comecei essa campanha falando sobre a violência, e os outros candidatos disseram que eu estava fazendo demagogia. Dizendo que o prefeito não pode fazer nada pela segurança e que isso é tarefa para o Governo do Estado. Ora, o governo do Mário Covas está aí faz seis anos, e vocês há de concordar comigo que a violência só cresceu, ficou fora de controle, tomou conta da cidade. Me desculpe, mas quando eu era governador e coloquei a ROTA nas ruas os bandidos tinham medo da ROTA. Hoje os bandidos não tem medo da polícia. Outra coisa, comigo não tinham essas rebeliões da FEBEM, que num dia os menores quebram tudo, matam companheiros, ferem funcionários e botam fogo nos colchões. Daí no outro dia o Governador vá lá e diz que em três meses vai resolver tudo. Que vai morar dentro da FEBEM, dar novos colchões pra eles. E logo em seguida toma de novo rebelião. Eu acho que quem destrói, queima colchão, não importa a idade, tem que no mínimo trabalhar para recuperar o que destruiu. Mas voltando à questão da prefeitura, existem quatro coisas que o prefeito pode fazer de verdade para ajudar a combater a violência na cidade:

NARRADOR

Primeira: Combater os pequenos delitos

Segunda: Criar uma nova Guarda Municipal

Terceira: Droga Longe das Escolas

Quarta: Municipalização da Polícia

Maluf

Vou começar desde já a brigar em Brasília para que a responsabilidade pelo combate ao crime de verdade seja do prefeito. Agora, se tem uma coisa que um prefeito não pode fazer é cruzar os braços e concordar com essa falsa política de Diretos Humanos do Governador Mário Covas e do seu candidato Geraldo Alckmin que diz amém a tudo isso. Como prefeito vou buscar ajuda de quem quer que seja. Mas se ela demorar pra vir vou brigar, perturbar, incomodar o Governador, o Presidente enfim todo mundo. Eles têm que ajudar o Prefeito a combater a violência. Afinal, um dia, eles que moram nesta cidade não vão ter mais suas seguranças e vão ter que andar nas ruas como você, como o cidadão comum, aí eu quero ver. Muito obrigado.

NARRADOR MOSTRANDO PESQUISA

18/09/2000

1-21-01:46:45-Fita 12-Eleições 2000

REPETIÇÃO-SEGURANÇA-ROTA-FEBEM

20000918maluf13
18/09/2000
01-03-0:15:55-Fita 13- Eleições 2000
MALUF COMPROMISSO DE RECUPERAR SP

Meus amigos, em 93, qdo assumi a prefeitura, a freqüência das escolas era baixa. A idéia q tive para fazer as crianças freqüentarem as aulas foi o Leve-Leite (LL)

O LL ajuda as famílias mais necessitadas e ao mesmo tempo estimula os alunos a não faltarem às aulas

NARRADOR:
LL INCENTIVO PARA AS MÃES

APRESENTADORA
Além de ajudar no orçamento da família, o LL contribui para q as crianças não faltem à escola, afinal para ganhar uma lata de leite no fim do mês é preciso comparecer à 90% das aulas.

DONA DE CASA- O LL é bom porque as crianças ficam animadas pra ir pra escola
COZINHEIRA-Ajuda a mãe e os filhos também
DONA DE CASA-Mês a mês a gente sempre ta esperando que venha a lata do LL
EMPRESÁRIO-O LL foi uma ótima idéia do Maluf

NARRADOR:
LL INCENTIVO PARA OS ALUNOS

MALUF
Para as crianças, uma lata do LL é um prêmio e uma lição. Porque vc sabe que na vida pra ganhar alguma coisa a gente tem que trabalhar por isso, tem que se esforçar, fazer por merecer. Com o LL as crianças aprendem isso desde pequenas.

A gente vê o orgulho que as crianças tem qdo recebem a lata do LL. Eles sabem que estão ajudando toda a família no sustento da casa.

DONA DE CASA- O LL tem q continuar
APOSENTADA-O Maluf tem que voltar pra continuar esse sistema do LL
CORRETORA DE IMÓVEIS- Cingapura, LL. Tudo q nós temos em SP é graças ao Dr. Paulo Maluf, nós precisamos q ele volte.
PROFESSOR- Tudo aquilo que é de uso popular foi Maluf que fez.
DONA DE CASA-Eu tenho orgulho de votar no Paulo Maluf
BANCÁRIA- O Maluf tem que voltar pra continuar o leite das crianças.

NARRADOR
COMPROMISSO DE MALUF
MANTER A LATA COM 2 QUILOS DE LEITE
NÃO ATRASAR A ENTREGA DO LL

NÃO DEIXAR O LL ACABAR

MALUF

O LL é sem duvida um dos programas sociais que mais me orgulho de ter criado em toda a minha vida pública. Por isso vcs podem ter certeza, q com comigo prefeito o LL vai continuar.

MÚSICA LL VAI CONTINUAR

MALUF

20000920maluf14

20/09/2000

01-04-0:16:28-Fita 14- Eleições 2000

MALUF

Meus amigos, antes q a campanha termine eu preciso ter uma conversa com vcs. Uma conversa olho no olho. A quatro anos atrás, em 96, eu encerrava o meu mandato na prefeitura com a aprovação da grande maioria de vcs. Hj dispuo uma eleição apertada para a mesma prefeitura da qual sai consagrado no final do meu mandato. Uma eleição q deveria ser mais fácil, mas q não é, por causa daquela decisão errada de ter me empenhado, como nunca fiz com ninguém, para q o atual prefeito fosse eleito e assim, dar continuidade à minha obra administrativa. Assumo sem erro e sem hesitação a minha responsabilidade. Mas não basta reconhecer meu erro, é preciso corrigir esse erro, pensando principalmente nas pessoas q foram prejudicadas. Sei q não é fácil para vc renovar esse voto de confiança, e votar novamente em mim, depois de sofrer por quatro anos as conseqüências daquele erro. É por isso que tenho dito que vou trabalhar em dobro para fazer uma administração de oito anos em quatro, e que c vcs me derem novamente o seu apoio farei a melhor administração de minha vida, e a melhor administração que SP já teve. E se tenho orgulho de tudo que já realizei em SP, tenho tbm suficiente humildade para reconhecer que sem o apoio de vcs, não teria conseguido nada. Meus amigos, nossa cidade corre o risco de ser entregue nas mãos de pessoas inexperientes, E SP não agüenta mais ser governada por um prefeito despreparado pelos próximos quatro anos. Neste momento que vc está sozinho com a sua consciência, na dúvida se deve ou não confiar novamente em mim. Na dúvida se deve ou não permitir que o sentimento de decepção decida o seu voto, renovo o meu apelo. Confie mais esta vez em mim. Vamos juntos recuperar SP. Muito obrigado.

COMERCIANTE- Eu tenho orgulho de votar no Maluf, voto nele sempre.

ESTUDANTE-Esse é o meu primeiro ano q eu vou votar e com certeza é nele q eu voto.

AUX ADM-EU vou votar no PM porque tudo q tem lá no meu bairro foi ele q fez.

PROFESSOR-É SP pra frente com Maluf e nada mais.

MÚSICA

“PRA MINHA, MEU LAR, MEU CHÃO, NÃO QUERO RISCO DE UMA OUTRA MÃO QUE NÃO ME DÊ SEGURANÇA QUE NÃO ME DÊ ATENÇÃO.

FOI ELE QUE FEZ PRE MIM, SP CRESCER ASSIM.

FOI ELE QUE FEZ PRE MIM, IMAGINE VIVER AQUI SEM TUDO QUE ELE FEZ.”

20000922Maluf

22/09/2000

01-04-0:17:58-Fita 15-Eleições 2000

Maluf

Meus amigos, toda vez q fiz uma obra viária nesta cidade, surgiram críticas partindo sempre de pessoas q nunca fizeram nada. Essas críticas na sua maioria são de q as minhas obras ainda q necessárias serviam apenas aos ricos. Ora , os empregos gerados por cada uma dessas obras não foram ocupados por ricos. Os ônibus e as peruas q circulam mais rapidamente por essas obras também não levam gente rica. Mas ainda assim elas são criticadas. Criticam até obras como os piscinões q fizemos, os 15 córregos q canalizamos, os mais de 20.000 apartamentos de Cingapura que construímos. |Essas são obras pra ricos? Claro q não. Mas hoje vou mostrar pra vcs um exemplo de como as obras viárias têm grandes funções sociais. Estou falando da Jacu-Pêssego. A maior avenida urbana da A. L., q mudou a cara da Z. Leste, e q a maioria dos ricos nem sabe onde fica.

Vcs entendem agora pq me orgulho tanto da Jacu-Pêssego? Pois eleito prefeito vou continuar a JP para o Sul fazendo a ligação com a região do ABCD, com a Via Anchieta e a Via dos Imigrantes. E para o Norte fazendo a ligação com a Trabalhadores e a Via Dutra. Isto vai aliviar muito o transito nas marginais, se alguém duvidar deste compromisso pergunte a um morador da Z. Leste, se ele duvida.

Muito Obrigado.

25/09/2000—(20000925maluf)

01-23-1:58:14- Fita 15-Eleições 2000

MÚSICA

TRANSEUNTES DIZENDO Q VOTAM EM PM.

Essa gente me da muita força. E é exatamente porque tenho ele do meu lado é que pude e vou fazer mais do que ninguém.

MÚSICA

TRANSEUNTES DIZENDO Q VOTAM EM PM.

SP é muito grande, o prefeito precisa ser muito forte e experiente para q as coisas andem.

MÚSICA

TRANSEUNTES DIZENDO Q VOTAM EM PM.

TRANSEUNTE: O Jânio falou q ia construir essa avenida não fez nada, a Erundina entrou também não fez nada, ai o Maluf falou: O dia q eu for prefeito eu vou fazer essa avenida. Ele fez.

E depois de 4 anos ser avaliado como bom prefeito por mais de 90% da população não é fácil.

MÚSICA

Tenho certeza q dá pra recuperar SP.

MÚSICA

Um prefeito tem q brigar pelo seu povo. Não, pode ver a violência crescer e cruzar os braços não, tem que brigar pela sua gente.

MÚSICA

Vou trabalhar em dobro, vou fazer a melhor administração da minha vida para as pessoas q mais precisam.

MÚSICA

“MALUF O ÚNICO Q JÁ DERROTOU O PT TRÊS VEZES, E VAI GANHAR DE NOVO!!”

21/10/2000 20002110maluf
01-02-0:10:23-Fita 20-Eleições 2000

APRESENTADORA

A Marta do PT continua querendo enganar vc e sua família. Diz q faz uma campanha limpa, mas ataca Paulo Maluf o tempo todo. Já foi até condenada pela justiça a pagar 3000 mil reais por causa das calúnias que tenta espalhar. Agora ela caiu nas pesquisa, esta com medo de perder a eleição, e vai partir para os ataques. Tome cuidado, não se deixe enganar!

NARRADOR

Começa aqui o programa de PM, compromisso de recuperar SP.
SP, 10 milhões de habitantes, a terceira maior cidade do mundo. 35 mil indústrias, 3000 mil empresas. 3.800.000 empregos formais gerados pela indústria, comercio e setor de serviços. Uma cidade gigantesca, com enormes problemas.

UMA PESSOA ASSASSINADA A CADA 90 MINUTOS

NÃO IDENTIFICADO- eu moro aqui há 43 anos, eu andava a qualquer hora na rua, sem medo de nada. Hoje tem ra aqui que eu não passo nem de dia.

MALUF

Meus amigos, segurança é o nosso assunto do programa de hoje. A violência é o principal problema de SP. Um problema difícil de resolver, mas que tem q ser enfrentado antes q seja tarde, com coragem, pulso firme e sem covardia! A terceira maior cidade do mundo não pode continuar refém de bandidos e criminosos. Vejam esta notícia do Diário Popular: “Pms abandonados mudam de bairro após morte de colega. Rapaz foi executado só porque entrou para a polícia.”

Meus amigos, policial não pode continuar sendo caçado por bandido. Quando prefeito, transformei a segurança numa prioridade. Procurei na medida do possível dar a tranquilidade para a cidade de Sp trabalhar e viver em paz.

NARRADOR

Você votou em Maluf, veja no que deu: Deu mais segurança para os paulistanos. Com a guarda civil metropolitana, que passamos de 2000 para 4000 homens bem treinados e qualificados, e mais 150 novas viaturas e 66 motocicletas para reforçar o policiamento na região central. Escolas e creches ofereceram segurança e tranquilidade para as crianças e os alunos.

TRANSEUNTE- A segurança era rígida , hoje acabou a segurança, acabou SP

TRANSEUNTE -Eu me sentia tranquilo, o pessoal tinha até medo de falar de PM na segurança, porque ele é forte, ele fala que faz e faz mesmo!

TRANSEUNTE- O Maluf tem que voltar para resolver esse pobrema. Muita vagabundagem!!

NARRADOR

SP é muito grande, e precisa trabalhar e dormir em paz!

Não arrisque com a segurança de sua família!

Maluf

Como prefeito de SP, quero assumir a responsabilidade pela segurança da população. O prefeito de SP tem poder para pressionar, para discutir, para conseguir em Brasília os recursos que faltam para os programas de segurança. Não vou ficar de braços cruzados não, não vou ficar pondo a culpa no governo do Estado. O prefeito de Sp pode dentro da lei, fazer mudanças na Guarda Municipal para ela trabalhar junto com a P.M.e a P.C. no combate aos criminosos. Sei q muitos de vcs pensam q o prefeito não pode fazer muita coisa pela segurança. Não é verdade! Se o prefeito quiser, se não se acomodar, se tiver experiência, pode encontrar soluções concretas par diminuir a violência em SP. Eu fiz isso quando fui prefeito.

NARRADOR

Na prefeitura, Maluf vai aumentar o efetivo da Guarda Civil metropolitana para 10 mil homens. Vai trazer especialistas norte-americanos para treinar os policiais. Vai melhorar o salário dos policiais, e também fiscalizar a corporação. Maluf vai garantir policiamento nas escolas, nos pontos de ônibus, e nas **zonas comerciais principalmente na periferia. Vai colocar mais 300 viaturas nas ruas. Vai instalar câmeras de vídeo nas regiões mais perigosas da cidade. Criar o Conselho Municipal de Defesa do Cidadão. Combater a pichação e o vandalismo. Criar zeladorias nas escolas que vão servir de moradias para policiais, e também intensificar a iluminação pública na cidade.**

MALUF

COMPROMISSO DE RECUPERAR SP
A GENTE MERECE QUEM JÁ SABE O QUE FAZ

MALUF

Todas essas medidas são possíveis, só depende do prefeito, não custam caro e vão ajudar muito no combate à violência. Vejam o caso da zeladoria escolar, em cada escola a prefeitura põe um guarda morando com a sua família. De dia ele protege os alunos e os professores, e evita a ação dos marginais e traficantes da proximidade da escola. À noite, morando na escola, ele impede o roubo e o vandalismo tão comuns nos dias de hoje. Uma solução simples, mas que resolve o problema que atrapalha o bom funcionamento das nossas escolas principalmente na periferia de SP. Com a G.M. bem armada e bem treinada e com medidas como essa o prefeito pode diminuir a violência em nossa cidade. O que eu proponho é **tolerância zero com bandidos.**

VINHETA SEGURANÇA

VINHETA COM A ASSOCIAÇÃO DO DDD 11 COM MALUF
11, O NÚMERO DE SP
MALUF

Meus amigos, eu apresentei a vcs, minhas idéias para combater a violência em nossa cidade. Minha proposta é ser rigoroso com os bandidos. Enfrentá-los com uma polícia bem armada e bem treinada. Eu já disse quero tolerância zero com os bandidos (SIMULANDO UMA BATIDA NA MESA COM A MÃO)

Segurança é um assunto muito sério, porque meche com a vida de todos os paulistanos. E nesse assunto sou obrigado a discordar completamente com a candidata do PT, minha adversária nesta eleição. Dona Marta apresentou no Congresso quando era Deputada um Projeto de Lei que permite a redução da pena de criminosos, inclusive os condenaods a crimes hediondos, que são os crimes mis graves.

Considero esse projeto um verdadeiro atentado a segurança da família paulistana.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE LEI

PARA CADA 12 HORAS DE ESTUDO, UM DIA A MENOS DE CADEIA
INCLUSIVE CRIMES HEDIONDOS.

REPRESENTANTE DE VENDAS- Eu considero absurdo esse negócio da Marta falar que bandido tem que diminuir pena

DONA DE CASA- Se o camarada não ficar preso, ou for preso e solto logo, o q q vai acontecer? Cada dia vai aumentando mais, e nós temos q diminuir a criminalidade

MOTORISTA- Eu acho errado essa história da Marta de diminuir pena de bandido. Ela não sai de madrugada pra trabalhar, quem sai é nós.

COZINHEIRO- Lugar de bandido é na cadeia.

MALUF

Sou contra o projeto da candidata do PT, porque acho q bandido tem que ser tratado como bandido, sem moleza e sem qualquer privilégio. No próximo dia 29 vc vai decidir o futuro de SP. Chegou a hora de avaliar o que pensam os dois candidatos. Dar segurança para os paulistanos é uma questão de honra para mim. Já fiz isso antes, e vou fazer de novo. Quero que vc me dê a chance de recuperar SP, devolver ao paulistano o orgulho de morar na terceira maior cidade do mundo. Tenho certeza que posso com a experiência que acumulei nestes anos todos dar a SP a tranquilidade que o povo tanto reclama. Com o seu apoio e o seu voto, vou fazer em SP a melhor administração de minha vida!

Muito obrigado.

VINHETA

NÃO DA PRA ARRISCAR ANDAR PRA TRÁS, SP É GRANDE DEMAIS, A GENTE
MERECE QUEM JÁ SABE O QUE FAZ!

20002110maluf2

PROGRAMA NOTURNO 21/10/2000

VINHETA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE EXPERIÊNCIA (VC DEIXARIA UM PILOTO SEM EXP. PILOTAR UMA AVIÃO QUE ESTIVESSE TODA A SUA FAMÍLIA?)

Meus amigos, estamos em uma disputa eleitoral muito importante para o futuro de SP. São dois candidato, duas propostas totalmente diferentes, não estamos falando de uma cidade qqr, de uma cidade pequena, estamos falando da 3 maior cidade do mundo, estamos falando do destino de milhões de pessoas, estamos falando de grande problemas, difíceis de resolver. Emprego, violência, habitação, saúde e transporte. Estes são os desafios para o próximo prefeito de SP.

NARRADOR

Durante os 4 anos que Maluf foi o prefeito de SP ele criou mais de 100 mil empregos, foram 300 grande obras iniciadas e concluídas ainda no governo Maluf. Milhares de empregos foram gerados durante e depois das obras através das dezenas de emprsas que se instalaram nas margens de avenidas como a JPêssgo, águas Espraiadas, Escola Politécnica e tantas outras.

Reportagem da FSP de junho de 96 mostrou q a prefeitura da capital sozinha foi responsável por 60% dos empregos gerados pelas obras públicas de todo o Estado de SP.

ADM DE EMRPESAS- A A. Espraiada pra mim foi um benefício, eu tenho um comércio aqui. Inclusive eu emprego 30 pessoas

ASIST ADM- Deu oportunidade para o meu patrão abrir um estabelecimento que proporcionou 20 novos empregos, e isso foi muito bom.

COMERCIANTE-Hoje eu tenho 14 empregados trabalhando em função desta obra, em função de tudo que foi feito pelo então prefeito Paulo Maluf.

MALUF

Gerar empregos é um desafio para qualquer prefeito, fiz questão de mostrar um pouco do meu trabalho para que vc possa comparar, para q vc possa comparar bem as propostas q tenho com as propostas que tem a minha adversária, Dona Marta do PT. Pretendo retomar obras como o Cingapura, a canalização de córregos, a construção de creches e escolas, enfim, obras de grande alcance social que geram muitos empregos e melhoram em geral a vida das pessoas. Minha adversária também tem propostas de emprego, só q ela não é capaz de dizer quantos empregos tem capacidade de gerar, e nem de onde vai tirar dinheiro para seu projetos.

MATÉRIAS DE JORNAIS DIZENDO Q MARTA NÃO DIZ DE ONDE TIRARÁ DINHEIRO PRA ISSO

MALUF DIZENDO COMO É Q MARTA DIZ Q A PREFEITURA ESTÁ QUEBRADA E APRESENTA TANTOS PROJETOS SEM DIZER DE ONDE VIRA O DINHEIRO.

VINHETA SOBRE EXPERIÊNCIA E AMOR POR SP

VINHETA COM A ASSOCIAÇÃO DO DDD 11 COM MALUF
11, O NÚMERO DE SP

MALUF

No assunto segurança, eu e a minha adversária, Dona Marta do PT temos posições completamente diferentes. Eu defendo tolerância zero com o s bandidos, Dona Marta defende a redução da pena dos bandidos, inclusive os condenados por crimes hediondos, que são os crimes mais graves. Eu convido vcs a conhecer o Projeto de Lei que ela apresentou no Congresso qdo era vice líder do PT

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

ASSIS CONTAB- Dá impressão q ela é a favor dos bandidos

MOTORISTA- Eu não voto na Marta Suplicy porque ela à favor do casamento entre homossexual,e tirar bandido mais cedo da cadeia

FAXINEIRA- Ela quer soltar os bandidos, eu já fui assaltada várias vezes e eu acho q não é justo ela fazer uma coisa desta.

MALUF

Essa é a nossa diferença, eu quero rigor no combate aos bandidos, e Dona Marta quer diminuir a pena dos criminosos. Nós dois somos candidatos a prefeito de SP, uma cidade q tem a violência como seu maior problema. Eu quero assumir pessoalmente a responsabilidade pela segurança da população. **Dona Marta fala em parceiras. (ELEMENTO NOVO)**Eu já disse aqui e quero repetir, Dona Marta e o PT, o pT da bagunça e da baderna estão de um lado, eu estou do outro, eu tenho um compromisso de recuperar SP, e c vc me der a oportunidade e a chance de mais uma vez ser o prefeito desta cidade, vou fazer a melhor administração de minha vida.

APRESENTADORA

A Marta do PT foi deputada federal e apresentou projetos ligados ao tema da sexualidade, um dos projetos é sobre a venda de camisinhas e outro é sobre a interrupção da gravidez, o aborto. São assuntos importantes, mas uma Deputada eleita por SP deveria se preocupar com problemas como segurança, transporte, habitação e emprego. Esses temas são muito mais importantes pra nossa cidade, vc não acha?

VINHETA SOBRE EXPERIÊNCIA. NÃO DÁ PRA ARRISCAR ANDAR PRA TRÁS, A GENTE MERECE QUEM JÁ SABE O Q FAZ

20001022maluf

22/10/2000

1-07-0:41:50

MALUF

Meus amigos, hj convido vcs para assistirem um programa diferente. Um bate papo que eu tive com jovens das regiões mais carentes de SP. Vcs irão ver como eles estão preocupados com o futuro de SP e o que eles esperam do próximo prefeito

APRESENTADORA

Boa noite Dr. Paulo, vc está preparado?

MALUF

Mais do que preparado

JOVEM1

O q vc vai fazer com o problema das drogas nas escola?

MALUF

Essa é uma boa pergunta, porque o traficante de droga é um bandido, o traficante de droga é um assassino em potencial. Então nos vamos construir em cada uma das 850 escolas municipais uma zeladoria, lá vai morar um guarda com sua família. Durante o dia ele faz parte do batalhão anti-droga ele vai cuidar para que não haja traficante perto das escolas, à noite ele vai dormindo lá com a sua família e com a sua presença impede o vandalismo à noite nas escolas.

JOVEM2

E SOBRE OS ALUNOS Q JÁ ESTÃO ENVOLVIDOS COM AS DROGAS, O Q O Sr, vai fazer?

MALUF

Essa tbm é uma boa pergunta, pq em primeiro lugar nós temos que prevenir, temo que impedir os alunos que vão pra droga. Agora para aqueles que já estiverem na droga, nós vamos ter psiquiatras, psicólogos, hospitais especializados para que a pessoa saia da droga. O jovem tem que se conscientizar, ele tem que se ajudar a si mesmo, porque se ele tiver na droga ele vai morrer.

JOVEM3

Nós jovens temos poucas áreas esportiva, eu gostaria de saber o q oSr. Vai fazer em relação ao esporte?

MALUF

O Esporte é fundamental, Quem faz esporte, não vai pra droga, eu mesmo na minha idade graças a Deus, eu trabalho 18 horas por dia porque fiz muito esporte na minha juventude. Então nós vamos construir 35 CDMs, que são os clubes desportivos municipais. Hoje nós temos diversos espalhados porque eu já construí e vamos construir mais ainda. Nos fins de semana nos vamos abrir as escolas, para qdo não tenha aulas nos possamos fazer esporte nas escolas municipais. São mais de 800 escolas onde poderemos praticar esportes.

NARRADOR

PISCINÕES, COINGAPURA, PAS, AVENIDAS, ISENÇÃO DE IPTU, LEVE-LEITE, CANALIZAÇÃO DE Córregos, estas são as obras de MALUF

PROJETOS SOBRE: A interrupção da gravidez, a redução de penas para criminosos, sobre a união civil de pessoas do mesmo sexo e livros de educação sexual, estas são as obras de MARTA DO PT

QUEM VC ACHA Q ESTÁ MAIS PREPARADO PARA GOVERNAR SP?

JOVEM4

Primeiro emprego, qualificação profissional?

MALUF

O emprego precisa em 1 lugar investimento, c não houver investimento não há emprego. Não adianta esse pessoal q está ai fazer conto de fadas, fazer propaganda na televisão, porque qdo eles foram governo, todo mundo q foi embora deixou aqui as fábricas vazias, fizeram só terrorismo, greve, caos, invasão, daí as fábricas foram embora e deixaram aqui o desemprego. Então em primeiro lugar nós temos q dar segurança, combate à violência; em 2 lugar novos investimentos em obras; em 3 lugar voiu fazer lá onde era o antigo gazômetro, o que eu chamo de fábrica de empregos, lá vai ter uma pré-qualificação de todos, de todos que precisam de empregos e nós vamos saber, quem q precisa de um lado, quem se oferece de outro, e a gente une o útil ao agradável.

JOVEM5

E o projeto do Cingapura, vai continuar ou não?

MALUF

Sim, o projeto de Cingapura foi o melhor projeto que apareceu em SP. O Cingapura deu dignidade, em vez das pessoas morarem em um barraco, onde tem rato, onde tem barata, onde tem enchente de esgoto, onde tem doença, onde tem leptospirose, onde tem tudo isso, a gente colocou as pessoas no mesmo lugar, sem transferir os favelados, no mesmo lugar em um apartamento de dois quartos, com uma sala que de noite é o terceiro quarto, um banheiro com pia, com cozinha e também com área de lavar roupa. Tudo isso por 57 reais por mês. Olha, a prestação do Cingapura é mais barata que a conta da luz e da conta da água. Ela vai continuar e melhorar, só que agora em cada Cingapura uma pequena praça d esporte, ter uma escola para as crianças e ter uma creche. Vai ser a educação integrada com a moradia.

VINHETA DE MAL MOTORISTA, SEM EXPERIÊNCIA

JOVEM 6

Qual são seus planos para combater a viol~encia nas ruas de SP?

MALUF

Olha, a violência só se combate, qdo verdadeiramente o bandido tiver medo da polícia. Se o bandido não,tem medo da polícia, acontece o q está acontecendo. Ele invade delegacia, matou sargento solta preso. Então comigo, eu escolhi meu lado, **direitos humanos não é prioridade pra bandido, direitos humanos é pro povo bom que trabalha. Então no que compete a mim, a ROTA volta pra rua e bandido vai pra cadeia, nós vamos colocar 10 mil homens nas ruas, 300 automóveis, 300 peruas, vamos fazer um policiamento ostensivo, nos vamos ajudar o governo de Estado e o governo federal a combater a violência aqui nesta cidade. Este é um problema do prefeito, eu não vou ficar os outros não, não vou ficar dizendo ‘isto é culpa do governador’, nada disso. Nós vamos trabalhar juntos pra dar segurança pra vcs!**

JOVEM7

Os meios de transporte de Sp tem alguns problemas, algumas linha de ônibus tem poucos ônibus, aí o trabalhadora fica 1, 2 horas no ponto esperando o ônibus.É justo isso ou vai mudar

MALUF

Isso vai mudar, olha. Tem que haver uma integração. Tem que construir mais corredores de ônibus, e nós temos projetos pra isso, porque nós que fizemos todos que estão aí. Tem que construir mais terminais de ônibus pra ter o bilhete único, pra não ter que pagar duas vezes. Essas linhas onde o ônibus demora, nós vamos fazer tbm, alternativamente, peruas, vamos colocar perueiros lá, e vamos também ajudar o governo do Estado a construir mais metrô. Fazendo esta integração, eu tenho certeza, o transporte coletivo na cidade de Sp vai melhorar.

NOTURNO

CRÍTICA À MARTA QUE PROMETE CRECHES MAS AO MESMO TEMPO DIZ QUE A PREFEITURA ESTÁ FALIDA.

ENTREVISTA COM TRANSEUNTES REITERANDO ESSA IMAGEM

MALUF DIZ QUE ERUNDINA CONSTRUIU APENAS 44 CRECHES EM 4 ANOS, MARTA DIZ QUE VAI CONSTRUIR 1000.

20001024maluf2

24/10/2000

01-04-0:20:41-Eleições 2000 (noite)

MALUF

APRESENTADORA

Boa noite, no próximo domingo, dia 29, vamos escolher o prefeito de SP. De um lado está Marta do PT e de outro Paulo Maluf. No programa de hoje gostaríamos de mostrar para vc um outro lado do PT. Quando está disputando uma eleição, o PT fala em honestidade, em mudança, em fazer tudo diferente. Mas quando chega ao poder o PT mostra a sua verdadeira face. Foi assim aqui em SP, quando foi eleita a Erundina. Conheça agora um caso ocorrido durante uma administração do PT em Brasília e amplamente divulgado pela imprensa. Mesmo cumprindo uma ordem judicial houve abuso de poder da policia. Os direitos humanos dos moradores foram esquecidos.

NARRADOR

Brasília, Cristovam Buarque candidato a Governador garantiu aos moradores humildes da Vila Estrutural que eles não seriam retirados de suas casas.

UMA GRAVAÇÃO (SUPOSTA) DO HGPE DE BRASÍLIA ONDE C.B. GARANTE A PERMANÊNCIA DOS MORADORES DA VILA ESTRUTURAL ATÉ QUANDO ESTES QUISESSEM.

NARRADOR (CENAS DA DESOCUPAÇÃO DA VILA ESTRUTURAL de 1997)

Cristovam do PT foi eleito. Os moradores tiveram que sair de suas casas. Vejamos o que aconteceu. 1700 policiais, tropa de choque, cavalaria e cachorros, bomba de efeito moral, balas de borrachas, gás lacrimogêneo e o emprego da força. Tudo isso para expulsar os moradores e destruir os barracos.

INVASOR- Nós vamos morrer lutando, porque eles tem condições sobre um teto. E nós que somos classe não tem. Porque que nós não tem condições. Isso eu faço essa pergunta para o Governador.

NARRADOR-

Isso ocorreu na administração do PT em 1997
Mães corriam saem saber o que fazer e para onde ir.

INVASOR-Eu não tenho onde morar!

INVASOR-Isso aqui é fato, não é história não. Isso aqui é o sangue, o sangue que Cristovam ta derramando.

NARRADOR

PT NUNCA MAIS!
VOTE 11
VOTE MALUF

**Isenção de IPTU, Cingapura, Leve-Leite, PAS, Piscinões, Canalização de Córregos, Novas Avenidas.
Essas são as obras de Maluf**

**Projetos sobre: A Interrupção da Gravidez, a Redução de Penas para Criminosos, sobre a União Civil de Pessoas do Mesmo Sexo e livros de Educação Sexual.
Estas são as obras de marta do PT
Quem vc acha que está mais preparado para governar SP?**

MALUF

Meus amigos, a Dona Marta caiu nas pesquisas. Entrou em desespero. Baixou o nível da campanha, e agora está tentando se passar de vítima. Foi pra televisão que eu a estou atacando. O que eu critiquei foi os seus projetos vazios, sem substância e sem o menor senso de realidade. Promessas impossíveis de serem cumpridas, feitas para enganar os eleitores. Meus amigos a Dona Marta gosta de se fazer de vítima. Bate e esconde a mão. Diz que não vai atacar e ataca e se faz de vítima. Não Dona Marta, a Sra. não é vítima de nada. Vítimas são as mulheres e filhos de trabalhadores assassinados por bandidos. Os mesmos bandidos que a Sra. quer colocar nas ruas. Vítimas são os desempregados que perderam seus empregos por causa do radicalismo do PT. O seu PT que espanta e fecha as fábricas. A Sra. não é vítima de nada, Dona Marta o seu projeto de soltar bandidos é que vai criar milhares de vítimas da violência.

01-05-0:25:55

APRESENTADOR

Este é o Projeto de Lei N. 3.542, apresentado na Câmara dos Deputados pela Deputada federal Marta Suplicy do PT. O Projeto propõe a redução de pena para todos os criminosos que estudarem na cadeia. Inclusive os condenado por crimes hediondos. Que são crimes mais graves como o seqüestro, o tráfico de drogas, assalto seguido de morte. A candidata do PT está tentando dizer que o Projeto dela não beneficia crimes hediondos. Beneficia sim. Se quisesse deixar de fora os crimes hediondos, a Deputada Marta Suplicy teria que escrever isso no Projeto. Como não escreveu, o Projeto dela serve para ajudar todos os criminosos.

MALUF

O Projeto da Dona Marta do PT é um atentado contra a família paulistana. Além de soltar os bandidos mais cedo na rua, vai estimular o preso a não trabalhar na cadeia. Eu explico a vocês: Hoje os preso que trabalhar três dias diminui um na pena. Com o Projeto da Dona Marta basta ele estudar 12 horas por dia. Você acha que os bandidos vão preferir pegar no

batente durante três dias, ou estudar só 12 horas na escolinha como quer a Dona Marta para se livrar de um dia de cadeia. É por isso que eu critico o Projeto da Dona Marta do PT. Eu sou contra dar moleza para bandido. Bandido tem que trabalhar o que come na cadeia, e não voltar para rua para cometer mais crimes. **Em vez de diminuir a pena dos bandidos nós temos é que aumentar a pena.** Veja, ontem a Dona Marta fez um programa sobre segurança. Mas ela **esqueceu** o Projeto de Lei dela que quer colocar na rua antes os bandidos.

APRESENTADORA

SP é uma cidade que sofre com a violência. Todos os dias quem vive por aqui ouve uma história triste, trágica, onde um cidadão de bem acaba perdendo a vida na mão dos bandidos. Histórias como de uma médica que no último dia 17 denunciou na televisão o desaparecimento do marido, também médico, vítima de um seqüestro relâmpago. Ela foi até o programa do Ratinho pedir ajuda:

MÉDICA- Eu só quero o meu marido vivo. Pelo amor de Deus, eu não sei mais nem o que dizer, entendeu Ratinho....

APRESENTADORA

O depoimento emocionado causou indignação nos participantes do programa.

RATINHO (VT do Programa)

E o que a gente tá vendo no Congresso Nacional é nego falando em diminuir pena. Ah temos que diminuir pena pra bandido. Seqüestro tem que ser prisão perpétua. Pq c vc colocar o seqüestrador na prisão perpétua ele não vai sair mais pra seqüestrar ninguém. Pq ele faz do crime dele um comércio. Hoje a pena máxima por qualquer crime é trinta anos. Simplesmente coloca o seqüestro sessenta anos. É só aumentar. Quero ver nego sair da cadeia depois de sessenta anos.

APRESENTADORA

No dia seguinte, infelizmente a polícia encontrou o corpo do médico seqüestrado. E o drama voltou a ser assunto no Programa do Ratinho.

RATINHO (VT do Programa)

Dra.??? que final triste, hein?

MÉDICA

(NO FUNDO UM APLACA COM OS DIZERES: “NÃO ESTACIONE RESERVADO P/ CARROS FUNERÁRIOS”)

Demais Ratinho, eu to assim que é uma coisa que eu não acredito. E a violência ta cada vez pior nessa cidade. A gente não pode mais andar. A gente não pode mais trabalhar, meu Deus. Que governos são esses. Que polícias são essas.
RATINHO (VT do Programa)

Cada vez que a gente fala tem mais gente discursando que nós temos que diminuir pena. Que tem que diminuir pena!! Tem que aumentar pena!! Aumentar!!

DESEMPREGADA- Para esses criminosos tem que ser pena prisão perpétua pra eles.; Têm que ficar lá e mofar lá dentro.

EMPREGADA DOMÉSTICA- Eu acho um absurdo. Porque quem fez crime tem que pagar. Tem que ficar na cadeia.

DESEMPREGADA- Eles praticam uma tem diminuição da pena e eles vão pra rua praticam mais.

ARRUMADEIRA- Se alguém comete um crime tem que pagar. Não tem negócio de diminuir pena. Tem que pagar, tem que ficar lá preso.

CAMAREIRA- Ta errado, porque se não vai,continuar do mesmo jeito.

MÚSICA-RAP

‘EU estou desconfiado. Eu to desconfiado. A Marta não tem competência pra cuidar da segurança. Eu não sou mais criança. Pra acreditar em qualquer papo furado. Eu sou um cidadão que sofre nessa cidade. Minha casa só tem grade. Parece até prisão. Eu não sou louco pra correr o risco de não sair do lugar e a cidade afundar. Eu não voto na desconfiança. Voto na segurança. Voto Maluf. . Eu não voto na desconfiança. Voto na segurança. Voto Maluf

APRESENTADOR

Para SP ter paz, segurança e progresso só há uma alternativa. Maluf, número 11. O mais experiente. Na hora de votar...(instrução para votar)

20001025maluf

REPETIÇÃO DO PROGRAMA 20001024MALUF2

24/10/2000

01-04-0:20:41-Eleições 2000 (noite)

MALUF

APRESENTADORA

Boa noite, no próximo domingo, dia 29, vamos escolher o prefeito de Sp. De um lado está Marta do PT e de outro Paulo Maluf. No programa de hoje gostaríamos de mostrar para vc um outro lado do PT. Quando está disputando uma eleição, o PT fala em honestidade, em mudança, em fazer tudo diferente. Mas quando chega ao poder o PT mostra a sua verdadeira face. Foi assim aqui em SP, quando foi eleita a Erundina. Conheça agora um caso ocorrido durante uma administração do PT em Brasília e amplamente divulgado pela imprensa. Mesmo cumprindo uma ordem judicial houve abuso de poder da policia. Os direitos humanos dos moradores foram esquecidos.

NARRADOR

Brasília, Cristovam Buarque candidato a Governador garantiu aos moradores humildes da Vila Estrutural que eles não seriam retirados de suas casas.

UMA GRAVAÇÃO (SUPOSTA) DO HGPE DE BRASÉILA ONDE C.B. GARANTE A PERMANÊNCIA DOS MORADORES DA VILA ESTRUTURAL ATÉ QUANDO ESTES QUISESSEM.

NARRADOR (CENAS DA DESOCUPAÇÃO DA VILA ESTRUTURAL de 1997)

Cristovam do PT foi eleito. Os moradores tiveram que sair de suas casas. Vejamos o que aconteceu. 1700 policiais, tropa de choque, cavalaria e cachorros, bomba de efeito moral, balas de borrachas, gás lacrimogêneo e o emprego da força. Tudo isso para expulsar os moradores e destruir os barracos.

INVASOR- Nós vamos morrer lutando, porque eles tem condições sobre um teto. E nós que somos classe não tem. Porque que nós não tem condições. Isso eu faço essa pergunta para o Governador.

NARRADOR-

Isso ocorreu na administração do PT em 1997
Mães corriam saem saber o que fazer e para onde ir.

INVASOR-Eu não tenho onde morar!

INVASOR-Isso aqui é fato, não é história não. Isso aqui é o sangue, o sangue que Cristovam ta derramando.

NARRADOR

PT NUNCA MAIS!
VOTE 11
VOTE MALUF

Isenção de IPTU, Cingapura, Leve-Leite, PAS, Piscinões, Canalização de Córregos, Novas Avenidas.

Essas são as obras de Maluf

Projetos sobre: A Interrupção da Gravidez, a Redução de Penas para Criminosos, sobre a União Civil de Pessoas do Mesmo Sexo e livros de Educação Sexual.

Estas são as obras de marta do PT

Quem vc acha que está mais preparado para governar SP?

MALUF

Meus amigos, a Dona Marta caiu nas pesquisas. Entrou em desespero. Baixou o nível da campanha, e agora está tentando se passar de vítima. Foi pra televisão que eu a estou atacando. O que eu critiquei foi os seus projetos vazios, sem substância e sem o menor senso de realidade. Promessas impossíveis de serem cumpridas, feitas para enganar os eleitores. Meus amigos a Dona Marta gosta de se fazer de vítima. Bate e esconde a mão. Diz que não vai atacar e ataca e se faz de vítima. Não Dona Marta, a Sra. não é vítima de nada. Vítimas são as mulheres e filhos de trabalhadores assassinados por bandidos. Os mesmos bandidos que a Sra. quer colocar nas ruas. Vítimas são os desempregados que perderam seus empregos por causa do radicalismo do PT. O seu PT que espanta e fecha as fábricas. A Sra. não é vítima de nada, Dona Marta o seu projeto de soltar bandidos é que vai criar milhares de vítimas da violência.

APRESENTADOR

Este é o Projeto de Lei N. 3.542, apresentado na Câmara dos Deputados pela Deputada federal Marta Suplicy do PT. O Projeto propõe a redução de pena para todos os criminosos que estudarem na cadeia. Inclusive os condenado por crimes hediondos. Que são crimes mais graves como o seqüestro, o tráfico de drogas, assalto seguido de morte. A candidata do PT está tentando dizer que o Projeto dela não beneficia crimes hediondos. Beneficia sim. Se quisesse deixar de fora os crimes hediondos, a Deputada Marta Suplicy teria que escrever isso no Projeto. Como não escreveu, o Projeto dela serve para ajudar todos os criminosos.

MALUF

O Projeto da Dona Marta do PT é um atentado contra a família paulistana. Além de soltar os bandidos mais cedo na rua, vai estimular o preso a não trabalhar na cadeia. Eu explico a vocês: Hoje os preso que trabalhar três dias diminui um na pena. Com o Projeto da Dona Marta basta ele estudar 12 horas por dia. Você acha que os bandidos vão preferir pegar no batente durante três dias, ou estudar só 12 horas na escolinha como quer a Dona Marta para se livrar de um dia de cadeia. É por isso que eu critico o Projeto da Dona Marta do PT. Eu sou contra dar moleza para bandido. Bandido tem que trabalhar o que come na cadeia, e não voltar para rua para cometer mais crimes. **Em vez de diminuir a pena dos bandidos nós temos é que aumentar a pena.** Veja, ontem a Dona Marta fez um programa sobre segurança. Mas ela **esqueceu** o Projeto de Lei dela que quer colocar na rua antes os bandidos.

APRESENTADORA

SP é uma cidade que sofre com a violência. Todos os dias quem vive por aqui ouve uma história triste, trágica, onde um cidadão de bem acaba perdendo a vida na mão dos bandidos. Histórias como de uma médica que no último dia 17 denunciou na televisão o desaparecimento do marido, também médico, vítima de um seqüestro relâmpago. Ela foi até o programa do Ratinho pedir ajuda:

MÉDICA- Eu só quero o meu marido vivo. Pelo amor de Deus, eu não sei mais nem o que dizer, entendeu Ratinho....

APRESENTADORA

O depoimento emocionado causou indignação nos participantes do programa.

RATINHO (VT do Programa)

E o que a gente tá vendo no Congresso Nacional é nego falando em diminuir pena. Ah temos que diminuir pena pra bandido. Seqüestro tem que ser prisão perpétua. Pq c vc colocar o seqüestrador na prisão perpétua ele não vai sair mais pra seqüestrar ninguém. Pq ele faz do crime dele um comércio. Hoje a pena máxima por qualquer crime é trinta anos. Simplesmente coloca o seqüestro sessenta anos. É só aumentar. Quero ver nego sair da cadeia depois de sessenta anos.

APRESENTADORA

No dia seguinte, infelizmente a polícia encontrou o corpo do médico seqüestrado. E o drama voltou a ser assunto no Programa do Ratinho.

RATINHO (VT do Programa)

Dra.??? que final triste, hein?

MÉDICA

(NO FUNDO UM APLACA COM OS DIZERES: “NÃO ESTACIONE RESERVADO P/ CARROS FUNERÁRIOS”)

Demais Ratinho, eu tô assim que é uma coisa que eu não acredito. E a violência tá cada vez pior nessa cidade. A gente não pode mais andar. A gente não pode mais trabalhar, meu Deus. Que governos são esses. Que polícias são essas.

RATINHO (VT do Programa)

Cada vez que a gente fala tem mais gente discursando que nós temos que diminuir pena. Que tem que diminuir pena!! Tem que aumentar pena!! Aumentar!!

DESEMPREGADA- Para esses criminosos tem que ser pena prisão perpétua pra eles.; Têm que ficar lá e mofar lá dentro.

EMPREGADA DOMÉSTICA- Eu acho um absurdo. Porque quem fez crime tem que pagar. Tem que ficar na cadeia.

DESEMPREGADA- Eles praticam uma tem diminuição da pena e eles vão pra rua praticam mais.

ARRUMADEIRA- Se alguém comete um crime tem que pagar. Não tem negócio de diminuir pena. Tem que pagar, tem que ficar lá preso.

CAMAREIRA- Ta errado, porque se não vai,continuar do mesmo jeito.

MÚSICA-RAP

‘EU estou desconfiado. Eu to desconfiado. A Marta não tem competência pra cuidar da segurança. Eu não sou mais criança. Pra acreditar em qualquer papo furado. Eu sou um cidadão que sofre nessa cidade. Minha casa só tem grade. Parece até prisão. Eu não sou louco pra correr o risco de não sair do lugar e a cidade afundar. Eu não voto na desconfiança. Voto na segurança. Voto Maluf. . Eu não voto na desconfiança. Voto na segurança. Voto Maluf

APRESENTADOR

Para SP ter paz, segurança e progresso só há uma alternativa. Maluf, número 11. O mais experiente. Na hora de votar...(instrução para votar)

20001026MALUF

(Começo) IGUAL Á FITA 20 (SEGUNDO PROGRAMA DE MALUF) (ERRO??)

26/10/2000

01-12-01:00:50-Eleições 2000

MALUF

Isenção de IPTU, Cingapura, Leve-Leite, PAS, Piscinões, Canalização de Córregos, Novas Avenidas.

Essas são as obras de Maluf

Projetos sobre: A Interrupção da Gravidez, a Redução de Penas para Criminosos, sobre a União Civil de Pessoas do Mesmo Sexo e livros de Educação Sexual.

Estas são as obras de marta do PT

Quem vc acha que está mais preparado para governar SP?

Começa aqui o programa de Maluf
Compromisso de Recuperar SP

Maluf

Meus amigos, estamos em uma disputa eleitoral muito importante para o futuro de SP. São dois candidatos, duas propostas totalmente diferentes, não estamos falando de uma cidade qualquer, de uma cidade pequena, estamos falando da 3ª maior cidade do mundo, estamos falando do destino de milhões de pessoas, estamos falando de grandes problemas, difíceis de resolver. Emprego, violência, habitação, saúde e transporte. Estes são os desafios para o próximo prefeito de SP.

NARRADOR

Durante os 4 anos que Maluf foi o prefeito de SP ele criou mais de 100 mil empregos, foram 300 grandes obras iniciadas e concluídas ainda no governo Maluf. Milhares de empregos foram gerados durante e depois das obras através das dezenas de empresas que se instalaram nas margens de avenidas como a JPêssgo, águas Espraiadas, Escola Politécnica e tantas outras.

Reportagem da FSP de junho de 96 mostrou que a prefeitura da capital sozinha foi responsável por 60% dos empregos gerados pelas obras públicas de todo o Estado de SP.

ADM DE EMPRESAS- A A.Espraiada pra mim foi um benefício, eu tenho um comércio aqui. Inclusive eu emprego 30 pessoas

ASIST ADM- Deu oportunidade para o meu patrão abrir um estabelecimento que proporcionou 20 novos empregos, e isso foi muito bom.

COMERCIANTE-Hoje eu tenho 14 empregados trabalhando em função desta obra, em função de tudo que foi feito pelo então prefeito Paulo Maluf.

MALUF

Gerar empregos é um desafio para qualquer prefeito, fiz questão de mostrar um pouco do meu trabalho para que vocês possam comparar, para que vocês possam comparar bem as propostas que tenho com as propostas que tem a minha adversária, Dona Marta do PT. Pretendo retomar obras como o Cingapura, a canalização de córregos, a construção de creches e escolas, enfim, obras de grande alcance social que geram muitos empregos e melhoram em geral a vida das pessoas. Minha adversária também tem propostas de emprego, só ela não é capaz de dizer quantos empregos tem capacidade de gerar, e nem de onde vai tirar dinheiro para seus projetos.

NARRADOR

(apresenta jornais que põem em dúvida a factibilidade das promessas de Marta)

PROFESSOR- Não existem condições pra isso. É inviável. É cascata.

GERENTE-É uma promessa muito difícil de ser cumprida

DESIGNER-Emprego, como você vai criar emprego? Em um passe de mágica não tem como.

Maluf

A reportagem da 'Folha de SP' mostrou para vcs. Que o Projeto que a Dona Marta apresentou nessa campanha é interessante mas é impossível de ser realizado. A Dona Marta vive dizendo que a prefeitura está quebrada. Se está quebrada, como é que ela apresenta dezenas de Projetos que dependem do dinheiro da Prefeitura para serem levado adiante. Essas informações são muito importantes para vc. Afinal vc está decidindo qual dos dois candidato tem realmente condições de gerar empregos quando estiver na prefeitura.

MÚSICA

No programa de ontem, apresentei para vcs minhas propostas para combater a violência em SP. Mostrei como pretendo mudar o trabalho da G.M. com treinamento, armas e novos equipamentos. Falei também da Zeladoria Escolar, uma idéia simples, que não custa caro, mas que vai levar tranquilidade e segurança para as nossa escolas.

MÚSICA SEGURANÇA

REPETIÇÃO DO PROGRAMA NOTURNO 21/10/2000 Fita 20 (Arquivo 21)

No assunto segurança, eu e a minha adversária, Dona Marta do PT temos posições completamente diferentes. Eu defendo tolerância zero com o s bandidos, Dona Marta defende a redução da pena dos bandidos, inclusive os condenados por crimes hediondos, que são os crimes mais graves. Eu convido vcs a conhecer o Projeto de Lei que ela apresentou no Congresso qdo era vice líder do PT

DONA DE CASA-Se o camarada não ficar preso, for preso e solto logo, o que que vai acontecer, cada dia vai aumentando mais e nós temos mais é que diminuir essa criminalidade.

ASSIS CONTAB- Dá impressão q ela é a favor dos bandidos

MOTORISTA- Eu não voto na Marta Suplicy porque ela à favor do casamento entre homossexual,e tirar bandido mais cedo da cadeia.

FAXINEIRA- Ela quer soltar os bandidos, eu já fui assaltada várias vezes e eu acho q não é justo ela fazer uma coisa desta.

MALUF

Essa é a nossa diferença, eu quero rigor no combate aos bandidos, e Dona Marta quer diminuir a pena dos criminosos. Nós dois somos candidatos a prefeito de SP, uma cidade q tem a violência como seu maior problema. Eu quero assumir pessoalmente a responsabilidade pela segurança da população. **Dona Marta fala em parceiras. (ELEMENTO NOVO)**Eu já disse aqui e quero repetir, Dona Marta e o PT, o pT da bagunça e da baderna estão de um lado, eu estou do outro, eu tenho um compromisso de

recuperar SP, e c vc me der a oportunidade e a chance de mais uma vez ser o prefeito desta cidade, vou fazer a melhor administração de minha vida.

(REPETIÇÃO ACABA AQUI)

RAP DA SEGURANÇA (REPETIÇÃO)

NARRADOR

Chegou a hora da virada. Todas as pesquisas confirmam: Maluf está subindo e Marta está caindo. Pesquisas publicadas no últimos dois dias pelo IBOPE, IG/MCI, pela Toledo e Associados, pelo Vox Populi e pelo Jornal da Tarde de domingo indicam, a mesma tendência: Maluf sobe e Marta cai. Mais alguns pontinhos e o seu voto e vamos para a Vitória. Vamos juntos recuperar SP com Maluf Prefeito, 11

20001026maluf2

26/10/2000

01-16-01:21:05-Fita 21-Eleições 2000

Maluf

Meus amigos a eleição do próximo domingo é muito importante. Os paulistanos estão diante de duas propostas para resolver os graves problemas da cidade, principalmente os problemas como o emprego e a segurança. Nestes dois assuntos é possível ver com clareza que eu e minha adversária, Dona Marta do PT, temos posições completamente diferentes. Sobre segurança, eu defendo maior rigor com os criminosos; ela defende a diminuição de penas para os bandidos. Sobre emprego, eu defendo a rápida ação da prefeitura para criar novos postos de trabalho através de obras que gerem durante e depois da construção. Minha adversária não consegue explicar sua proposta de parcerias, e mais parcerias. Quando fui prefeito, procurei facilitar a vida de quem queria investir em nossa cidade. O partido de Dona Marta, o PT ao contrário, dificulta a chegada de empresas por causa das greves, dos sindicatos radicais e com a má vontade com os empresários. O PT espanta as empresas, e com isso cria o desemprego. Podemos citar inúmeros casos. Como os do ABCD em SP, onde as fábricas foram embora. Mais de 1,5 milhões de metros quadrados de armazéns industriais estão vazios, sem máquinas e sem trabalhadores. Na grande SP temos hoje temos hoje mais de 1,5 milhões de desempregados. Dona Marta do PT nunca cita o Governo do PT aqui em SP. Mas sim a administração distante e desconhecida dos paulistas que é a administração do PT do Rio Grande do Sul. Pois bem lá, eles impediram a instalação de empresas. Como é o caso da Ford e de dezenas de indústrias de auto-peças. Com o Governador do PT e o Prefeito do PT, os gaúchos ficaram sem a Ford e sem milhares e milhares de empregos.

NARRADOR.

Abril de 1999, Ford desiste de fábrica no Rio Grande do Sul

Com a administração do PT, o Estado perdeu a montadora e investimentos de 1,5 bilhão de dólares.

Por causa da decisão do Governador do PT, deixaram de se criados 24 mil empregos para os gaúchos.

A população de Guaíba protestou contra a decisão que impediu a implantação da fábrica no município.

A Ford acabou indo para a Bahia. EM Guaíba restou apenas a desolação e a tristeza dos moradores.

COMERCIANTE-Por causa do PT nós estamos nessa situação hoje. Estamos sem pão, biscoito pra vender aqui.

Maluf

Se eu fosse Prefeito ou Governador, SP não perderia uma grande empresa como a Ford. Uma grande empresa significa desenvolvimento, empregos e impostos para os cofres do Estado e da cidade. Um prefeito tem que facilitar a vida de quem quer investir na cidade e não dificultar como faz no PT do RG dos Sul ou em qualquer outro lugar. Lá também o povo sofre com o desemprego. Mas o Governador do PT preferiu ignorar o sofrimento da população. A Bahia acabou levando a fábrica da Ford, para a alegria dos baianos. Essa é a diferença básica entre a minha candidatura e da Dona Marta do PT

Isenção de IPTU, Cingapura, Leve-Leite, PAS, Piscinões, Canalização de Córregos, Novas Avenidas.

Essas são as obras de Maluf

Projetos sobre: A Interrupção da Gravidez, a Redução de Penas para Criminosos, sobre a União Civil de Pessoas do Mesmo Sexo e livros de Educação Sexual.

Estas são as obras de marta do PT

Quem vc acha que está mais preparado para governar SP?

A violência, a morte, está em promoção aqui no Brasil.

Vcs não saem o que é ter um filho seqüestrado

Maluf

A violência é a principal preocupação dos paulistanos. Essa é outra diferença entre a minha candidatura e a da Dona Marta do PT. Ela tem um projeto para soltar os bandidos antes do fim da pena. Inclusive seqüestradores, traficantes e assassinos. E Eu quero os bandidos na cadeia com o dobro da pena. A população de SP está assustada com a impunidade e com a falta de seguranças. Por isso eu sou contra a proposta da Dona Marta que quer soltas os bandidos. EU ao contrário, quero Tolerância Zero e rigor no combate à violência e aos bandidos. A população está indignada, espera soluções práticas eficientes. Você vai ver agora dois casos que retratam bem esta indignação:

NARRADOR

Janeiro de 97.

O feirante Hélió Cécil perde o filho de 29 anos. O rapaz foi assassinado pelo porteiro de um edifício no bairro da Liberdade. O assassino ainda está solto. O Sr. Hélió lamenta a impunidade. Pede justiça. E por isso diz que é contra o Projeto de Lei da Marta do PT que reduz a pena de criminosos que estudarem na cadeia.

Hélió- Direitos Humanos nunca veio me procurar. Eu nunca tive uma palavra. E eu posso falar, eu sou vítima da violência. E Dona Marta está à favor de soltar bandidos nas ruas? Isso é uma vergonha Dona Marta.

É por isso no primeiro turno eu votei em Paulo Maluf. Vou voltar novamente em Paulo Maluf, nosso prefeito.

Setembro de 97

Mais um caso de violência abala SP. Ives Ota, um garoto e apenas 8 anos foi seqüestrado pelos seguranças do próprio pai. Depois de ficar 11 dias nas mãos dos seqüestradores foi morto sem piedade. O pai do garoto Ives Ota pede uma punição ainda mais severa para crimes como esse.

Massataka Ota- Existem pessoas que é contra essas leis mais severas. Eles acham que precisa haver uma lei alternativa dando aula pros presos, pra diminuir as penas deles. Para que esses criminosos de crimes hediondos saiam mais cedo. Não é isso que vai resolver.

Maluf

Meus amigos, cheguei aos segundo turno graças ao apoio do povo humilde de SP. Estou crescendo nas pesquisas com os votos dos bairros da periferia de SP. Fico muito orgulhoso porque isso significa que o meu trabalho, o que fiz por essa cidade está sendo reconhecido pelas pessoas que mais dependem da ação da prefeitura. Sempre achei que para governar uma cidade do tamanho de SP com os problemas que temos, o prefeito tem que escolher um lado. Tem que definir claramente para quem ele pretende governar. Eu fiz a minha escolha. Quando fui prefeito provei com obras. Não com palavras vazias de que lado eu estou. Governei para os mais humildes. E graças a Deus eles se lembraram disso e me trouxeram até aqui. E vamos juntos para a vitória. Meus adversários, para confundir vcs, ficam dizendo que eu faço obras para os ricos. Cingapura é obra para rico? Leve-Leite é obra para rico? Isenção de IPTU para as casa modestas é obra para rico?

Canalização de córregos da periferia é obra para rico?

Creches é obra para rico?

Meus amigos. Eles podem dizer o que quiserem. Mais não vão esconder de vcs o que fiz por essa cidade. Sempre governei para as pessoas que mais precisam. É pra elas que eu pretendo mais uma vez governar se vc me der a chance e a honra de recuperar SP à partir de janeiro. Se eu contar com o seu apoio e o seu voto, quero fazer em SP a melhor administração de minha vida. Isso vcs podem ter certeza. Muito obrigado.

